

REVISTA EDIÇÃO Nº 126 | DEZEMBRO DE 2025

# CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ILUMINE O NATAL  
DE ALGUÉM

COM O PODER  
DE UM LIVRO

E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS  
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA





EXPEDIENTE / DEZEMBRO / 2025

# SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

# 6

## NESTE NATAL, PRESENTEIE COM LIVROS

Em meio às vitrines iluminadas, às listas de desejos e à correria típica dessa época, existe um presente que nunca perde seu valor: o livro. [...]

Confira + na **pág. 06**

## SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX  
PE  
DI  
EN  
TE

**Ademir Pascale**  
Editor-Chefe  
[ademir@revistaconexaoliteratura.com.br](mailto:ademir@revistaconexaoliteratura.com.br)

**Elenir Alves**  
Assessora de Imprensa  
[elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

ISSN: 2448-1068

## CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook: [@conexaoliteratura](#)  
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)  
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: [ademir@revistaconexaoliteratura.com.br](mailto:ademir@revistaconexaoliteratura.com.br)  
Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



## ÍNDICE

- Neste Natal, presenteie com livros, pág. 06
- Escritor superstar - A moda que começou em um Natal, por Clarissa Machado, pág. 09
- Poema: Rotação e translação, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 17
- Poema: Amores diversos, por Jaff Silva, pág. 19
- Apresentação/Artigo, livro O ser humano não é uma ilha, do autor Francisco Jocivan Costa, pág. 20
- Poemas de Ivana T. Souza, pág. 25
- Série Garças Brancas e Eu, por Sellma Luanny, pág. 28
- Dicas para leitura, pág. 32
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 34
- Tragédia silenciosa de um homem que amou sem saber pertencer - 'Mala Fede', por Rob Alme, pág. 42
- Pira Express e outras histórias, de João Pedro Antelo: Análise literária e cultural na construção da identidade amazônica, por José Flávio da Paz, pág. 50
- Edital de chamada para artigos na 1ª edição do e-book Saberes em movimento, pág. 58
- Ensaio analítico de Amor de Perdição, por Max Moreira, pág. 62
- Dez sonetos para sedução ardente, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 67
- Entrevista com Ângelo Roberto, pág. 73
- Entrevista com Georges Kotsifas, pág. 78
- Entrevista com Jonas Lucio, pág. 82
- Entrevista com Marcelo Rocha Nasser Hissa, pág. 86
- Entrevista com Marco Aurelio Brasil, pág. 91
- Entrevista com Renata Di Carmo, pág. 96
- Citações de grandes autores, pág. 103
- Conto: Presente de Natal, por Roberto Schima, pág. 107
- Conto: J. P. Moutinho e o ataúde dourado, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 120
- Conto: Língua brasileira, por Idicampos, pág. 126
- Conto: Você decide, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 131
- Conto: As estrelas, por Mônica Palacios, pág. 137
- Conto: O odor dos pessegueiros, por Ney Alencar, pág. 140
- Conto: Era uma vez uma era, por Valério Maronni, pág. 145
- Baixe as edições anteriores, pág. 150
- Passatempo, pág. 152
- Mídia kit, 153
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 155



# EDITORIAL

**Caros leitores,**

**Chegamos ao último mês do ano. Dezembro sempre me inspira a refletir sobre o poder das histórias e sobre como os livros acompanham nossas vidas nos momentos mais importantes. Neste Natal, reforço algo que sempre acreditei: presentear com livros é oferecer conhecimento, imaginação e novas possibilidades. É um gesto simples que pode transformar a vida de alguém. Quero agradecer aos leitores que nos acompanham mês após mês, compartilhando essa paixão pela literatura. Agradeço também aos autores que enriquecem nossas edições. Vocês tornam a Revista Conexão Literatura um espaço vivo, inspirador e essencial para quem ama ler.**

**Desejo a todos um Feliz Natal e um próspero Ano Novo, repleto de paz, saúde, boas histórias e novas conquistas. Que 2026 venha iluminado para todos nós.**

**Para saber como participar da nossa edição de janeiro/2026, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.**



*Ademir Pascale*

ESCRITOR E EDITOR

E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)





# NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS PATROCINADORES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**Joaquim Cândido de Gouvêa**

Instagram: @joaquimgouvea\_



**Casa Brasileira de Livros**

[www.casabrasileiradelivros.com](http://www.casabrasileiradelivros.com)



**Roberto Schima**

Leia seus textos no site da  
Revista Conexão Literatura:  
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



**Luciana Simon de Paula Leite**

Instagram: @lucianasimonleite



**Mirian Menezes**

Escritora Independente  
Seus livros podem ser  
adquiridos pelo link:  
[encurtador.com.br/igdpm](http://encurtador.com.br/igdpm)



**Gilmar Duarte Rocha**

[www.gilmarduarterocha.com.br](http://www.gilmarduarterocha.com.br)  
Instagram: @gilmarduarterocha



**Clarissa Xavier Machado**

Instagram: @clarissaxmachado



**FAPAZ – Cursos EAD  
Educação a Distância**

Instagram: @fapaz.br  
Facebook: fapaz.rn

APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA E FAÇA PARTE DESSE TIME.  
SAIBA COMO:

**clique aqui**





# NESTE NATAL, PRESENTEIE COM LIVROS

REVISTA CONEXÃO LITERATURA - DEZEMBRO/2025

POR ADEMIR PASCALE

"Em meio às vitrines iluminadas, às listas de desejos e à correria típica dessa época, existe um presente que nunca perde seu valor: o livro. [...]"

**Livros também têm a magia de se tornarem eternos. Podem ser relidos, emprestados, guardados com carinho e até passados para novas gerações.**

Sempre que o mês de dezembro chega, eu me pego refletindo sobre o verdadeiro significado de presentear. Em meio às vitrines iluminadas, às listas de desejos e à correria típica dessa época, existe um presente que nunca perde seu valor: o livro.

Falo isso não apenas como leitor aficionado por livros, mas como alguém que já testemunhou o grande impacto que uma boa leitura pode causar. Presentear com um livro (e também com HQ's) é entregar mais do que páginas impressas — é oferecer um futuro diferenciado e um momento de pausa em meio ao caos e ao cotidiano. É um gesto que permanece e que pode criar laços.

Quando escolhemos um livro para alguém, existe ali um cuidado especial. Pensamos no estilo de leitura da pessoa, nas histórias que podem inspirá-la, emocioná-la ou simplesmente acompanhá-la num fim de tarde. É como dizer: "Eu te conheço, e por isso escolhi algo que fará diferença na sua vida."





# NESTE NATAL, PRESENTEIE COM LIVROS

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Livros também têm a magia de se tornarem eternos: podem ser relidos, emprestados, guardados com carinho e até passados para novas gerações. Enquanto outros presentes se desgastam com o tempo, um livro continua oferecendo descobertas, mesmo anos depois.

Neste Natal, acredito que presentear com literatura é uma forma de espalhar calma, afeto e conhecimento. É incentivar novos leitores, apoiar autores e editoras nacionais e valorizar a cultura que nos cerca. É, enfim, dar oportunidade para que alguém viaje sem sair do lugar.

Se você ainda está em dúvida sobre o que colocar na sacola de presentes este ano, experimente escolher um livro. Talvez seja justamente esse gesto simples que tornará o Natal de alguém muito mais especial.

“Os livros são abelhas que levam o pólen de uma inteligência a outra.” – James Russell Lowell

## SOBRE ADEMIR PASCALE

Paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Criador e Editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetoautoestima.com.br>). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de S. Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro “Nouvelles du Brésil” (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Autor dos romances “Jornal em São Camilo da Maré” e “O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe”. Entre a organização de suas antologias, estão os títulos “O Legado de Edgar Allan Poe”, “Histórias Para Ler e Morrer de Medo”, “Contos e Poemas Assombrosos” e outras. Escreveu a introdução do livro “Bloody Mary – Lendas Inglesas” (Ed. Dark Books). Contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



REVISTA CONEXÃO LITERATURA





GRANDE PRÊMIO  
HAIJIN DO BRASIL

**R\$ 15.000,00**  
***em prêmios!***



**Concurso para *haicais***



**O *maior prêmio* para haicais em Língua  
Portuguesa!**

**Saiba mais** na página oficial:

[www.casabrasileiradelivros.com/haijin-do-brasil-2025](http://www.casabrasileiradelivros.com/haijin-do-brasil-2025)

古池や蛙飛び込む水の音



# ESCRITOR SUPERSTAR

A MODA QUE COMEÇOU  
EM UM NATAL

*Por Clarissa Machado*





**SOBRE A AUTORA:** Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. Autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)", é Mediadora de Leitura e ativista do Direito à Literatura, do Turismo Literário e da Cultura de Paz.

Muitas pessoas acreditam naquela imagem arquetípica do escritor - o gênio esquisito recluso; bem, em parte, elas estão certas. Há, de fato, escritores que se afastam do convívio social e que até “desapareceram do mapa” após o seu primeiro *bestseller*, como foi o caso de Harper Lee. No entanto, a maior parte dos denominados ícones da literatura mundial atua(va) como uma verdadeira celebridade, ou na classificação do escritor canadense Alexei Maxim Russell, como um ‘raio de sol’.

Russell foi responsável por organizar os escritores de acordo com o seu *modus operandi*, aplicando estudos da neuropsicologia e, mais especificamente, o conceito de motivação presente na *teoria social cognitiva* do também canadense Albert Bandura. Para Alexei Russell, seriam seis as motivações que levam um indivíduo a escrever e, logo, seis tipos de escritores: o solitário **recluso esquisito** (weird recluse) como Emily Dickinson; o criativo **cadete espacial** (space cadet) como Lewis Carroll; o superstar **raio de sol** (ray of sunshine) como Oscar Wilde; o ganancioso **mãos oleosas** (greasy palm) como Truman Capote; a temida **pessoa raivosa** (angry person) como Ayn Rand, e o infeliz **fracassado amargurado** (bitter failure), este que acabaria por se converter em editor cruel por acreditar que ninguém reconhece o seu talento.

*Todos os dias eu escrevo o livro*  
*Capítulo Um: Nós não nos dávamos muito bem*  
*Capítulo Dois: Acho que me apaixonei por você*  
*you disse que ficaria ao meu lado no meio do Capítulo Três,*  
*mas você voltou com seus velhos truques nos Capítulos*  
*Quatro, Cinco e Seis..*  
 (Elvis Costello, Everyday I write the book, 1983)

O *raio de sol* é aquele que, naturalmente, chama a atenção por ser como o próprio raio de sol - luz, brilho e esplendor - por onde quer que passe. E não pensem que esse tipo de “figura” é uma novidade; ao contrário, os *raios de sol* são tão antigos quanto a própria Literatura. Passeando pela linha do tempo da história do mundo, encontramos aedos, bardos, vates, jograis, menestrelis, rapsodos, escaldos e trovadores, todos performáticos e itinerantes atuando como verdadeiros *popstars*. Onde quer que chegassem esses escritores dos tempos pretéritos, cativavam as pessoas com seu carisma, sua alegria e uma capacidade imaginativa sobrenatural (e até profética). Naqueles tempos, um escritor era, ao mesmo tempo, criador, redator, produtor, diretor, intérprete, cantor, músico, figurinista, coreógrafo, bailarino e *entertainer*; em suma: um artista completo.



*Charles Dickens*  
*é isso que é preciso para fazer*  
*muita diferença na vida de alguém*  
*uma criação totalmente nova*  
*Charles Dickens*  
*apenas algumas de suas palavras já são suficientes*  
*para mudar a opinião de alguém*  
*com sua imaginação.*  
 (Daniel Michels, Charles Dickens, 2020)

Um giro rápido na História e nos deparamos com escritores em turnê, moda inventada por Charles Dickens em 1858, na ocasião do lançamento de sua obra-prima “A Christmas Carol” (Um Conto de Natal), sob o nome de *Reading Tour* e que perdurou 15 anos em palcos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, totalizando 128 apresentações. Mark Dickens, em entrevista à National Geographic (2014), comentou que seu tetravô Charles foi o primeiro *superstar* do mundo e que era recebido pelo público como um *rockstar*. Um *Conto de Natal* não foi apenas um sucesso estrondoso, aclamado pelo público e pela crítica; foi muito mais: foi o *masterpiece* que consolidou tanto as tradições natalinas que conhecemos, quanto a “obsessão” que têm os falantes da língua inglesa pelo *Christmas Season*; tudo isso teve sua origem nos *Book Shows* de Dickens, espetáculos que, pouco tempo depois, inspiraram o escritor irlandês Oscar Wilde a organizar seus próprios *Lecture Shows* nos Estados Unidos e no Canadá. Em janeiro de 1882, Wilde realizou 141 shows em 11 meses e em mais de 150 cidades, o que foi considerado um fenômeno comercial sem precedentes.

Mark Twain, o pai da Literatura Americana, pegou carona na moda e, em novembro de 1884, saiu em *tournee* pelos Estados Unidos, consagrando-se como a primeira grande celebridade americana e sendo rapidamente copiado por artistas de outras áreas. Sua consagração como astro top das Artes Literárias atravessou séculos e em setembro de 2011, em alusão aos 100 anos de seu falecimento, foi lançado o álbum *Mark Twain: Words and Music* que, em julho de 2012, alcançou a 28ª posição nas paradas de Folk Music.

*Mark Twain, levante a ponte e comece o show.*  
 (Harry Belafonte, Mark Twain, 2011)

Cumprе mencionar que o sucesso de Twain não se deu exclusivamente por seus *book tours*, mas também por seu *writer style*. As fotos usadas para divulgação de suas obras o apresentavam como um homem de cabelos desgrehados, bigodes de morsa e vestindo ternos de linho - uma imagem icônica, e bom, para alguns, um verdadeiro figurino, pois o transformava em algo além do que um simples escritor. Com seu *writer dressing style*, Twain tornou-se o protagonista do livro de sua própria vida. E, como toda personagem precisa de estilo... Ele tinha o seu, e bastante peculiar; afinal, a pessoa que é o escritor é uma coisa; outra coisa é o escritor em seu labor, tanto é assim que não é difícil encontrar *coaches* oferecendo para escritores iniciantes cursos de “how to dress like a writer”.



Quem poderia imaginar, não é mesmo? O escritor, aquele silencioso trabalhador da palavra, como alguém que é ele mesmo um *branding*, cuja “marca registrada” pode ser uma coisinha de nada, como um bigodinho *fashion*, uma cartola *steampunk*, um amuleto medieval, um “*Bette Davis Eyes*”, um certo tipo de roupa ou até a ausência de roupas. E foi assim que, no início do século XX, em páginas de revistas, em trajes menores, surgiu um *sex-symbol*. Quem disse que escritor não tem *sex appeal*? Tem sim, e muito, e William Faulkner provou isso com suas charmosas fotografias sem camisa, escrevendo, como quem não quer nada, seus textos em uma máquina de datilografar.

Pode acontecer também de um escritor encarnar tão bem seu “personagem” que o público passa a confundí-lo com um ser mágico, como nos casos de Angela Carter (a fada) e de Mariana Enriquez (a maga), apontadas como *fenômenos pop* da literatura moderna, ambas associadas ao arquétipo literário da *white witch* (bruxa branca ou bruxa boa) que tem como referência a personagem Glinda, do clássico O Maravilhoso Mágico de Oz (1900), de L. Frank Baum. Especificamente, a respeito de Mariana, a sua legião de seguidores quer saber e quer comprar tudo o que Mariana consome. E mais: querem passar pelos lugares onde ela esteve - todos os cemitérios visitados por Mariana Enriquez, recebem anualmente a visita de muitos de seus leitores, à semelhança do que sucede no “Oscar Wilde Walk Tour” que abarca Londres, Paris, Roma e Nova Iorque, lugares que não apenas estão nos livros de Wilde, mas que, de algum modo, se conectam ao escritor. Por este prisma, é evidente que o *book tour* é um potencial aliado do Turismo Literário e um sucesso garantido.

A Literatura, respeitável público, é um espetáculo desde os tempos de juglaresas como María Balteira. No chão, na rua, ao redor de uma fogueira, dentro de uma caverna, no palco - lá está o escritor em cena, um picatrix, com a sua leitura arrebatadora em um sarau, recital ou tertúlia, com muita ou alguma técnica vinculada a outras artes, como teatro, dança, arte circense, música e canto; que podem ser aprendidos, nos dias de hoje, em aulas de Leitura Criativa, sobretudo vertentes como performática, expressiva, cantada e sensorial; e em cursos de Escrita Criativa, como o *Superstar Writers Course*, da Universidade de New Hampshire.

*Prezado Senhor, Prezada Senhora, você leria meu livro?  
Levei anos para escrevê-lo, você daria uma olhada?  
É baseado em um romance de um homem chamado Lear.  
E eu preciso de um emprego.  
Então, eu quero ser um escritor de livros de bolso.  
(The Beatles, Paperback writer, 1966)*

Saltando no tempo, chegamos a 1945 com Gertrude Lawrence, que popularizou o *Book Tour* e incluiu ao “pacote” aparições públicas recorrentes, gravações e cobertura midiática. Pela primeira vez, um *literary tour* reunia comunidade literária e imprensa. E, aos *book shows*, além de performances poéticas, foram acrescentados acompanhamento musical, o que, na realidade, é uma prática antiga e que foi sendo resgatada ao longo das décadas, tendo seu auge com o grupo madrileno Aguaviva (1969-1979), que, além de discos em espanhol, também gravou em italiano interpretações de poemas andaluzes.

As performances literárias em teatros prosseguiram exitosamente e atingiram seu ápice com a escritora estadunidense Maya Angelou, que, por três anos (1994, 1995 e 2003), ganhou o Grammy Awards na categoria de Melhor Álbum Falado, o *Grammy for Best Spoken Word Album*. Diga-se de passagem, Maya, em 1993, foi convidada a participar da abertura de uma posse presidencial nos Estados Unidos, declamando seus poemas; o que a colocou em um patamar diferenciado, uma vez que até hoje apenas Robert Frost (1961), Miller Williams (1997), Elizabeth Alexander (2009), Richard Bianco (2013) e Amanda Gorman (2021) foram convocados para semelhante honraria.

Impõe-se observar que o escritor não é mero beletриста; ele precisa ser visto publicamente (isso não é estrelismo), precisa compartilhar e exibir seus livros, tornando-os parte da sociedade do espetáculo, como conceitua Guy Debord. Escritores são *plêiade*, são *show people* - *showmen* e *showgirls* - das artes literárias, e sua produção consiste na criação e disseminação de obras artísticas que integram a indústria do entretenimento, ou seja, do *show business*. Ademais, escritores têm função social relevante, razão pela qual é tão comum que sejam ativistas de Direitos Humanos e da Cultura de Paz, exercendo papel proeminente no ecossistema das *Culture and Creative Industries (CCIs)*, com obras que, frequentemente, servem de fonte-base para as indústrias fonográfica e cinematográfica.

*Escritora na TV*  
*ela sabia tudo sobre uma história...*  
(Dire Straits, Lady Writer, 1979)

A turnê literária, dos tempos de Dickens aos tempos modernos, sofreu diversos ajustes, sendo o maior deles o de 1960, quando a escritora estadunidense Jacqueline Susann criou um novo modelo: a *turnê* promocional diretamente das livrarias, com sessões de autógrafo, aparições em todas as mídias e encontros com o público em diferentes países.

Registre-se, por oportuno, que a maior entusiasta da Literatura hoje é a escritora e comunicadora Oprah Winfrey, uma das mais leais apoiadoras dos escritores, e que, ao longo dos anos, tem dedicado muitos de seus programas de televisão à apresentação e divulgação de autores. Oprah possui sua própria rede de televisão, a Oprah Winfrey Network (OWN), e no *Oprah Book's Club* (1996), recentemente conectado ao *Oprah Podcast*, ela recomenda livros, esmiúça os benefícios da leitura e conversa com escritores, sendo, por esse motivo, considerada também uma *book promoter*. Por todos os seus esforços na propagação de livros e escritores, Oprah foi homenageada por Kathleen Rooney na obra *Reading with Oprah: The Book Club That Changed America* (2005), na qual é possível mensurar a importância do acesso à literatura para toda uma nação.

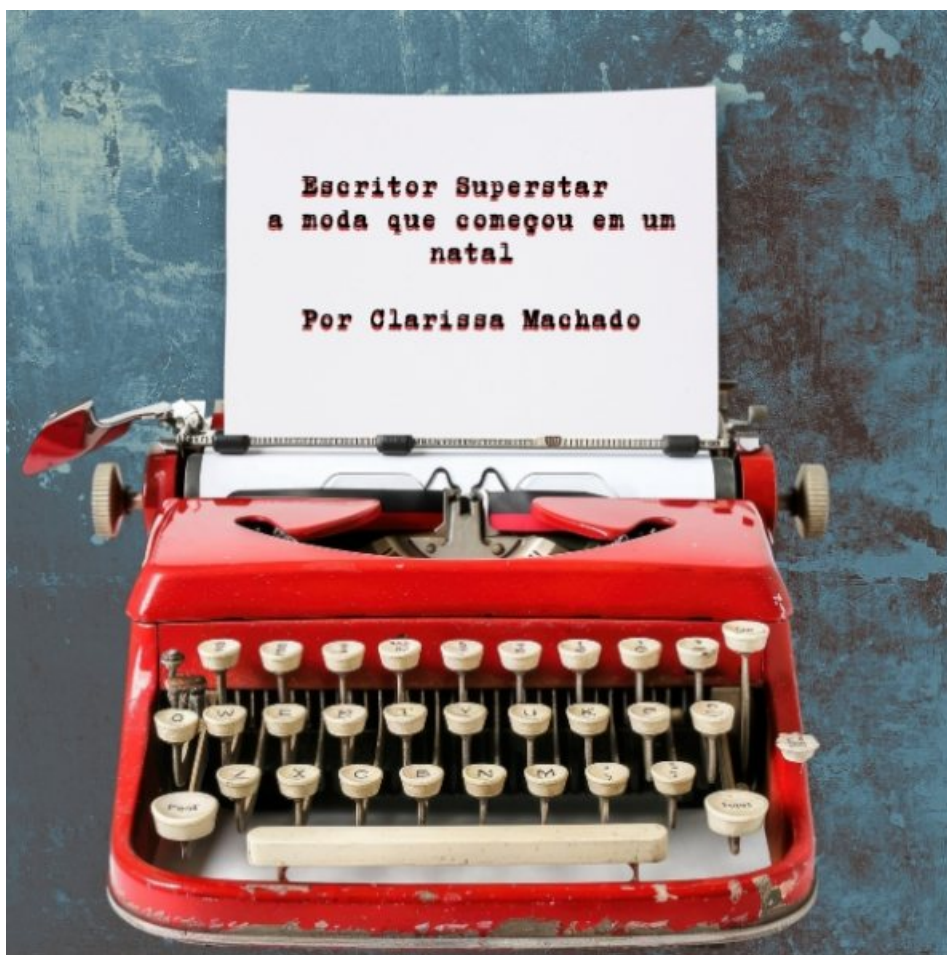
Atualmente, um *Literature Show* é “o que há” e está mais em alta do que nunca. Artistas como Matthew McConaughey têm se aventurado publicando seus próprios textos e realizando - adivinhem: *book tours*! McConaughey promoveu a "Poems & Prayers Revival Tour", turnê que aconteceu em setembro deste ano em cinco cidades estadunidenses, onde apresentou *spoken word* (palavra falada), roda de conversas, trazendo um convidado musical especial.



Nesta esteira, acompanhamos o renascimento do *Tiny Desk Concert*, projeto criado em abril de 2008 pela rádio NPR dos Estados Unidos, mas que virou *trend* neste setembro com as performances do escritor, compositor e cantor Fito Páez, conhecido como ‘o Trovador do Rock Argentino’, cujo primeiro livro de poesia, “*El hombre del torso desnudo*”, foi publicado em agosto.

*Ainda estaremos escrevendo nos próximos anos  
bocejos sufocantes aos domingos  
à medida que os fins de semana desaparecem  
poderíamos esticar as pernas se nos importássemos  
mas não nos perturbe se nos ouvir tentando  
instigar a estrutura de mais uma ou duas linhas  
porque a escrita está iluminando.*  
(Elton John, Writing, 1975)

Destarte, e por fim, senhoras e senhores, não se pode ignorar que o escritor, mormente o *raio de sol*, sempre foi e ainda é (ou deveria ser reconhecido como) um mega *superstar*, um artista nato cuja emoção brota da conexão com sua alma e com outras almas, porque ser escritor é canalizar sentimentos, resgatar memórias e vislumbrar futuros - ele é o único ser no planeta capaz de conjugar passado, presente e futuro em um único momento temporal: o “agora deste breve instante”, que é simultaneamente o anterior, o hodierno e o vindouro.



CONHEÇA A ONG



CÃO SEM DONO



SÃO CENTENAS DE CÃES QUE AGUARDAM POR SUA AJUDA

**SAIBA MAIS:**

[www.caosemdono.com.br](http://www.caosemdono.com.br)



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

[WWW.INSTAGRAM.COM/CAOSEMDONO.OFICIAL](https://www.instagram.com/caosemdono.oficial)

[WWW.CAOSEMDONO.COM.BR](http://WWW.CAOSEMDONO.COM.BR)





**SEU ANÚNCIO  
AQUI**

*CLIQUE AQUI  
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*



**POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA**

# Rotação e Translação



**Mundo doente,  
contigo adoeci!  
Dá-me o elixir  
das coisas boas e leves...  
Mundo doente,  
eu preciso sorrir!**

**Mundo carente,  
contigo esmoreci!  
Dá-me o desejo  
de sentir e coexistir...  
Mundo indecente ,  
que tal não insistir?!**

**Mundo complexo,  
que gira no universo,  
atado em grande nó,  
fica "logo" curado!  
Mundo de tanta gente,  
por favor,  
de toda gente  
tem dó!**

Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da UBE – União Brasileira de Escritores, dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.



# Tempo de recolher as folhas

Mirian Menezes de Oliveira



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.

Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la! Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

**ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI**

**CLIQUE AQUI →**



# Amores Diversos

Por Jaff Silva

Ao longo da vida vivi amores diversos  
Que hoje reverencio em meus versos.  
Cada amor tem sua linguagem característica  
Que no início, para nós, parece mística.

Mas durante a convivência, nós a deciframos  
Em parceria com aqueles que amamos.  
Flo com seu olhar sereno, contra muita gente  
Me defendeu fortemente com unhas e dentes.

Den fazia o tipo tranquilo e sisudo  
Mas nos carinhos vinha com tudo.  
Tó tinha uma personalidade emotiva,  
Inteligente e terrivelmente criativa.

Yu gostava de sempre estar nas proximidades  
Mas era um pouco arredo nas intimidades.  
Tó e Yu conviveram com um pouco de ciúmes  
Mas nunca escutei claros queixumes.

Tó amava e não fazia nenhuma fita  
Quando no jantar tinha mandioca frita.  
Quando dividíamos um pão de queijo  
Eu e Yu sempre trocávamos um beijo.

Tó de futebol na TV era realmente fã,  
Yu e eu caminhávamos toda manhã.  
Assim vivíamos, eu falando português  
E meus amores sussurrando “cachorrêz”.



---

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, “Versos Sem Dó”, na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). As versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras. Vários REELS e vídeos curtos de poemas estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst) e no Youtube (@jaffkamphorst).



FRANCISCO JOCIVAN COSTA

# Apresentação/*Artigo*



"A literatura é um dos alicerces da nossa existência – não apenas como arte, mas como instrumento de revelação, denúncia e transformação."

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)



A literatura é um dos alicerces da nossa existência — não apenas como arte, mas como instrumento de revelação, denúncia e transformação. Em tempos marcados por egoísmo exacerbado e desigualdade social crescente, o livro *O ser humano não é uma ilha*, de Francisco Jocivan Costa, publicado pela Editora Lux em 2025, emerge como uma narrativa de rara sensibilidade, brotando da periferia de Fortaleza para tocar o coração do Brasil. Inspirado por uma reportagem real, o conto ficcionaliza a vida de Arquipélago Silva, um jovem negro, pobre e solitário, cuja trajetória marcada por racismo, bullying e abandono encontra redenção na improvável amizade com um cão vira-lata chamado Polegar.

A qualidade literária da obra se revela desde as primeiras linhas, com uma escrita que combina lirismo e contundência, emoção e crítica social. Francisco Jocivan Costa constrói um universo narrativo onde cada palavra parece escolhida com precisão poética, cada cena desenhada com a delicadeza de quem conhece profundamente a dor humana. Arquipélago Silva é um personagem de múltiplas camadas, cuja complexidade psicológica é explorada com maturidade e empatia. Sua jornada é marcada por dor, resistência e uma busca incessante por afeto e dignidade — elementos que o autor transforma em matéria literária de alta densidade simbólica.

Ao lado de Arquipélago, Polegar, o cão ferido e rejeitado, transcende o papel de coadjuvante e torna-se um eixo narrativo e emocional. Sua presença é mais que afetiva: é filosófica. Ele representa a lealdade que não exige explicações, o amor que não cobra reciprocidade, a humanidade que, paradoxalmente, se manifesta em um animal. A relação entre Silva e Polegar é construída com beleza e profundidade, revelando uma amizade que desafia o abandono humano e indica que, mesmo na dor, o afeto pode florescer.

A obra dialoga com a tradição da literatura brasileira que se compromete com os esquecidos. Como Lima Barreto, Francisco Jocivan Costa dá voz aos marginalizados, aos que vivem à sombra das instituições, aos que são silenciados pela estrutura social. Arquipélago Silva, como Policarpo Quaresma, é um personagem que carrega em si a ingenuidade ferida e a esperança frustrada de um país que não acolhe seus filhos mais vulneráveis. E como Graciliano Ramos, o autor constrói uma narrativa seca, precisa e profundamente humana, onde a dor não é espetáculo, mas matéria de reflexão. A solidão de Arquipélago ecoa a de Fabiano, em *Vidas Secas*, e Polegar, como a cadela Baleia, é símbolo de uma ternura que resiste à brutalidade do mundo.

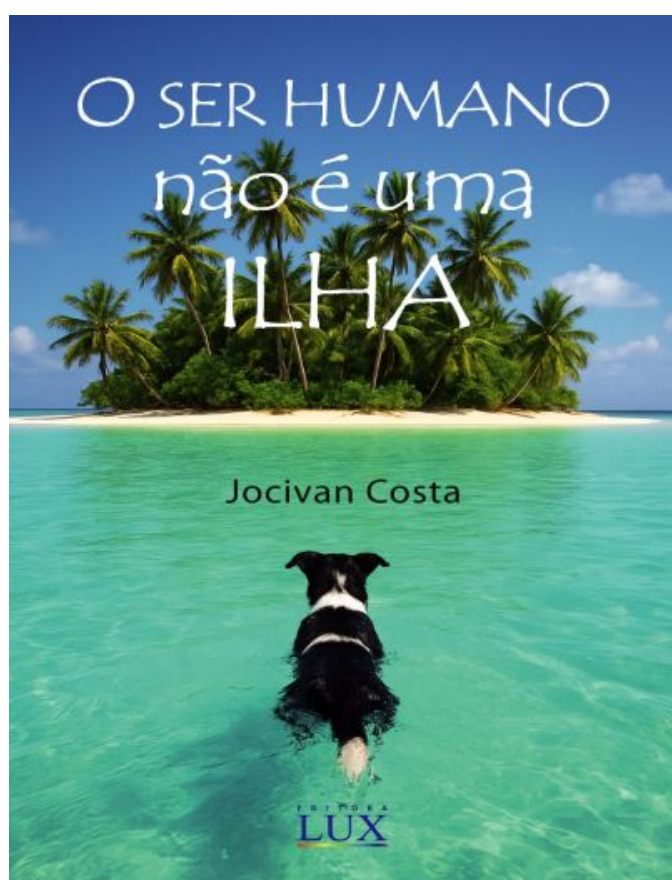
A obra não se limita a contar uma história triste. Ela denuncia, com elegância e força, o racismo estrutural, a omissão institucional, a negligência familiar e o descaso coletivo que ainda assolam milhões de brasileiros. É um lamento literário contra a indiferença, um convite à empatia e à ação. Ao mostrar que até um cão pode ser mais humano que muitos homens, o autor expõe a falência das relações sociais e da solidariedade. O livro encerra com um epitáfio de beleza comovente, que eterniza a amizade entre Silva e Polegar, deixando a mensagem de que ninguém deveria viver — ou morrer — sozinho.



A escrita de Francisco Jocivan Costa é marcada por ritmo fluido, imagens vívidas e uma cadência que alterna entre o poético e o trágico, o contemplativo e o urgente. Sua prosa é ao mesmo tempo acessível e sofisticada, capaz de dialogar com leitores diversos sem abrir mão da profundidade. Trata-se de uma obra que honra a tradição da literatura engajada, mas sem perder o refinamento estético — um equilíbrio raro e valioso.

Quando o Estado e a sociedade se calam diante das injustiças contra os fracos e oprimidos, a literatura precisa gritar. E este conto grita com profundidade, com poesia, com verdade. Que encontre espaço nas colunas da *Revista Conexão Literatura* e em tantos outros lugares onde a palavra ainda tem poder. Que inspire leitores a refletirem sobre o Brasil que temos — e o Brasil que ainda podemos construir.

**Para adquirir o livro, acesse:**  
<https://www.editoralux.com.br/loja/produto/o-ser-humano-nao-e-uma-ilha>  
 ou <https://a.co/d/91AQbj1>



## SOBRE O AUTOR:

**Francisco Jocivan Costa de Lima** é um profissional com sólida formação em educação, gestão e finanças. Possui graduação e diversas pós-graduações, incluindo MBA em Gestão Financeira. Atuou no Banco do Brasil e atualmente contribui no Banco do Nordeste com sua expertise em produtos e serviços. Paralelamente, lecionou Língua Portuguesa em instituições como a UVA, promovendo formação crítica e cidadã. Sua trajetória combina prática profissional com vocação pedagógica, pautada pela ética e compromisso social.



# ATENÇÃO

## Ação Popular Ambiental

Se sua Cooperativa, ONG, ou Associação desejar propor uma lei ambiental na esfera municipal ou estadual – a “Teoria de Estado” pode auxiliar com normas técnicas que atendam aos padrões legislativos e ambientais. Revisão, Redação, e Consultas.

VALOR: R\$ 200,00 pela orientação da ação popular, quando da lei promulgada

**Contato: [fjoppert@hotmail.com](mailto:fjoppert@hotmail.com)**

a/c Flavio Joppert





PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS CONTEMPORÂNEOS

VOL. VII

ORGANIZADOR  
ADEMIR PASCALE

## POEMAS CONTEMPORÂNEOS

VOLUME VII

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

# AR

*Por Ivana T. Souza*

Sua Majestade! O ar!  
Invisível, incolor, insípido.  
Elemento da nossa mãe Terra,  
Indispensável à vida.

Na brisa do amanhecer, o céu anil, anuncia Um novo dia. No ar fresco do poente a cair,  
O céu rubra, finda o dia.  
Zéfiro, deus do vento, pelos ares, espalha  
Sementes nos vales e planícies.

Ar suave de primavera em flor, que  
Perfuma a vida e a natureza.  
Ar quente de verão tropical; de cigarras Multicolores, em cantoria.  
Ar brando de outono; de folhas secas,

Amarelas, vermelhas, outonadas.  
Ar de inverno; de geleiras, e de neve Branquejando vales e montanhas.  
Ar puro de serras, de campos, e de verdes Matas.

Ar puro de cachoeiras, de lagos e rios.  
Ar rarefeito de oceanos, e de altas Cordilheiras. Ar que abraça a Terra, os  
Seres e a imensa vida.  
Nas asas do vento, as borboletas bailam.

Em brancas nuvens, as andorinhas cortam O ar. Leveza do ar, que transporta  
Sinfonias, que encantam e elevam a Acústica da alma. Ar de inspiração e  
Expiração, sopro de Vida, fôlego Divino.

Elemento precioso de expansão e Movimento, que permeia a existência e  
A evolução da Fagulha divina, destinada  
Aos resplendores das belezas eternas  
Do Infinito.

Para Rosângela Fiera

Ivana T. Souza, nasceu em Barro Branco,  
Distrito de Lauro Muller, Sul de Santa Catarina.  
Atualmente reside em Joinville - SC. É  
esperantista. Escreve contos, microcontos,  
poemas, poesias e participa de concursos  
literários.  
E-mail: [ivana.souzat@gmail.com](mailto:ivana.souzat@gmail.com)  
Instagram: [ivana\\_souzat](https://www.instagram.com/ivana_souzat)







# TERRA

Por Ivana T. Souza

Terra de todas as cores.  
Terra orgânica, terra úmida; terra humosa.  
Terra de todos os odores.  
Terra clara, avermelhada; terra arenosa.  
Solo argiloso; matizado e amarelado.  
Solo calcáreo; branco e acinzentado.

Terra preta, terra escura, terra roxa,  
Terra fecunda, berço das sementes  
Que nos dão o pão e, a violeta-roxa.  
Terra que se doa inteiramente.

Bendita lama! Bendita argila!  
Fonte de cura que alivia a dor.  
Bendito pântano! Teu lírio destila  
Perfume no vale; é candura em flor.

Bendito lodo! Elemento sagrado!  
Eclode e sustenta a vida no abissal.  
Bendita areia, no deserto ensolarado;  
No vendaval é duna e, também é sal.

Bendito barro cru! No torrão agreste,  
Com pau a pique, é moradia e proteção.  
Terra sem riacho, terra sem cipreste;  
Terra seca, rachada pelo sol do sertão.

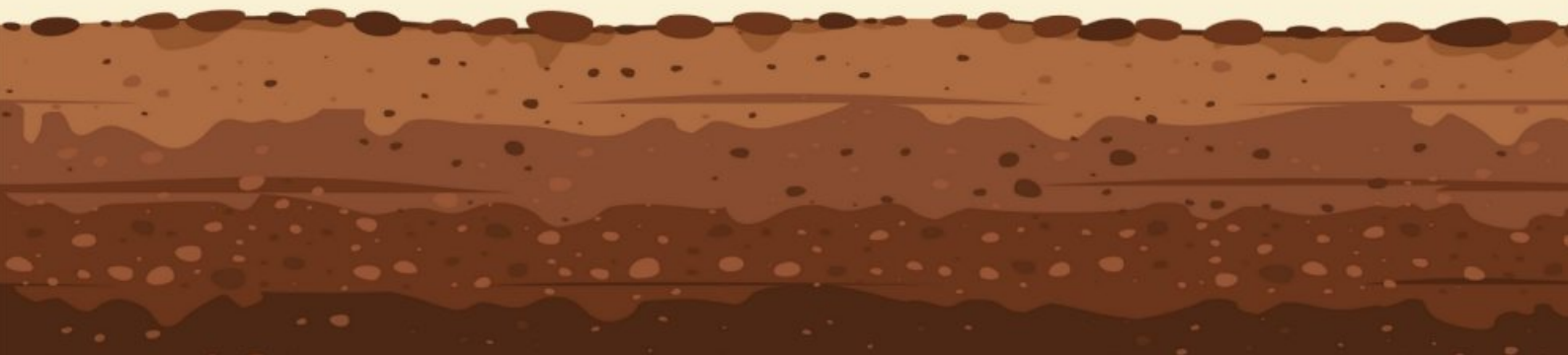
Terra vermelha, terra rosada, terra coral.  
Terra multicolor; acolhe a Fagulha divina  
Em evolução. Morada telúrica! No Cosmo Sideral, também é semente em  
evolução  
Nos jardins de luz da Criação.

Ivana T. Souza, nasceu em Barro Branco, Distrito de Lauro Muller, Sul de Santa Catarina.

Atualmente reside em Joinville - SC. É esperantista. Escreve contos, microcontos, poemas, poesias e participa de concursos literários.

E- mail: [ivana.souzat@gmail.com](mailto:ivana.souzat@gmail.com)

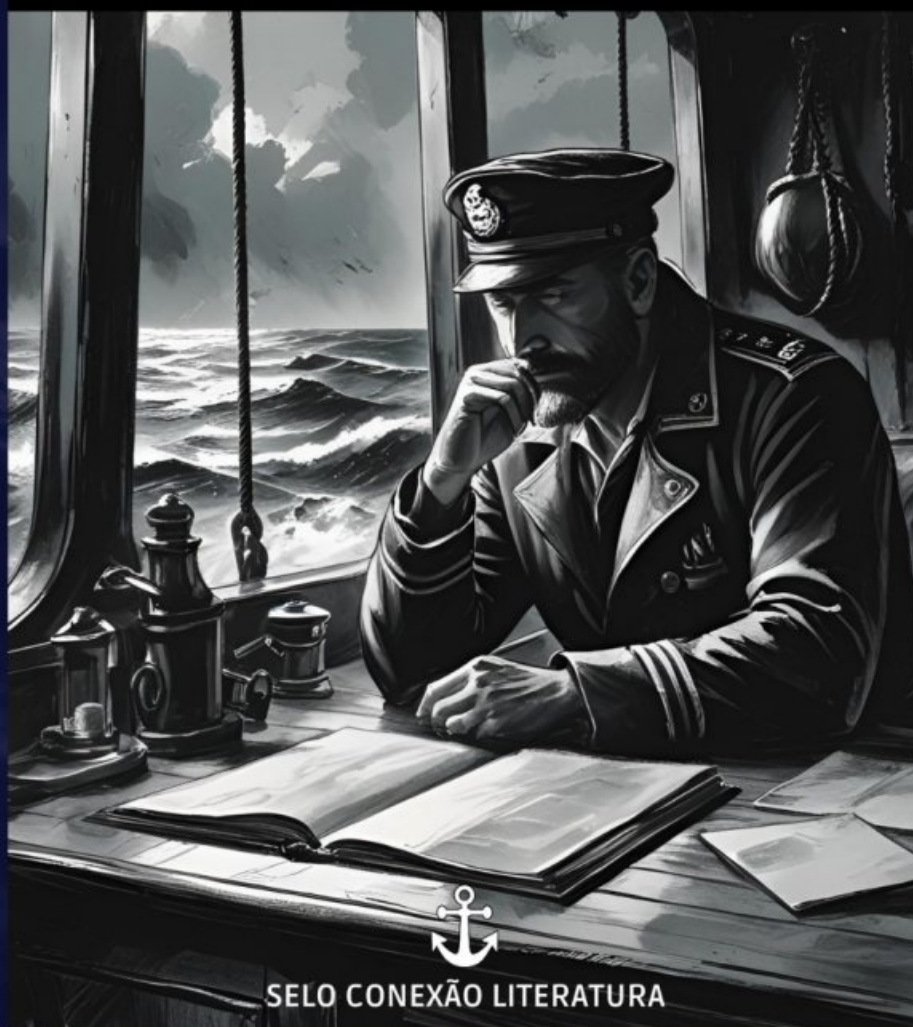
Instagram: [ivana\\_souzat](https://www.instagram.com/ivana_souzat)





# A VOZ DO OCEANO

Por Roberto Schima



## A VOZ DO OCEANO POR ROBERTO SCHIMA

Um comandante de navio relembra a sua infância. Sempre foi um moleque que amava o mar. Vivia em um barraco e era filho único de um pescador e sua esposa. Desde pequeno fora apelidado de Ratinho. Era um menino bronzeado, cabelos pretos e encaracolados. O que mais gostava de fazer era caminhar pela praia a cata de "tesouros": conchas marinhas e o que mais achasse interessante. Um dia, uma forte tempestade se abateu sobre o lugar. A ventania causou estragos, e as ondas fortes trouxeram tudo quanto é tipo de destroços, principalmente restos de vegetação oriundos de um rio próximo. A mãe de Ratinho temeu pela sorte do marido, que saía cedo de barco para pescar. Apesar da preocupação e da sujeira na praia, como o mar havia se acalmado, ela permitiu ao menino fazer o que mais gostava: explorar a praia. Foi quando ele viu, além de toda a sujeira, um grande emaranhado de detritos envolto por uma rede em frangalhos. E qual não foi o seu susto ao descobrir que, dentro dele, havia uma criatura misteriosa... E viva!

DOWNLOAD GRATUITO: [CLIQUE AQUI](#)





## Então, Entendi

Por Sellma Luanny

Quase pararam de para cá vir.  
E quando vêm, voam para longe...  
e rapidamente, o retorno.  
Na sua volta, uma certa urgência.  
Não compreendia o porquê.

Numa tarde, com tempo mais quente e sol presente...  
resolvi andar... e investigar.  
Contornando a orla do rio  
e um ângulo agudo, pela esquerda,  
logo à frente, um braço interior da foz...  
com uma larga extensão d'água.

Lindo! Flocos vários de brancas garças...  
ou isoladas... sobrevoavam aquela área.  
Depois de saciadas, a um verdejante  
e pantanoso local, ao fundo, dirigiam-se...  
A tal reserva para aves – sabida, mas por mim,  
de perto, não vista -, deve ser-lhes morada!

Tranquilei-me por agora...  
Mais protegidas e protegendo...  
A sua prioridade... as crias... a continuidade.  
Tudo em prol do seu futuro.  
Se por acaso, daqui partirem...  
a continuidade em outro lugar.



Série GARÇAS BRANCAS E EU



## Poucas. Mas Estão

Por Sellma Luanny

Amanheceu. Da minha janela, consigo vê-las...  
a primeira, a segunda, a terceira...  
na minha conta, aqui estão...  
isoladas, mas presentes.

Sensação de alívio e constância.  
São luzes... ao sol, adicionais...  
e nas cinzentas manhãs, faróis.  
Vidas na Natureza, preciosas.

Na sua existência... à vista...  
e na de muitos outros, só sabidos,  
não estamos sós. Apesar da culpa,  
a nossa ganância ainda tem cura.







## Amanhecendo Cedo

Por Sellma Luanny

Uma ou outra já se apresentam à minha frente...  
Dominando o aéreo espaço, uma vai ao longe.  
E outra segue... na sua diária e contínua labuta.  
E outro intervalo... sem suas presenças.

Volto às minhas expectativas... mas pacientemente.  
No universo natural sou um peso negativo... mas consciente.  
E faz-me doer e remoer esta consciência... a impotência.  
O pouco que faço é muito pouco.

Um dilema diário e constante... a dualidade mental.  
Forçada ou não, distanciando do natural na minha ascendência.  
O meu meio e redondeza longe da necessária ação.  
A responsabilidade a não transcender o inverso.

A insuficiente visão de quem já perdeu o olfato.  
A fraca estrutura, degenerada pelo comodismo.  
A cronicidade da incapacidade adquirida.  
O apagado querer pela covardia subjugado.





# A Cada Alvorecer

Por Sellma Luanny

"Bravamente" em termos humanos...  
"Instintivamente" nas suas condições...  
No alvorecer, não importa se cedo ou tarde,  
voam destemidamente, para a sua missão  
de curta vida - nascer, crescer, procriar...  
A si e à sua prole, prover e sobreviver.

Estão com a aurora e com o anoitecer  
- quando a luz solar insinua-se  
ou se ausenta -, sintonizadas.  
E os humanos no esticar da distância...  
no descompasso do seu ciclo,  
muito longe do natural... e delas.

## **SOBRE SELLMA LUANNY:**

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Nota de rodapé: sétima parte da série de poemas GARÇAS BRANCAS E EU (partes a serem publicadas mensalmente na REVISTA CONEXÃO LITERATURA).





# DICAS PARA LEITURA

*Edição de Dezembro*



“

PARA SEMPRE - VOL. III, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG)

”

“

POEMAS SOBRE A NATUREZA - VOL. II, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG)

”

@revistaconexaoliteratura



An illustration of a diverse group of people, including men and women of various ethnicities, gathered around a large wooden table in a library or bookstore. They are all smiling and engaged in conversation, with several open books on the table. In the background, there are tall bookshelves filled with books. A white banner hangs from the ceiling, displaying the magazine's title and a promotional message. In the foreground, there are several large stacks of books. The overall atmosphere is warm and intellectual.

# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

TODOS OS MESES UMA  
NOVA EDIÇÃO



# No viver...

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA



# Sempre!...



Depois da tempestade...

O "Sol" se abre

A desejada luminosidade da luz... da cor...

Que representa o amor

Com outro sabor nos "alimenta"

E o raro coração se contenta

Depois da tempestade... em outras, ao avesso, como uma "flexa"

A luz do "Sol" se fecha

A crônica do dia

Transforma-se em nostalgia

O choro amanhece correndo

Deixando, pela dor, o coração sofrendo

Depois da tempestade! Ah! Gente! "Sempre"

Outra bela cor a se escolher se mostra como semente

Do arco-íris, cantante em inúmeras cores

Cada uma representando Carnavais de amores

E da mais importante qual delas escolher

Para o belo e infindo viver

Depois da tempestade... finalmente

Estrelas cintilantes enriquecem o Luar -no CÉU- que sente

Pela saudade do amar a vida a representação feliz

O colorido do coração se anuncia como raiz

E aquele amei, gostei, mas desejo muito mais

Depois da tempestade... vem correndo atrás

Depois da tempestade...

O "Sol" se abre

A desejada luminosidade da luz... da cor...

Que representa o amor

Com outro sabor nos "alimenta"

E o raro coração se contenta



# NO AMANHECER!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Por natureza, semifechados  
A seguir, olhos se abrem bem devagar  
Na busca por outra beleza da "vida" ... o encontro às fagulhas de luz  
Que, assanhadas, se atravessam, por frestas na janela  
A promover, no pensamento  
Em exato instante, outra "querida" em sua formosura

Ah! Que fiquem por lá tempos passados  
Dando espaço a novos momentos para, de fato, se amar  
Assim, com volúpia e prazer, algo novo o interior produz  
Fazendo renascer a alegria pela "vida", exatamente, "Ela"  
Que ao acordar, passo a passo, aflora novo sentimento  
Criando na face outra bela criatura

Agora, quanta delícia a vista para o novo horizonte  
Bem "lá", sonhos renovados a outro viver  
"Bordado", enfim, por inusitada emoção  
Algo a "burilar" em cada anoitecer  
Tão forte capaz de sacudir o "prudente" coração  
E, daquelas idas "montanhas", por ora, apenas ligeiros montes

REVISTA CONEXÃO LITERATURA





SEMPRE  
*Acontece*  
POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Quando nos momentos lindos  
Na delícia dos instantes infintos  
Geralmente, toda "assanhada", fico diferente ao te observar  
Me repousando no provocante "danado" piscar  
Na grandeza do atrevido "atiçar"

Sem controle, o interior ferve de repente  
A tristeza se vai, então, escapando rapidamente  
Amanhece em nova vida a alegria  
Ao ver surgir um novo dia  
Para manter, por você, tamanha euforia

Ansiosa, sinto o "cuidado" adormecer  
Claro que despreparado pois, das idas estrepolias, não se consegue esquecer  
Olvidando o que, novamente, pode acontecer  
Nesta vida, outras vezes neste viver  
Totalmente apaixonada, aos seus braços correr e me envolver

Ah! Gente! Ao aproveitar tais momentos lindos  
Instante inesquecíveis... infintos  
Bem ao jeito "assanhado" fruto do jeitinho a me olhar  
Repousada naquele "danado" piscar  
Como sempre acontece, por certo, voltarei a me entregar



# O "Grito" /

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

E o "grito" pelo ar se espalha de repente  
Fruto da alegria somente  
Inusitada euforia, de fato!  
Desprezando a dor ao sofrer pelo ato

A seguir, na postura dos lábios, os sorrisos alegres  
Que lá se vão sobre o suspiro do carinho à brisa entregues  
Pela delícia, na mesma estrada  
Repetindo a caminhada

Do cansaço do corpo apenas um pedacinho  
Imaginada distância do tempo um suave "ninho"  
Envolvendo a um desejo ardente a tudo retornar

Daquele tal "grito" na lembrança  
Súbito o amanhecer em outra esperança  
Para novamente o "apreciar" ao voltar a gritar

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



# *Vale pensar na visão!*

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Aquele belo e encantado "Farol"  
Ao topo do mais alto monte  
Funcionando como o verdadeiro "Sol"  
Segue tão brilhante a nascer lá no horizonte

Coloca-se ao Universo enxergando e cuidando  
Das lindas ondas se deslizando pelo Mar  
Às vezes bem fortes... e em outras... devagar  
Por certo, com sua presença marcando

Mostra, no final, espumas brilhantes sobre as rochas por todo o dia  
Pela noite, outra visão, escuras, manchas "rochosas"  
No amanhecer, ao contrário, ondas cristalinas, azuladas, belas maravilhosas  
Rara mudança que, ao novo olhar, enriquecia

O poeta, no quadro bem vivo se põe apreciar  
Como louco se joga no cenário a escrever  
Algo, por demais interessante para alguém ler  
E, no verdadeiro meditar, aprender e passar a amar

Súbito, no corpo, o repouso da felicidade pela calma  
O poema, agora, encantado pela poesia  
Da vida, cria-se raro exemplo  
Quão bela sabedoria por saber aguardar o tempo

Ao término sorri do tema pela "figura"  
A tristeza se vai amedrontada com a nova "criatura"  
E daquele chorar vivido no anoitecer  
Outra vida! O verdadeiro alegre sorriso em outro amanhecer



## **SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:**

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Participo, mensalmente, com Poemas, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA em que fui a Capa da Revista 103, em janeiro de 2024. Bimestralmente, no Jornal JCP em Cruz Alta no Estado do Rio Grande do Sul no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários Projetos da Editora Colibri. No Projeto MUNDO(S), coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Iniciei na Edição 06 e, atualmente, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação participo como coautor, juntamente com trinta escritores portugueses nos Livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA(S); ESCREVER BOCCAGE e ESCREVER FLORBELA ESPANCA.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, três Livros de Poemas com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ; outro com o Título ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE... e, finalmente, o mais recente com o Título "PÉTALAS" AINDA COLORIDAS.

Seguiram-se dois outros Livros de Poemas, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, em Lisboa-Portugal com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, em Lisboa-Portugal, dois romances com os Títulos ARDENTE ENCONTRO e o outro com o Título SEIS MESES.

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu Poema publicado no Livro "VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA" Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa-Portugal, do Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO concedido em maio de 2022 pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA pela ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, em Cruz Alta, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou acadêmico, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi inúmeras letras contando com a parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea\_ e-mail: mjgouvea@hotmail.com



# Autor(a), conheça o **pacote** **divulgação** **para** **escritores**

---

Saiba mais



---

E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

[www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA**



**LEIA UM LIVRO E  
VIAJE NAS ASAS  
DA IMAGINAÇÃO**







TRAGÉDIA SILENCIOSA DE  
UM HOMEM QUE AMOU SEM  
SABER PERTENCER – ‘MALA FEDE’

POR **ROB ALME**

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

## **NOVE CANTOS PERENES**

### **ATO I - A MÉTRICA**

**I.** Na tragédia de um destino,  
Triste figura a de um gigante,  
Com um amar masculino,  
Que é feito de um dom constante;

**II.** Meu herói, meu anti-herói,  
O dual que a alma destrói.  
De uma beleza que era rara,  
O charme de um ser sincero,

**III.** A pureza que se declara,  
Em um sonhador não austero;  
Com ele, a linha era tênue,  
Entre o amor e a dor perene.

**IV.** O meu lar, meu universo inteiro,  
Que a paz me trouxe à morada,  
Na função de ser cedeiro,  
Por ti a alma era guardada;

**V.** Breves quarenta e oito horas,  
Na esperança das auroras.  
Mas a ordem logo mudou,  
Quando a perda se fez visível,



**VI.** De mim, ele se afastou,  
Numa escolha incompreensível;  
O pai que eu tanto amei,  
De repente o que perdi, sei.

**VII.** Perdeu seus poderes e as asas,  
Em necessidades estagnadas,  
Em promessas que eram rasas,  
E ausências bem palpadas;

**VIII.** Um vazio que não se encerra,  
Meu universo que desterra.

Na imensidão do adeus frágil,  
Ficam porquês sem resposta,

**IX.** Com um sentimento ágil,  
Que o peito ao pranto exposta;  
Olhamos eternamente,  
Fico a lhe clamar: "Vai, mas volta viu, PAI!"

## **ATO II – O DESABAFO**

*“Autoengano: É a tentativa do ser humano de fugir da sua total liberdade e responsabilidade, negando a si mesmo a sua própria transcendência (o que ele pode ser) ou se resumindo ao seu fato (o que ele é no mundo, como um objeto).” (Dialética do Ser e do Parecer.J.P.Sartre).*

## **A DUPLA ALMA**

Ele era **tudo para mim**, um universo inteiro em nuances. Era o meu herói que vencía dragões invisíveis e que me dava força, entretanto, também era o meu anti-herói que me mostrava seus erros, enquanto eu me perdia nessas dualidades.

Quando o assunto eram os seus filhos, ele era o homem mais sincero que existiu. No entanto, no que tangia às coisas do amor a dois, guardava segredos no coração, frutos de outras histórias, de outros distantes amores.

Era bonito, de uma **beleza que silenciava**: cabelos escuros, caídos ao longo do pescoço, olhos verdes cor de capim-limão, com um sorriso que não pedia licença, de uma estatura 'grande', como sempre o vi: '**como um gigante**'. Um galanteador nato, sempre agradabilíssimo. Tinha um charme advindo de uma educação 'matuta' que, paradoxalmente, nunca beirava a mediocridade; ele sabia ser ele mesmo, mergulhado em sua simplicidade. Criada por uma mãe que dava e tomava conta da minha vida, eu ouvia dela a mesma cantilena todas as vezes que me avizinhava de decisões maiores: "Peça ao seu pai". Ele era, também, **meu atlas e meu passaporte**.

## **INVERSÃO DE PAPÉIS: A FALIBILIDADE HUMANA**

Era 'cedeiro', um pilar para o trabalho, em meio à realidade dura de usar o suor do rosto para conseguir o pão. Um sonhador, possuía planos mirabolantes, o que sempre nos levava a uma queda livre rumo ao que era concreto. Até hoje sou tomada por um misto de sensações que engolfam a nitidez dos pensamentos, e de vez ou outra me pego pendurada na **linha tênue entre o amor e o contrário dele**.

Era assim: quando uma de suas empreitadas dava errada, lá estava ele diante da menina, a ruminar explicações. E eu, por minha vez, a oferecer-lhe um colo, **mudando a ordem natural das coisas**, visto que, naquele momento, ele passava a ser meu filho.

## **O RITO DA JANELA: ELE PERMANECIA SENDO MEU UNIVERSO PARTICIONADO.**

Lembro das suas chegadas, a cada quinzena, da alegria genuína. No entanto, a minha alma se recorda mais, dorida, de suas **partidas**. Nossa casa ficava no topo, a guardiã da ladeira, no final exato da Rua dos Cajueiros. (O nome me reportava ao sabor de caju da casa da mãe dele).

Todas as segundas, era um dia soturno, o dia da sua volta à lida. Pela manhã, logo cedinho, antes da luz se acostumar com o dia, com os cabelos de menina-sol eu iniciava minha **corrida infantil**, disparava até a janela da sala da frente, meu posto de espera, esperando o retorno do ônibus, onde ele embarcava, na curva. Quando o avistava, minha mão, tão pequena, insistentemente acenava, um ponto frágil na imensidão do adeus. Nesse instante, meu coração acordava desarrumado e em ritmo de desalinho, batia descompassado. Ali, naquele vidro da janela, foi que eu descobri o significado exato e doloroso da palavra **saudade**.

## **O CHEIRO DA CHEGADA- 'VAI, MAS VOLTA VIU, PAI...'**

Eu o admirava no silêncio ordeiro, na paz que ele trazia para a casa. Suas pilherias eram capazes de desatar o nó no homem mais tenso. Ele era sensível, sem nunca desmoronar. Muitas vezes o ouvi chorando, mas eu tinha a sensação de que suas lágrimas eram de



mim, só para mim. Se me perguntassem sobre sua representatividade em minha vida, a resposta era um decreto: **Ele era meu mundo, meu lar inteiro.**

Amava as conversas em torno da mesa, a defesa fervorosa da caça ancestral, o direito de pescar para comer. E eu, em meu coração de criança contestadora, apesar de discordar, o acompanhava pelo puro prazer de tê-lo por perto. Nas férias de verão, meus dias de sol e rio, seguindo seus passos nas matas densas, pelas margens úmidas, mal notava as picadas dos insetos, perdida na imensidão daqueles ínfimos momentos. Eram **instantes únicos e gravados**, que moram na caixinha mais preciosa da minha memória.

## **BREVES QUARENTA E OITO HORAS**

A cada vinda, havia um cheiro que o anunciava: o aroma adocicado da **compota de goiaba**, sempre ali, sobre o móvel da sala de jantar, fielmente o esperando (Eu também). Os jantares cheios de casos saborosos, histórias que eu sabia estarem aumentadas, mas que amava. Eram apenas **quarenta e oito horas breves**, todavia era o tempo (in)suficiente para reter o seu perfume: o sabonete ‘só dele’, a loção fresca do pós-barba. Eu o sentia enquanto rodopiava comigo, no pátio superior de nossa casa.

## **O ABANDONO DE SI**

Ele era uma figura ímpar, sem igual. Jamais o vi entregue a queixumes ou a reclamações banais. Não era atento aos detalhes bestiais da vida, mas, de repente, se alguém o ferisse pelos ouvidos, sua voz explodia em **ralhos que se mediam em horas.**

Sua crença em mim era visível. Hoje, penso que era uma confiança que só o amor oferece. Ele me confidenciava dificuldades que se tornavam os **segredos mais nossos**, as dores de um sofrer profundo e sem nome, nascido na incompreensão das suas próprias escolhas.

Eu também sofria por ele e com ele. Fui crescendo ‘**no carbureto**’, empenhada em aliviar-lhe o fardo. Ele via, sei que via, ouvia e sentia, mas estagnado estava em suas necessidades de mantenedor que não me viu **rachar em mil caquinhos**. Nesses dias, ainda me questiono quando ele havia perdido seus poderes, suas asas?

Fomos separados pela ausência dela que era nosso elo. E, assim, ele decidiu se perder de mim. Esqueceu das nossas conversas, das nossas andanças, da criança abnegada que fui, da filha solene que busquei ser só para ele. **Nós nos perdemos de nós.** Não havia mais afinidades. Era como se, dessa vez, ele tivesse resolvido cortar aquele imaginário cordão umbilical. Parecia ter medo, não do que prometera, mas exatamente **do nunca falara**. Ele começou a abandonar-se de si mesmo, (o que era bem pior), nossa separação foi gradativa, cheia de promessas vazias e ausências palpáveis.

Toda nossa história virou uma espécie de **sombras ambulantes** perdidas em um vazio que nunca fora preenchido, despencamos no silêncio, caímos em um poço existencial que possuía fundo. Estamos sentados lá, em banquinhos desconfortáveis, lugar de estagnação

e eterna incomunicabilidade até hoje, olhando eternamente um para outro, tomados pelos **porquês que nunca mais terão respostas.** (Lágrimas)!

**POSFÁCIO:** Esse texto é a prova literária de que **a perda mais dolorosa não é a ausência, mas a incomunicabilidade do que nunca foi dito.**

**N.A.:** Ao meu pai Raimundo Gonçalves, meu jacaré (In memoriam), da sua eterna Raposa, com a certeza de que “a lagoa nunca irá secar.”



**(Rob Alme) Roberleide de Almeida Gonçalves**, nascida em Candeias, Bahia, é uma mulher multifacetada, que une a paixão pela educação à sua profunda curiosidade intelectual. Casada e mãe, dedica-se à docência com entusiasmo, especializando-se em Linguística, com foco em semântica, morfologia e sintaxe. Enquanto Coordenadora Pedagógica, contribui ativamente para a formação de profissionais da educação.

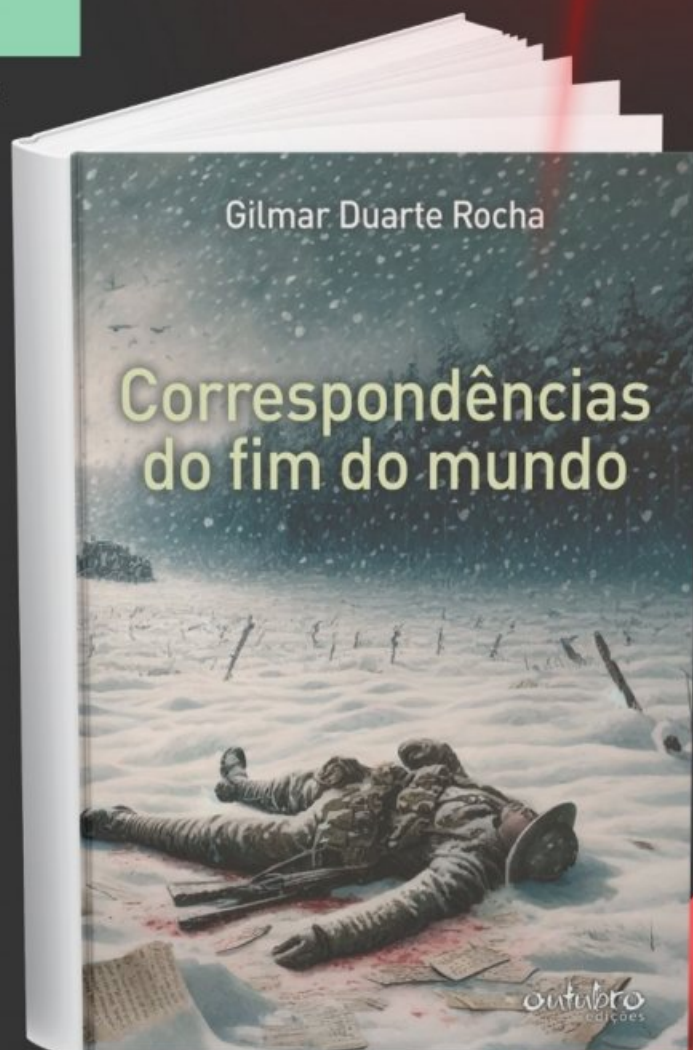




# Correspondências do fim do mundo

**Do Autor Gilmar Duarte Rocha**

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminoso da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica. Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



Disponível nas grandes plataformas de vendas

Amazon

<https://encurtador.com.br/Car4V>

Mercado Livre

<https://encurtador.com.br/DSRSw>



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# PARA SEMPRE

VOL. IX

E-BOOK

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

PARA  
SEMPRE

CONTOS E POEMAS  
VOL. IX  
LOVE

SELO CONEXÃO LITERATURA

saiba mais: clique aqui



# "PIRA EXPRESS E OUTRAS HISTÓRIAS", DE JOÃO PEDRO ANTELO:

**ANÁLISE LITERÁRIA E CULTURAL  
NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
AMAZÔNICA**

— POR JOSÉ FLÁVIO DA PAZ\* —

J P ANTELO - DIVULGAÇÃO



## Resumo:

Este trabalho analisa de maneira breve, mas aprofundada a obra "Pira Express e Outras Histórias" do escritor guajaramirense (Rondônia) J P Antelo, pseudônimo de João Pedro da Silva Antelo. O estudo será fundamentado nos princípios dos Estudos Literários e Estudos Culturais. A coleção de textos narrativos (contos e crônicas) é examinada a partir de suas dimensões narrativas, simbólicas e culturais, destacando a pluralidade discursiva e a intersecção entre tradição e modernidade na Amazônia contemporânea. A investigação enfoca o papel das vozes múltiplas e da oralidade na preservação da memória cultural, o uso dos mitos regionais como elementos simbólicos na construção identitária, e a crítica social presente nas narrativas sobre o impacto da modernização e do progresso econômico e das transformações sociais e ambientais. Fundamenta-se, portanto, nos princípios teóricos de Bakhtin (2010), Hall (1997), Bhabha (2008), Eliade (2004) e Fanon (2016). Dos resultados, podemos garantir que o texto apresenta a obra de Antelo como uma demonstração da resistência cultural amazônica diante das imposições colonialistas e capitalistas, destacando a literatura regional como espaço de confronto político das identidades culturais.

**Palavras-chave:** Literatura amazônica; Estudos culturais; Oralidade; Realismo mágico; Identidade e diferença; João Pedro Antelo.



## Introdução e contexto regional e literário

A obra "Pira Express e Outras Histórias", de J P Antelo, representa uma construção literária fundamental para a compreensão da experiência amazônica contemporânea e da complexidade cultural da região. Antelo reconstrói, por meio de uma seleção de curtas-metragens, uma cartografia simbólica da Amazônia que vai muito além dos estereótipos da selva ou do exotismo habitual, entrando nas nuances do cotidiano, das implicações, das lutas e das transformações sociais e ambientais.

Situada em um contexto geográfico que abarca cidades e comunidades como Porto Velho, Guajará-Mirim e Nova Mamoré - todas rondonienses, a obra articula uma contra-narrativa ao cânone literário nacional que, tradicionalmente, inclui pouco a riqueza cultural e as

influências inerentes à vida na Amazônia. A dissertação literária de Antelo se insere nos Estudos Literários regionais brasileiros com uma voz singular, que pode ser lida tanto



como regionalista quanto como um mergulho no universo ao mesmo tempo fantasmagórico e real do norte do Brasil.

O autor evoca o conceito de "*Fugere Urbem*" (fugir da cidade), apresentado no prefácio do livro, para destacar a fuga simbólica para o espaço campesino, entendendo aqui como um espaço de resgate do que se perde em processos de urbanização e modernização acelerada. Nessa perspectiva, a região amazônica não é apenas um cenário físico, mas um lugar de forças culturais em disputa, onde passado, presente e futuro se entrelaçam. Essa interligação temporal é um dos eixos narrativos da coletânea, que atravessa a dicotomia entre tradição e inovação, entre resistência e transformação.

No campo dos Estudos Literários, a obra pode ser compreendida à luz de conceitos como o dialogismo de Bakhtin, que teoriza a multiplicidade de vozes presentes em um texto e a heteroglossia, ou seja, a coexistência de diferentes discursos sociais dentro da narrativa. Nas histórias de Antelo, essa heteroglossia se manifesta na variedade de falas populares, ditadas, cantadas e vozes dos personagens que compõem o tecido narrativo. O recurso à oralidade e às tradições contadas de geração em geração é recuperado na escrita como forma de preservar a memória cultural e pulsar identitário.

Do ponto de vista dos Estudos Culturais, uma obra dialogada com as reflexões de Stuart Hall e Homi Bhabha sobre identidade cultural e hibridismo. A Amazônia, como espaço cultural híbrido, interseção de tradições indígenas, caboclas, coloniais e modernas, encontra nessas narrativas um reflexo das perdas causadas por processos de colonização, globalização e disputas ambientais. As histórias revelam, assim, um processo de resistência cultural em que símbolos como a Cobra Grande ou a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré são ressignificados como agentes do conflito entre o poder humano e as forças da natureza.

## **BREVÍSSIMA ANÁLISE NARRATIVA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **Estrutura narrativa e vozes múltiplas**

A coletânea de João Pedro Antelo é estruturada como um conjunto de dezesseis textos, distribuídos entre crônicas e contos heterogêneos, no entanto articulada por temáticas convergentes que refletem a vida e os mitos da Amazônia. O uso do narrador polifônico e a multiplicidade das vozes dialogam diretamente com o conceito de heteroglossia de Mikhail Bakhtin. Cada história incorpora a fala viva de personagens locais, quais sejam: pescadores, idosos, crianças, moradores ribeirinhos e outros que representam as múltiplas camadas sociais, culturais e linguísticas da região. Essa diversidade discursiva cria um texto aberto, plural que desafia uma visão única ou oficial da Amazônia.

O diálogo entre o real e o mágico-fantástico, apresentado em contos como "Raios e Cobras" e "Pira Express", insere a obra no contexto do realismo mágico, muito explorado na literatura latino-americana. No entanto, João Pedro Antelo aproxima essa estética do universo rural amazônico, conferindo-lhe uma identidade própria que incorpora a oralidade, as lendas e superstições regionais como partes constitutivas da realidade vívida. Essa técnica narrativa promove uma suspensão do ceticismo no leitor e possibilita a revelação simbólica de realidades sociais profundas.

### **A Cobra Grande: simbolismo e conflito**

Ainda no conto "Raios e Cobras", o autor destaca a sucuri como é um dos fulcros simbólicos da obra. A serpente gigante, presente no imaginário amazônico, representa a força da natureza, o medo ancestral e a espiritualidade do lugar, funcionando ainda como metáfora das forças invisíveis que regulam a vida das comunidades. Em termos clássicos, podemos aproximar essa figura da "natureza mitopoética" nos escritos de Mircea Eliade, em que o mito é uma estrutura fundamental que dá sentido e origem ao mundo vívido.

Sob o prisma dos Estudos Culturais, essa cobra simboliza o embate entre o mundo natural e as intervenções humanas (como a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré). Sua presença vem toda uma camada de tensão ambiental e cultural que perpassa a coletânea. A cobra é ao mesmo tempo agente de destruição e de poder legítimo sobre a paisagem, desafiando o arrogante ideal do progresso. Assim, Antelo desenvolveu uma crítica sutil ao desenvolvimento econômico que ignora os saberes e a vida das tradições tradicionais, tema central nas discussões sobre colonialismo e suas continuidades em Bhabha e Hall.

### **Pira Express: fé e futuro sob o passado**

No conto título, a transformação do pirarucu em meio de transporte simboliza a adaptação cabocla e o hibridismo cultural, onde o natural e o artificial se fundem em uma criação que resiste às mudanças e desafia a modernidade. Esse veículo peculiar é um símbolo da cultura amazônica que se reinventa, mas que também enfrenta as contradições de um progresso que pode tanto preservar quanto destruir.

Essa narrativa dialoga com o conceito de temporalidade não linear, muito debatida nos Estudos Literários modernos, sobretudo na literatura pós-colonial. O passado, o presente e o futuro coexistem e se influenciam mutuamente, e essa coexistência é narrada com lirismo pela voz autoral, conferindo à história uma densidade temporal que ultrapassa uma simples linearidade cronológica.

### **Temáticas centrais: natureza, identidade e memória**

Outra dimensão fundamental da coletânea é o tratamento das temáticas de identidade cultural, pertencimento e memória, que se apresentam como resistências à homogeneização cultural impostas pela urbanização e globalização. Conforme Stuart Hall propõe em seus estudos, uma identidade cultural é dinâmica, construída no diálogo entre o indivíduo e o coletivo, entre o local e o global. O livro de Antelo é uma demonstração viva dessas construções identitárias regionais.

Os personagens das narrativas carregam as marcas da história e dos processos sociais que afetaram a Amazônia: abandono, fome, luto, violência, mas também afeto, solidariedade e luta pela sobrevivência simbólica e material. Assim, a obra contribui para a descolonização dos imaginários literários sobre a Amazônia, como apontar teóricos dos Estudos Culturais para defender a valorização das vozes periféricas.



### **O papel da oralidade e da narrativa popular**

Antelo recupera a tradição da oralidade amazônica, convertendo contos populares, lendas e narrativas pessoais em próteses textuais que garantem a continuidade cultural, conforme sugerem os estudos de Walter Ong sobre a oralidade e a cultura escrita. A narrativa oral é ressaltada não só pela linguagem, mas pela estrutura fragmentada e episódica, características próprias dos causos.

Essa retomada oral é um modo de reafirmar saberes e práticas culturais ameaçadas pela perda do espaço rural e pela dominância da cultura urbana. O livro, portanto, é também um ato político-cultural, que reforça a identidade amazônica como um tecido vivo e mutável.

### **AMPLIAÇÃO DOS CASOS, DETALHES E FUNDAMENTOS NOS ESTUDOS CULTURAIS**

Entre os diversos contos e crônicas que compõem a obra, destacam-se narrativas que, à primeira vista, parecem histórias simples do cotidiano amazônico, mas que carregam camadas profundas de significado cultural, social e político.

#### **Análise de alguns contos selecionados e temáticas culturais**

"Deixaram uma Carta Aqui" retrata um universo íntimo de abandono e relações afetivas fragilizadas, onde o protagonista recebe uma carta que desencadeia sentimentos de culpa, solidão e reflexão sobre a existência. A carta simboliza a falha de comunicação e a dificuldade de conexão emocional em uma realidade marcada por isolamento social e condições precárias de vida. Por meio da narração detalhada da rotina do personagem, Antelo evidencia os impactos sociais da pobreza e da exclusão periférica. Essa perspectiva encontra respaldo nas abordagens dos Estudos Culturais sobre as múltiplas dimensões do social e do simbólico, enfatizando as formas pelas quais os sujeitos constroem suas identidades em contextos adversos (Hall, 1997).

"Receita de uma Caldeirada" é um retrato vívido da feira rural, cenário de interação humana e sobrevivência cultural. Nesse microcosmo, convivem a dureza da vida, a marginalização de alguns personagens, como a figura da mulher conhecida como "mame" e os moradores em condição vulnerável; e, a festividade popular. A narrativa expõe a coexistência entre o sofrimento e a continuidade cultural, sinalizando para a resistência simbólica das culturas tradicionais. A teoria cultural aqui é uma ferramenta para entender como espaços aparentemente periféricos sustentam práticas identitárias essenciais para a comunidade.

"Por do Sol à Beira da EFMM" revela uma crítica contundente à Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, símbolo do progresso econômico que imprime um rastro de destruição ambiental e social, um tema recorrente da literatura engajada na contemporaneidade. Essa abordagem é representativa das reflexões pós-coloniais que enfatizam as consequências da colonização e do desenvolvimento capitalista no tecido social e cultural das populações originárias e tradicionais. O avanço da ferrovia substitui a natureza e as comunidades por um aparelho de devastação ecológica, ecoando as críticas de teóricos como Frantz Fanon à modernidade colonial.

O conto "Um Vale Amazônico" é uma narrativa simbólica que conjuga medo, respeito ao sagrado e a presença mitológica da cobra gigante na floresta, elemento que representa a conexão do homem com a natureza e o sobrenatural. Aqui, o elemento mítico serve para investigar os vínculos cosmológicos da cultura amazônica e a forma como o saber indígena e caboclo reserva uma centralidade ao meio ambiente. A importância da narrativa como veículo de preservação desses saberes pode ser comprovada a partir da teoria cultural da hibridização e resistência (Bhabha), mostrando como narrativas locais estabelecem espaços de contestação às práticas hegemônicas.



### **ESTUDOS CULTURAIS: IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E PODER**

A obra de João Pedro Antelo pode ser compreendida como um campo discursivo onde se confronta, se articula e disputam sentidos culturais. Segundo Stuart Hall, as identidades culturais não são estáticas, mas são um processo contínuo de representações que dialogam com o poder, seja ele da colonização, da mídia ou das políticas econômicas. As histórias de Antelo evidenciam a construção identitária amazônica como um processo em tensão, imerso em guerras simbólicas contra desqualificações e apagamentos.

A tematização da força da natureza, das tradições orais, das relações comunitárias e do impacto do progresso materializa uma resistência discursiva que atua como uma contestação das narrativas hegemônicas. A presença da figura da representação local, como o rio, a floresta, a cobra e outros, apenas como exemplos, reapropria uma imagem ameaçadora em símbolo de poder e proteção cultural, contrapondo-se às forças destruidoras representadas pela ferrovia.

A narrativa de Antelo também dialoga com a discussão sobre interterritorialidades e espacialidades culturais. A Amazônia é um lugar de memória viva, mas simultaneamente de conflitos territoriais e culturais. O conceito de "lugar" nos Estudos Culturais assume, aqui, contornos de identidade e pertencimento, onde o ambiente natural e o espaço social são componentes essenciais da experiência existencial e literária.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

"Pira Express e Outras Histórias" é uma obra de imenso valor literário e cultural por sua capacidade de representar os dilemas, as belezas e os traumas da Amazônia contemporânea através de uma literatura que se inscreve nos movimentos de resistência cultural. Ao recuperar a oralidade, ao mesclar o real com o mítico e ao problematizar a modernidade e o progresso, J P Antelo oferece uma narrativa rica e multifacetada que



dialoga profundamente com as teorias dos Estudos Culturais, principalmente nos aspectos de identidade, representatividade e poder.

A obra reafirma a importância da literatura regional como meio de preservação, contestação e transformação cultural, sendo essencial tanto para leitores específicos no Brasil amazônico quanto para pesquisadores das dinâmicas culturais e literárias contemporâneas.

### REFERÊNCIAS

- ANTELO, João Pedro da Silva. **Pira Express e outras histórias**. São Carlos: Editora Ciência, 2025.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- ELÍADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ONG, Walter J. **Oralidade e escrita: Tecnologias da Palavra**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

\*\*\*

**José Flávio da Paz** é Pós-doutor em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH/UFAM); Pós-doutor em Psicologia (UFLO, Argentina); Pós-doutorando em Educação (UniLogos, Estados Unidos); Doutor em Estudos Literários (PPGECH/UFAM); Mestre em Letras (PPGL/Unimar); Mestre em estudos Literários (PPGMel/UNIR); Doutor Honoris Causa em Literatura; em Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural; e, em Direitos Sociais e Humanitários. Membro da Academia de Letras do Brasil (ALB), Academia Independente de Letras (AIL), Academia de Letras, Ciências e Artes da Amazônia Brasileira (ALCAAB), e Academia de Letras de São Pedro da Aldeia. Pesquisador e Professor do Magistério Superior atuando como Professor Associado da Logos University no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UniLogos); Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri (PPGL/URCA); e, Diretor do Centro Cultural, Educacional e Tecnológico para a Paz – FAPAZ. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. E-mail: [jfp1971@gmail.com](mailto:jfp1971@gmail.com).



# Revista Conexão Literatura

## O Pequeno Príncipe

“Então, eu me sinto feliz. E  
todas as estrelas riem  
docemente.”

O Pequeno Príncipe,  
de Antoine de Saint-Exupéry







**CENTRO CULTURAL, EDUCACIONAL E TECNOLÓGICO PARA A PAZ - FAPAZ LTDA.**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E DE CULTURA DA PAZ - FAPAZ  
CNPJ (MF): 62.990.299/0001

## **EDITAL DE CHAMADA DE ARTIGOS PARA PUBLICAÇÃO NA 1ª EDIÇÃO DO E-BOOK **SABERES EM MOVIMENTO: DESAFIOS, COMPETÊNCIAS E PRÁTICAS REFLEXIVAS NO ATO DE ENSINAR E APRENDER.****

As competências e habilidades no ato de ensinar e de aprender são fundamentais para que o processo educativo seja eficaz, significativo e formativo, tanto para quem ensina quanto para quem aprende, não deixando dúvidas que ensinar e aprender são processos interligados que exigem competências cognitivas, emocionais e sociais.

No ato de ensinar, o educador precisa dominar conteúdos, planejar bem suas aulas, comunicar-se com clareza, usar tecnologias e refletir continuamente sobre sua prática. No ato de aprender, o estudante deve desenvolver autonomia, pensamento crítico, estratégias de estudo, autorregulação e habilidades socioemocionais. Em ambos, docente e discente, compartilham competências comuns, como reflexão, diálogo, criatividade, responsabilidade e abertura ao aprendizado contínuo.

☞ Em resumo: ensinar e aprender são práticas colaborativas que exigem competências técnicas, humanas e reflexivas para que o conhecimento seja realmente significativo. É nessa perspectiva que propomos esta Coletânea de Experiências Docentes.

### **CAPÍTULO I - DO OBJETO**

Art.1º. O presente EDITAL destina-se a disciplinar a 1ª edição da publicação do livro **SABERES EM MOVIMENTO: DESAFIOS, COMPETÊNCIAS E PRÁTICAS REFLEXIVAS NO ATO DE ENSINAR E APRENDER**, cujo ISBN e DOI se encontram em fase de tramitação. A Obra terá formato impresso e digital, sob a organização do Prof. Dr. José Flávio da Paz, editado e publicado pelo **CENTRO CULTURAL, EDUCACIONAL E TECNOLÓGICO PARA A PAZ - FAPAZ LTDA.** mantenedora da **FACULDADE DE EDUCAÇÃO E DE CULTURA DA PAZ - FAPAZ**, pessoa jurídica de direito privado, inscrita no CNPJ sob o nº

62.990.299/0001-26, sediada à Rua Hércules, nº 101, Bairro Santo Antônio do Potengi, na cidade de São Gonçalo do Amarante/RN, CEP 59.297-330, neste ato representada por seu sócio administrador JOSÉ FLÁVIO DA PAZ, CPF nº 553.244.524-91, endereço eletrônico: [fapaz.rn@gmail.com](mailto:fapaz.rn@gmail.com).

### **CAPÍTULO II - DOS ARTIGOS**

Art. 2º. Os artigos deverão ser redigidos em português ou espanhol e, necessariamente possuir temáticas relacionadas as seguintes ideias:

- *Tecnologia com propósito pedagógico;*



- *Aprendizagem ativa e cultura maker;*
- *Gamificação e ludicidade;*
- *Educação socioemocional desde cedo;*
- *Professor como mediador, facilitador e pesquisador;*
- *Ritmos e percursos de aprendizagem;*
- *Inclusão e diversidade;*
- *Educação ambiental e consciência planetária;*
- *TDIC's e educação híbrida, remota e a distância;*
- *Outros.*

Art. 3º. Os artigos deverão vincular-se necessariamente a uma das seguintes áreas do conhecimento humano:

1. Ciências Humanas;
2. Letras, Literatura e Artes;
3. Tecnologias da Informação e Comunicação e Mídias contemporâneas;
4. Outras linguagens.

**Parágrafo Único.** A organização da publicação não necessariamente obedecerá à ordem e/ou à divisão das áreas de conhecimento citadas.

Art. 4º. Os artigos **NÃO** deverão necessariamente ser inéditos, ou seja, podem ter sido publicados em outro suporte diferente de livro impresso ou digital.

Art. 5º. Os artigos e o comprovante de transferência bancária ou depósito deverão ser encaminhados até o dia **05/12/2025**.

Art. 6º. Os artigos, ensaios, entrevistas e outros deverão conter o mínimo de 08 (oito) e o máximo de 15 (quinze) laudas/páginas, incluindo as citações bibliográficas, e deverão ser apresentados conforme as regras técnicas atuais da ABNT. Ajustes e adaptações serão feitos, se necessário, pelo Organizador supracitado.

Art. 7º. Os artigos, ensaios, entrevistas e outros deverão ser encaminhados por meio do formulário:  
<https://forms.gle/5pSy2nDtb9T4mfGb9>.

**SOMENTE** serão aceitos artigos em formato .doc ou .docx (word).

Art. 8º. Os arquivos com os artigos, ensaios, entrevistas e outros deverão conter referências que possam identificar o(s) autor(es), sua titulação e vínculo institucional (funcional ou acadêmico) em nota de rodapé do produto.

Art. 9º. Será permitido um número máximo de 3 (três) autores por artigo. Tal medida torna-se critério de qualidade em nossas organizações editoriais.

Art. 10º. Os produtos encaminhados em desacordo com este EDITAL serão sugeridas novas orientações, sem réplica, **NÃO** implicando em sua desclassificação ou algo desse tipo.

Art. 11º. Por se tratar de uma obra produzida em co-operacionalização, inclusive financeira, será cobrada a taxa única por artigo, de **R\$ 180,00** (cento e oitenta reais), obedecendo as seguintes condições e garantias:

§1º. A transferência deverá ser efetuada por meio da seguinte chave PIX no CNPJ sob o nº **62.990.299/0001-26**, cujo titular é o CENTRO CULTURAL, EDUCACIONAL E TECNOLÓGICO PARA A PAZ - FAPAZ LTDA. mantenedor da FACULDADE DE EDUCAÇÃO E DE CULTURA DA PAZ - FAPAZ.

§2º. O livro **SABERES EM MOVIMENTO: DESAFIOS, COMPETÊNCIAS E PRÁTICAS REFLEXIVAS NO ATO DE ENSINAR E APRENDER** será publicado em versão PDF e a aquisição impressa ficará a cargo dos autores e interessados em geral, diretamente do endereço DOI da publicação.

§3º. **Não será enviado nenhum livro impresso aos autores, senão o PDF da obra para os e-mails e grupos de WhatsApp.**



### CAPÍTULO III - DOS CANDIDATOS

Art. 12º. Poderão inscrever artigos:

- I. Profissionais que atuam de forma direta com as áreas de conhecimentos supracitadas;
- II. Pesquisadores e estudantes de pós-graduação vinculados a instituições brasileiras e/ou estrangeiras.

### CAPÍTULO IV - DOS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS ARTIGOS

Art. 13º. A seleção dos artigos será feita por Comissão, constituída por representantes profissionais e pesquisadores das áreas já mencionadas.

Art. 14º. Os artigos serão avaliados com base nos seguintes critérios:

- I. Pertinência e relevância da temática;
- II. Contribuição para as áreas;
- III. Contribuição para terceiros;
- IV. Clareza da expressão de ideias.
- V. Qualidade da fundamentação teórica;
- VI. Qualidade da análise;
- VII. Qualidade da redação.

### CAPÍTULO V - DA PUBLICAÇÃO

Art.15º. O livro **SABERES EM MOVIMENTO: DESAFIOS, COMPETÊNCIAS E PRÁTICAS REFLEXIVAS NO ATO DE ENSINAR E APRENDER** será disponibilizado em versão digital e impressa, com o seu registro na CBL – Câmara Brasileira do Livro, que assumiu

em 2019 a agência brasileira do ISBN e a publicação prevista para a última semana do mês de dezembro de 2025.

### CAPÍTULO VI - DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art.16º. Dúvidas sobre o Edital serão solucionadas, exclusivamente, pelo e-mail: [fapaz.rn@gmail.com](mailto:fapaz.rn@gmail.com) e pelo número **(84) 99129 1096**, também pelo WhatsApp.

Art. 17º. Não haverá premiações para os autores cujos artigos forem publicados.

Art. 18º. Os autores dos artigos selecionados cedem automaticamente, os direitos autorais, unicamente para fins de publicação, ao Organizador responsável pelo registro da publicação, sem que isso importe quaisquer ônus pecuniários para quaisquer das partes.

Art. 19º. Os artigos devem ser enviados revisados e digitados sob o rigor das Normas Gramaticais e da ABNT, não sendo competência da Organização quaisquer trabalhos de revisão ou adequação, sendo de inteira responsabilidade dos autores os possíveis equívocos nas naturezas citadas.

Art. 20º. Os casos omissos serão decididos pela Organização da obra.

São Gonçalo do Amarante-RN,  
02 de outubro de 2025.

*José Flávio da Paz<sup>1</sup>*  
**Organizador**

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal de Rondônia-UNIR; Doutor em Estudos Literários-Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT - Centro Universitário de Tangará da Serra; Mestrado em Estudos Literários-UNIR; Mestrado em Letras-UNIMAR; Especialização em Cultura e Literatura-UCAM; Especialização em Alfabetização e Letramento-UCAM; Especialização em Linguística e Formação de Leitores-FAIARA; Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira- FAIARA; Especialização em Comunicação, Cultura Organizacional e Tecnologia-FAIARA; Especialização em Pedagogia Empresarial-FAIARA; Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Artes-Faculdade Futura Especialização em Metodologia do Ensino, Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Inclusiva-

Faculdade Futura; Especialização em Educação Inclusiva-UNICID; Especialização em Educação Ambiental e Geografia do Semiárido- IFRN; Especialização em Psicopedagogia Institucional-UNICID; Especialização em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas-UnB entre outras dezenas de especializações. Graduado em Letras Libras-UFSC; Pedagogia (UnCV/Ipemig); Educação Especial (UnCV/Ipemig); Letras: Português-Inglês (UnCV/Ipemig); Letras: Português-Espanhol; Graduando em História (Unifaveni). Endereço para acessar o CV: <http://lattes.cnpq.br/5717227670514288> . +55 69 99329 5034 (Whatsapp).

Gentileza adicionar para constatação da veracidade deste, demais dúvidas e possíveis inquietações acerca do processo de publicação ou ingresse no seguinte grupo de WhatsApp para dirimir dúvidas: <https://chat.whatsapp.com/KlySiZjWfgNjmcdiyv4Zii>



**CENTRO CULTURAL,  
EDUCACIONAL E  
TECNOLÓGICO PARA A PAZ -  
FAPAZ LTDA.**

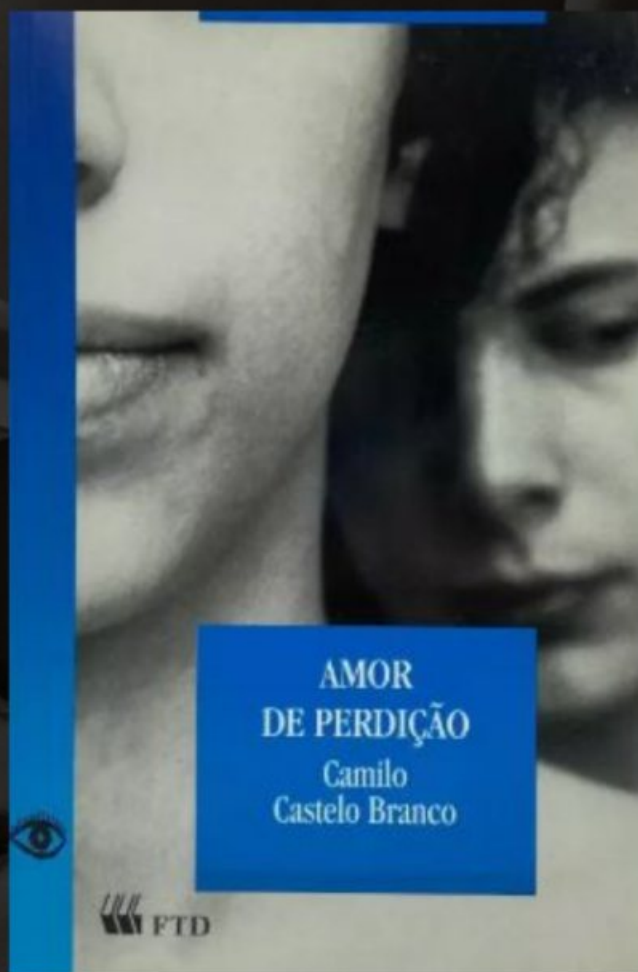
EDITAL DE CHAMADA DE ARTIGOS  
PARA PUBLICAÇÃO NA 1ª EDIÇÃO DO  
E-BOOK SABERES EM MOVIMENTO:  
DESAFIOS, COMPETÊNCIAS E  
PRÁTICAS REFLEXIVAS NO ATO DE  
ENSINAR E APRENDER.

**NÃO PERCA!**



# ENSAIO ANALÍTICO DE AMOR DE PERDIÇÃO

POR MAX MOREIRA



Amor de Perdição, nitidamente, mostra seus traços típicos do ultrarromantismo português, a começar pelo invencível amor de Simão e Tereza, que é uma característica marcante deste romance. As atitudes dos personagens são sempre movidas por impulsos que sempre atropelam a razão, e esse comportamento exacerbado define muito bem o romântico.

Camilo baseia a história de Amor de Perdição em documentos verídicos encontrados na cadeia da Relação do Porto, quando ali esteve preso, de 1860 a 1861, acusado de adultério com Ana Plácido, crime então punido pelas leis nacionais. No entanto, independentemente disso, a veracidade da trama não é comprometida porque uma obra literária existe por si só, não importando a origem da história que o autor irá narrar, desde que contenha elementos característicos de um verdadeiro trabalho artístico. Para efeito de conhecimento, Camilo seria filho de Manuel Botelho, irmão do problemático “herói” de Amor de Perdição, Simão Botelho.

**Breve Histórico da Obra:** Simão e Tereza são vizinhos. Ele tem 17 anos e ela, 15. Apaixonam-se profundamente, mas suas famílias são inimigas. Assim que ficam sabendo desse amor, as respectivas famílias – Botelho e Albuquerque – tomam providências para afastá-los. Simão é enviado para a cidade de Coimbra e Tereza é constrangida a aceitar casamento com o primo Baltasar. Como uma perfeita *heroína romântica*, Tereza se recusa a trair seu amor e prefere encerrar-se num convento. Simão volta para Viseu e recebe a ajuda do ferreiro João da Cruz e de sua filha Mariana. Porém, numa disputa com Baltasar, acaba matando-o. Simão é preso – na verdade, ele se entrega – e condenado à morte. Enquanto Tereza padece no convento, Simão tem sua pena de morte revogada e transformada em exílio, devendo embarcar para a Índia, onde deverá ficar dez anos. Mariana, que o ama, resolve dedicar-se a ele até o fim da vida e o acompanha na viagem.

Simão, Tereza e Mariana, principal triângulo amoroso do romance, consideram o amor como a coisa mais importante da vida, em evidente oposição ao valor mais cultivado por Tadeu de Albuquerque, pai de Tereza, um nítido burguês: o dinheiro. A supervalorização do amor é a consequência mais imediata do sentimentalismo exacerbado do Romantismo. Perder o amor significa para os três perder o sentido da vida. Essa perda provoca basicamente três consequências: a loucura, a morte ou o suicídio, situações comuns nos desfechos de romances românticos. Mas, sobre essas consequências, daremos conta posteriormente mais adiante.

Simão Botelho, revolucionário e idealista, sofreu grande transformação por causa de seu amor por Tereza. Simão almejava concretizar seu amor com ela. No entanto, revelou-se ser um rapaz pessimista em relação à sociedade e a si mesmo. Por ser incapaz de atingir seu principal objetivo, ao constatar a impossibilidade de realizá-lo, Simão é envolvido pela *angústia*, estado que caracteriza o mal-do-século. Procurando saídas para seus problemas, Simão desenvolve mecanismos de evasão da realidade, como, por exemplo, a busca do isolamento, da solidão.

Tereza de Albuquerque, a mulher idealizada, também desenvolve um mecanismo de escapismo, só que bem mais radical que Simão: a espera ou a evocação da *morte*. Tereza encara a morte como uma *bem-aventurança*. O isolamento de Tereza no convento a torna melancólica e sofredora, o que explicaria sua aflição e consequente ânsia da morte. Tereza



almeja, acima de tudo, montar um lar com Simão, mas como esse sonho torna-se impossível, ela entrega-se à atração da morte. Tereza representa a fragilidade da mulher romântica. Ela não consegue, em nenhum momento, livrar-se do seu destino destrutivo. Presa no convento pelo pai, o pessimismo toma conta de seu espírito, levando-a a considerar tudo como um mal, refugiando-se no *sonho* e no *devaneio* que são verdadeiros substitutos para a vida real.

Mariana, por sua vez, é o retrato do amor em sua plenitude. Dedicada, Mariana não mede esforços para “proteger” Simão, o seu grande amor. Mas, apesar da totalidade de seus sentimentos, Mariana não é correspondida por Simão, tornando-se extremamente solitária. Mesmo assim, Simão reconhece a sua determinação, tratando-a sempre com carinho e atenção. Outra grande característica da carismática Mariana é a atmosfera de mistério que ela cerca a todos. Mariana parece possuir um sexto sentido bastante aguçado, que a permite ter premonições que envolvem as pessoas que ela ama, principalmente Simão. O suposto dom da premonição de Mariana a torna uma personagem bastante intrigante, caindo logo nas graças dos leitores.

Baltasar Coutinho foi o empecilho na vida de Simão. Tadeu de Albuquerque queria casá-lo com sua filha não só para impedir que ela se envolvesse – mais ainda – com Simão, mas também para unir as riquezas de ambos. Talvez, Baltasar amasse realmente Tereza, mas do seu jeito. Baltazar subestimou seu rival e acabou deliberadamente vitimado pelo inescrupuloso Simão. O romance toma um rumo totalmente diferente a partir do capítulo X, onde a desgraça parece abraçar o destino de todos os envolvidos. No capítulo X, Simão comunica em uma carta de despedida, antes de matar Baltasar Coutinho: “Considero-te perdida, Tereza”. A desistência de Simão fica clara, e, a colocação da amada inacessível, típica do Romantismo, torna-se evidente nessas palavras.

O destino envia o ferreiro João da Cruz, pai de Mariana, para ajudar Simão. Em troca dos favores prestados por Domingos Botelho, pai de Simão, João da Cruz ajuda-o em seguidas vezes. O ferreiro tinha grande estima pelo desgraçado Simão, tanto que ele teria muito “gosto” em vê-lo ao lado de sua filha. Mas, Simão jamais desistiria de seu grande amor, Tereza. Inesperadamente, no capítulo XVII, João da Cruz é literalmente assassinado por vingança pelo filho do recoveiro de Carção, chamado Bento Machado. A partir do momento em que Mariana fica sabendo do ocorrido, Simão passa a ser seu único refúgio, decidindo ficar com ele até o último dia de sua miserável vida.

Manuel Botelho, sempre foi o oposto de seu irmão, até o dia em que ele decidiu fugir com uma açoriana casada. Sua mãe sempre o apoiou mandando-lhe dinheiro para o seu sustento. Essa é uma das razões que explica porque Simão diz claramente “que sua mãe não o amava”, no capítulo VIII. Simão achava que sua mãe não se preocupava com ele, tendo pelo filho apenas um sentimento de obrigação.

Voltemos a falar de Simão, Tereza e Mariana. O desejo de morte de Tereza é comum, tendo em vista seu desespero, ao encarar tristemente a impossibilidade de efetivar seu “amor eterno” por Simão, sendo incapaz de prosseguir vivendo, entregando-se a *morte*. Simão entrega-se também a morte, em face da desilusão de sua existência após saber da morte de sua amada Tereza, que assim como ela, morre definhado. Mariana não se conforma com a morte de seu amado Simão e comete suicídio se jogando ao mar. Este

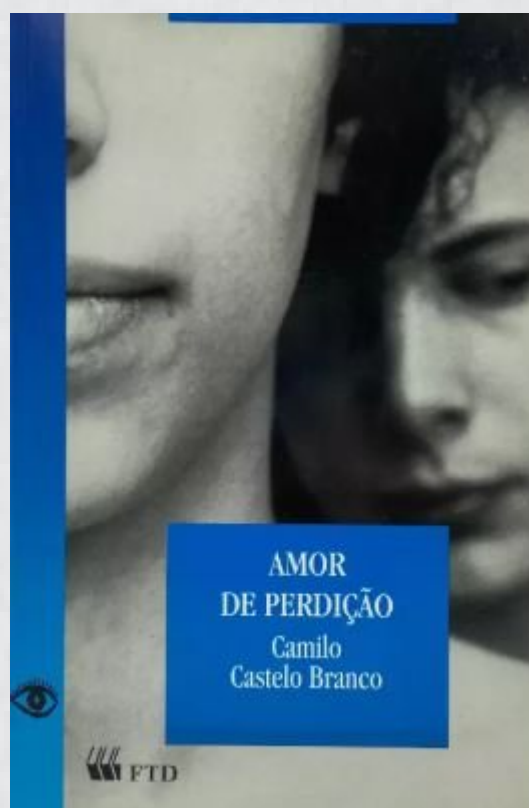
final faz jus ao Romantismo. Todos tiveram um fim trágico, sendo uma característica digna desse estilo de época.

Enfim, a trágica história de dois jovens que se apaixonam, mas não podem se unir porque pertencem a famílias que se odeiam, *Amor de Perdição* tinha tudo para emocionar – ainda mais – os leitores e garantir vida longa ao livro, porém, o tema, em si, não é novo, pois afinal, para citar apenas um exemplo famoso, *Shakespeare*, que foi um precursor Romântico, já tinha usado essa ideia na peça *Romeu e Julieta*, no século XVI, hoje, um clássico da literatura mundial.

## BIBLIOGRAFIA

BRANCO, Camilo Castelo.

**Amor de Perdição.** 3ª ed. São Paulo  
FTD, 1996. (Coleção grandes leituras).



## SOBRE O AUTOR MAX MOREIRA:

Max Moreira, tem 42 anos, cursou Letras na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, formando-se em 2009. Atua como Técnico Administrativo desde 2013. É fã de Literatura e de HQ's. Um dos livros que mais gostou de ler foi **Depois Daquela Viagem**, de Valéria Piassa Polizzi, cuja leitura recomenda a todos. Nas horas vagas, gosta de ler contos e adaptações literárias em quadrinhos.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS FLORAIS

VOL. VII

E-BOOK



saiba mais: clique aqui





# Dez Sonetos para Sedução Ardente

Por Clayton Alexandre Zocarato



## I. A Primeira Pedra

Já foi mulher, foi céu, foi mar em cio,  
nos olhos traz lembranças de batalhas,  
sorriu com vinho, amou sem ter desvios,  
e a carne, livre, nunca usou muralhas.  
Foi puta sim – de amar, de ser vazante,  
de abrir o peito ao toque do universo.  
Mas veio a pedra, o grito dissonante,  
a cruz de um mundo torpe e tão perverso.  
Chamaram-na de erro, de pecado,  
sem ver que ali jorrava a luz mais rara –  
na pele, a flor do mundo degredado,  
no gesto, a paz que a vida não declara.  
Mas puta é quem não sente, quem condena.  
Ela é poema, é alma em terra plena.

## II. Cicatriz

O corpo dela é mapa de invernias,  
com ruas onde o riso foi cortado.  
Cada toque, um nome. Cada dia,  
mais um juízo raso e apressado.  
Na esquina onde a noite se despia,  
colhia luas com olhar cansado.  
Se vendia? Talvez. Mas quem diria  
que amor se dá sem preço ou mercado?  
Carrega no quadril a rebeldia  
de ser mulher sem dono, sem pecado.  
E no silêncio, canta uma elegia  
aos que sentem demais – e são calados.  
Cicatriz é medalha de coragem.  
Cada dor, uma página selvagem.





# Dez Sonetos para Sedução Ardente

Por Clayton Alexandre Zocarato

## III. A Mãe que Não Perdoam

Pariu sem nome, e foi nomeada  
com os insultos da moral vazia.  
Gerou em sombra, e foi abandonada  
pelo que chamam de "família".  
Os olhos da cidade, afiando  
sentenças como navalha no escuro.  
E ela, com o filho, caminhando  
por becos onde o tempo é menos duro.  
Não há pecado em ser o que se é,  
nem em amar sem vestes, sem licença.  
Mas toda mãe que sangra sem papel  
vira ferida aberta na sentença.  
E mesmo assim, sorri entre os escombros:  
faz do amor lar – mesmo expulsa dos ombros.

## IV. Verso Desnudo

Ela escreve no corpo os seus poemas:  
língua de sal, de febre, de delírio.  
Cada gemido abre novos sistemas  
onde o prazer é santo e é martírio.  
Seu gozo é verbo que ninguém declina,  
pois não se curva ao verbo proibido.  
É tempestade em veste feminina,  
flor que se mostra mesmo no gemido.  
Mas a palavra suja que lhe deram  
não sabe da doçura que ela encerra.  
A língua dos seus algozes é de ferro,  
mas sua pele abriga a primavera.  
O mundo a nega, e ela se desnuda –  
é mais real que a moral que a iluda.







# Dez Sonetos para Sedução Ardente

Por Clayton Alexandre Zocarato



## V. Teologia do Prazer

Se Deus a viu dançando entre as estrelas,  
talvez sorriu ao vê-la ser inteira.  
Não há pecado em ter o céu nas veias,  
nem em fazer do amor sua bandeira.  
Enquanto padres cerram as janelas,  
ela reza nua na ribanceira.  
Seu templo é o corpo. Suas capelas  
têm cheiro de suor, vinho e fogueira.  
Por que se teme o êxtase do toque?  
Por que se acusa o que não se entende?  
Ela é evangelho fora de enfoque,  
divina carne que não se arrepende.  
Se há inferno, é frio, moral, fechado.  
Ela – ardente – dança no sagrado.

## VI. Julga quem Tem Medo

O dedo em riste é sempre o mais covarde.  
Aponta o outro pra esconder seu cio.  
Vestido em regras, teme a liberdade  
e chama de "aberração" o desafio.  
Ela incomoda porque é sem disfarce,  
não pede licença para ser.  
Tem no olhar o riso de quem parte  
sem precisar do que querem dizer.  
Enquanto a boca suja a nomeia,  
o corpo dela canta como um hino.  
E quem a julga, vive em cadeia –  
sonha em segredo o que ela tem divino.  
Julga quem deseja e não assume.  
Ela é chama. Eles – só perfume.



Extrair le  
Citrus  
Authentique  
Dentifrices  
A BASE DE SAVON  
depuis plus de 50 ans  
te a perfectionné  
plus de 50 ans  
ses  
TIFRICES  
SE DE SAVON  
les dents comme les mains  
à action anti carie

Idé du 27 Juil. 1919

REMARQUE D'E

de-Mine  
LES PLUS DURABLES

CHE  
M. LEROUX 17, rue de la Harpe, 17, Paris, France

CLIS SOURCILS  
DANS LE MOIS  
DANS LE MOIS  
DANS LE MOIS

ROSELYN  
FACILITE TOUTES LES  
TACHES DE ROUSSEUR  
DANS LE MOIS  
DANS LE MOIS

détruire les poils  
de le 14 de 7 Septembre 1919



## A close-up, artistic photograph of a clock face. The clock features Roman numerals for the hours, with the numbers I through XII visible. The clock hands are dark and ornate, with the hour hand pointing between X and XI, and the minute hand pointing at II. The clock face has a light, aged, yellowish-brown color. The background is dark and out of focus.

Vieram muitos. Todos de passagem.  
Deixaram marcas, dívidas, promessas.  
Alguns com sede, outros com coragem,  
mas todos cheios de palavras pressas.  
Ela sabia – amor que vem com fome  
leva pedaços e não devolve nada.  
Mas mesmo assim dizia cada nome  
como quem lê a sorte revelada.  
Não era ilusão – era entrega.  
Não era espera – era viver.  
E mesmo ao fim, sozinha e cega,  
sabia que amar é se perder.  
Os homens? Foram vento e calafrio.  
Ela? Tempestade no vazio.

Tomaram dela o direito de dizer  
se era santa, se era filha ou se era dona.  
Roubaram-lhe o som, o nome, o poder,  
como se a voz de uma mulher não entona.  
Mas ela fala agora com silêncio  
mais agudo que o grito da multidão.  
Cada gesto seu é um contra-senso  
pro mundo que lhe impôs negação.  
A palavra "puta" foi devolvida  
com flor, com punho, com sorriso e dança.  
Transformou a dor em voz erguida  
e fez do insulto sua esperança.  
Hoje escreve com o que lhe negaram.  
E os mudos a leem – envergonhados.



*de progrès perfectionné  
depuis plus de 50 ans*

**DENTIFRICES**  
**A BASE DE SAVON**

*"L'usage des dentifrices à base de savon"  
est le moyen idéal pour garder les dents saines"*



# Dez Sonetos para Sedução Ardente

Por Clayton Alexandre Zocarato

## IX. Coragem é Sentir

Não é dureza do punho que se fecha,  
nem o olhar de pedra e coração fechado.  
Coragem é a alma que ainda se deixa  
tocar, mesmo quando tudo foi tirado.

É caminhar amando, mesmo em carne aberta,  
é florir na dor, ser luz em escuridão.  
É dizer “sim” com a esperança incerta,  
e ofertar ternura em meio à negação.

Os duros se protegem com espinhos,  
com leis, com fúria, com voz que não escuta.  
Mas ela vai, traçando seus caminhos,  
com peito exposto e alma resoluta.  
Pois só quem sente é forte de verdade –  
o resto é medo fantasiado de vontade.





# Dez Sonetos para Sedução Ardente

## Por Clayton Alexandre Zocarato

### X. Último Julgamento

No fim, estarão todos nus perante o tempo.  
E os de voz limpa, mas alma suja, em fila.  
Ela virá – de passos livres, sem lamento,  
sem medo de sentença ou armadilha.  
Deus, se existir, saberá do intento  
de quem viveu com verdade e partilha.  
E talvez diga: “Tu foste o firmamento,  
enquanto os santos eram só mobília.”  
A puta que sentir será lembrada  
como a que amou sem rédeas, sem cercado.  
E os que a julgaram – esses, sem nada –  
serão poeira no vento calado.  
Pois quem se dá por inteiro, em alegria,  
é quem salva o mundo... dia após dia.



### Sobre o autor Clayton Alexandre Zocarato:

Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP, Técnico em Comércio Exterior pela Faculdades Eficaz - Coronel Fabriciano - MG, Escrevo regularmente para o site [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br) usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias..Formado Especialista em Medina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário Argentina.

E-mail: [claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br](mailto:claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br)



# Entrevista exclusiva com Ângelo Roberto

POR ADEMIR PASCALE

Ângelo Roberto - Foto Divulgação



Ângelo Roberto nasceu em 11/06/1974 e mora em Belo Horizonte/MG. Desde que aprendeu a ler, tomou amor pelos livros e não parou mais. Escreveu alguns textos na adolescência, e já adulto passou a escrever poesias, contos e crônicas. Formou-se em Letras na UFMG, foi convidado a participar de algumas Academias de Letras, e ao passar a frequentá-las teve aumentado bastante o seu incentivo e produção. Recebeu premiações e homenagens, que o autor vê como meios de incentivar cada vez mais – principalmente aos jovens- dos benefícios da leitura e escrita para a emancipação do ser na sociedade. Publicou os livros: *Escrevinhador* (2014); *Matozinhos minha terra* (2018); *AMALETRAS: ideias e ideais*. (2020); *"Cuidado com a coruja Teca"* (2025); *"Vovô Beбето e o reizinho Saimon"* (2025) e participou de dezenas de antologias/coletâneas.

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Ângelo Roberto:** Aos 14 anos, enquanto estudava no SENAI, escrevi um pequeno livro “No país da idiotice”. Nos anos seguintes, escrevi alguns poemas mais concretos, como eu via a realidade naquela época. Não pensava em muito brilho, nem profundidade, e muito menos o encanto para o qual despertei somente anos depois. A partir de 2001, na faculdade, passei a aproveitar melhor as minhas inspirações, passando para o papel e até a recitar em saraus. Sempre preocupado com a importância da função social das organizações culturais, ao longo de minha jornada

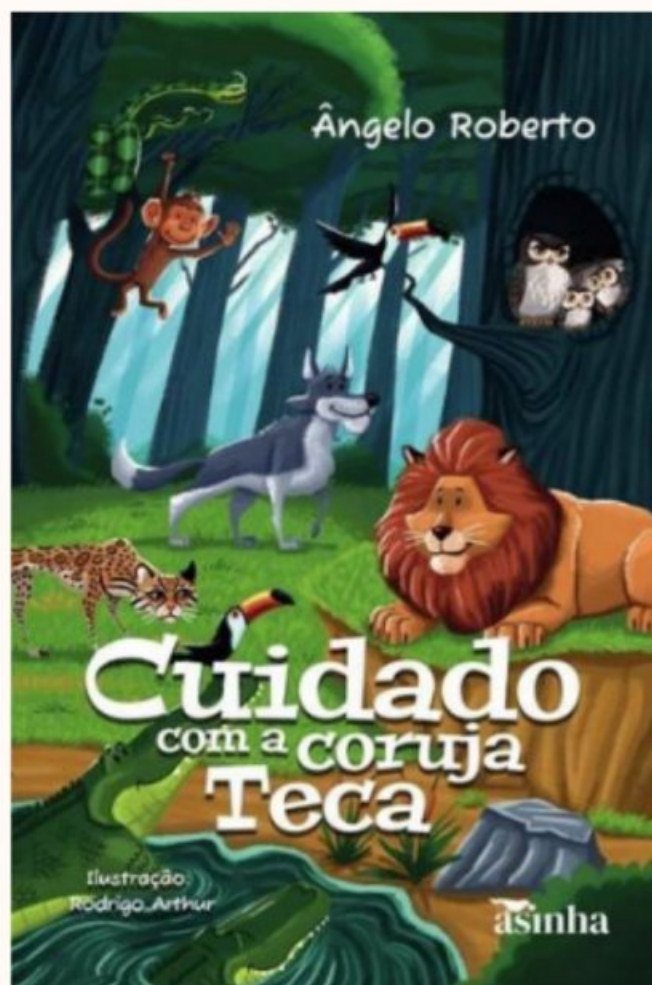


busco sempre que possível conciliar os momentos de produção literária com os de atuação acadêmica, essencial para a coletividade.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Cuidado com a Coruja Teca”, poderia comentar?

Ângelo Roberto: Como em um passe de mágica, ao ficar vovô, quase todas as minhas inspirações que brotaram foram para temas, e histórias infantis. Até então, eu só escrevia para o público adulto. E assim compus o livro “Cuidado com a Coruja Teca”, em que procurando despertar a curiosidade do leitor, instigando a sua imaginação, através da história da Coruja Teca, com os seus filhotes Vico e Zeco. Teca é uma mãe extremamente dedicada e zelosa, porém a comadre dela - a Jaguatirica Suca - a vê jogando os seus filhotes ainda bem novinhos, de um profundo penhasco. O que nos leva a saber que fim terão, “os pobres coitados”.

“Cuidado com a Coruja Teca” é uma das mais gratificantes experiências no mundo da escrita, para mim. Todos nós que lemos, muito provavelmente, tivemos como primeira leitura um livro infantil. Para o meu netinho Samuel, certamente será a primeira lição que antecipadamente já deixo a ele. Nós que sabemos da importância da Educação, podemos presumir o quanto fará bem a literatura para ele e a todos os nossos jovens.



Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Ângelo Roberto: Escrevo mesmo quando me vem inspiração. Sobre algum tema, alguma sequência de ações que eu chegue a imaginar um interessante contexto para dar sentido a elas. Ao contrário de quando comecei a escrever - bastante concretas - as minhas inspirações são em sua maioria mais psicológicas, e por referência das poesias, muitas vezes caminhando para a multiplicidade de sentidos.

Como imagino ser comum a todos que mais quantitativamente escrevem,



acordo muitas noites com algum pensamento, algumas vezes tomo nota, e não é raro que continue “ruminando” aquela ideia por muito tempo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Ângelo Roberto: Claro, com grande prazer!

“— A comadre Teca, que se diz a melhor das mães, vive dizendo que é a tal, de ser um exemplo de cuidado, de só fazer bem aos seus filhotes, acabou de jogar Vico e Zeco na grota à própria sorte. Tão pequeninos, não devem ter sobrevivido os bichinhos.

A bicharada ficou toda espantada. Por isso, nunca esperavam.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ângelo Roberto: O livro “Cuidado com a Coruja Teca” e minhas últimas publicações poderão ser adquiridas nos sites: Amazon, Mercado Livre, Estante Virtual, UmLivro, Americanas, Extra (.com.br), Casas Bahia, Ponto Frio, [www.pedagogika.com.br](http://www.pedagogika.com.br).

Conexão Literatura: Como você

analisa a questão da leitura no Brasil?

Ângelo Roberto: Como voraz leitor, e agora muito mais comprometido escritor, vejo que a leitura no Brasil, comprovada pelas estatísticas, é bastante aquém da criatividade e talento nato dos brasileiros. A Editora Companhia das Letras, em 2024, apontou em seu Blog que pela primeira vez no Brasil, o número de não-leitores havia sido maior do que o de leitores. Não é preocupante?

Sabemos que mesmo que tenhamos qualquer ideia mirabolante, projeto muito bem fundamentado ou ousado plano, se não temos o hábito da leitura, certamente não conseguiremos nunca os apresentar tão bem quanto apresentaríamos caso aproveitássemos do rico poder da leitura. Pessoas, até mesmo não alfabetizadas, têm igualmente a capacidade de elaborar planejamentos e comunicar-se, até muito bem. Só que para comunicar adequadamente com muitos públicos, coordenar esforços em prol de um objetivo mais amplo, sempre poderia ser melhor realizados se potencializados pelos benefícios da leitura.

E essa é apenas uma das dimensões sobre o quanto a leitura pode impactar no avanço ou atraso de um país, e o pior no sucesso ou insucesso de cada pessoa que busque a realização de ideais mais elevados na vida.



Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ângelo Roberto: Sim, Ademir. E são vários. – risos.

Publiquei no mês passado o livro “Vovô Bebeto e o reizinho Saimon”, e esse livro e o “Cuidado com a Coruja Teca” estão concorrendo ao Prêmio Ecos da Literatura. Então estamos na torcida, desejando que algum deles reúna a esperada qualidade, e que seja essa notada e reconhecida pelo júri.

Em 2026, buscarei uma editora para publicar o último livro que escrevi. Ele fala sobre as gerações mais novas, seus desafios, riscos e oportunidades. Destinado a ampliar a perspectiva para pais e educadores, que semelhantes também a mim, se preocupam com o presente e futuro deles. Sabedores que somos, que sempre estivemos em um mesmo barco, e que o que acontecer com eles impactará inevitavelmente a nós, em única e possível sociedade. A relação intergeracional, a escuta ou a ignorância ao que dizem os mais velhos, como predominantemente pensam e agem, são aspectos tratados neste livro que está a caminho.

Enfim, esses últimos têm sido muito produtivos para a minha escrita. Escrevi um livro, mais técnico – sobre investimentos imobiliários – corretor de imóveis que sou, e também já escrevi algumas outras histórias

infantis desde a chegada do Samuel.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Claraluz e o poeta”, de meu saudoso amigo Mauro Brandão.

Um ator ou atriz: “Viola Davis”

Um filme: Forrest Gump

Um hobby: Ler.

Um dia especial: Em 2001, o dia em que fiquei sabendo que passei no vestibular.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ângelo Roberto: Gostaria de agradecer ao Ademir Pascale, pela liberdade na entrevista; à toda equipe da Revista Conexão Literatura; à minha família que me apoia e prestigia em tudo, e a todos os meus amigos e especiais leitores que são o meu incentivo e fundamentais em todas as minhas realizações. Agradeço especialmente ao João Abreu da Livraria Insight (no Rio de Janeiro), exímio mentor, desde o início da minha escrita do livro em investimento em imóveis, apoiou-me incansavelmente na melhor organização, foco, disciplina e apresentação da obra. E pelo privilégio na existência, já nos tornamos muito bons amigos.

Aos que se dedicam à leitura, digo: “Meus Parabéns!”, “Tenham ótimo proveito!”

Aos que não se dedicam, venho a lhes lembrar: “Vocês não sabem o que estão perdendo!” “Vocês estão deixando dinheiro – e chances de ser mais feliz – na mesa!”



# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

## REVISTA CONEXÃO LITERATURA

---



### Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



### Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



### Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

## Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)



### Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

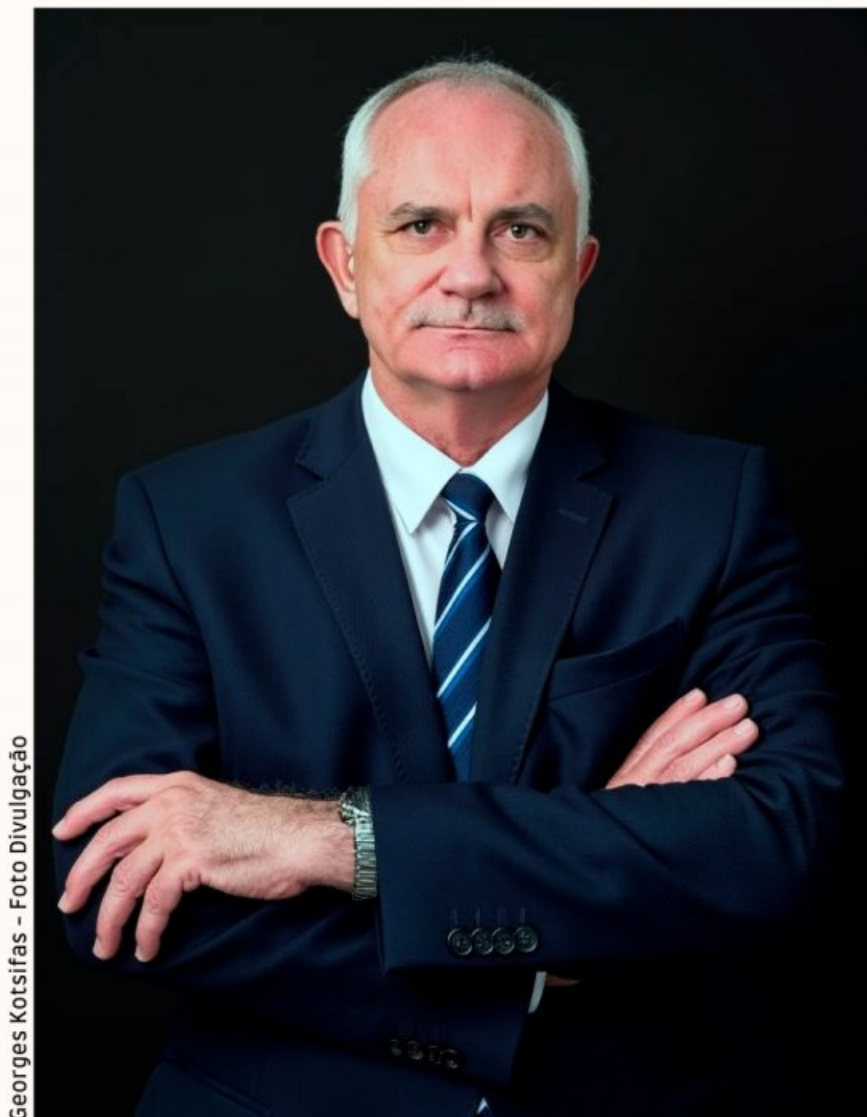
**NÃO PERCA TEMPO:** encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# Entrevista exclusiva com Georges Kotsifas

POR ADEMIR PASCALE



Georges Kotsifas - Foto Divulgação

O escritor Georges Kotsifas é natural de Passos em Minas Gerais e médico de formação acadêmica. Atualmente reside nas cidades de Curitiba e Maringá no estado do Paraná. Sendo autor das seguintes obras de ficção já publicadas: Murmúrios, Dor e Lágrimas nos Sertões do Brasil, Pavilhão dos Esquecidos, Guerra Insana e mais 2 romances a serem publicados proximamente.

Revista Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Georges Kotsifas: Sempre tive uma forte ligação para literatura nacional e especialmente com a literatura russa. Desde a juventude tendo escrito

regularmente, especialmente contos. Passei a publicar somente nos últimos anos.

Revista Conexão Literatura: Você é autor do livro “Guerra Insana”, poderia comentar?

Georges Kotsifas: Guerra Insana é um romance ambientado nos tempos da Guerra do Paraguay. Não é um romance sobre a guerra em si, mas não deixa de versar sobre episódios daquela epopeia militar, especialmente em seus aspectos humanos.



Revista Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

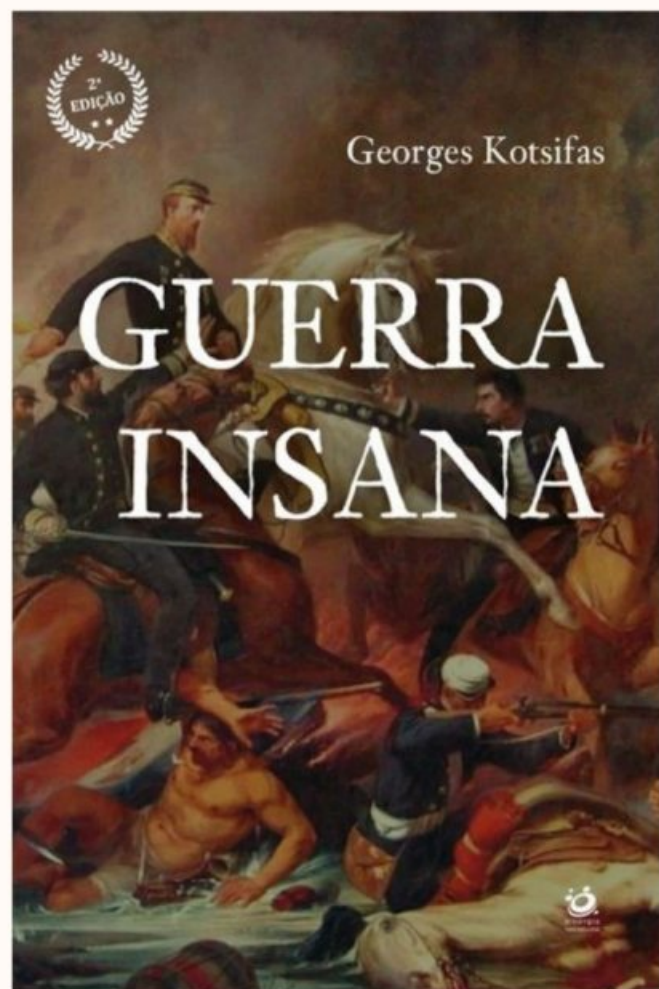
Georges Kotsifas: As minhas inspirações vem de uma facilidade que tenho de observar situações de vida e transformá-las em escritos literários, sempre com foco nos dramas que a queixam a humanidade.

Revista Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Georges Kotsifas: ...O que vimos naquela tarde jamais pude esquecer: cabeças de crianças espetadas em lanças paraguaias, corpos de homens e mulheres desmembrados a machadadas. Pairando no céu, centenas de urubus a espera do seu quinhão...

Revista Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Georges Kotsifas: Estamos disponíveis digitalmente na Amazon, Mercado Livre e Livrarias Curitiba. E caso queiram saber mais sobre as obras, podem entrar em contato comigo através do meu e-mail: [gj.kotsifas@uol.com.br](mailto:gj.kotsifas@uol.com.br)



Revista Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Georges Kotsifas: Houve um momento de um certo desprestígio da leitura através do livro físico, mas nos últimos tempos essa tendência tem diminuído com um aumento na procura por livros físicos.

Revista Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Georges Kotsifas: Sim, dois romances, um é um drama e o outro são sátiras.



Perguntas rápidas:

Um livro: O Tempo e o Vento.

Um ator ou atriz: Al Pacino

Um filme: Os 300 de Esparta

Um hobby: Canetas

Um dia especial: O nascimento dos meus filhos. E agora do meu primeiro neto.

Revista Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Georges Kotsifas: Foi um prazer conhecê-los.



**LEIA UM LIVRO**

**E aventure-se sem sair  
do lugar**

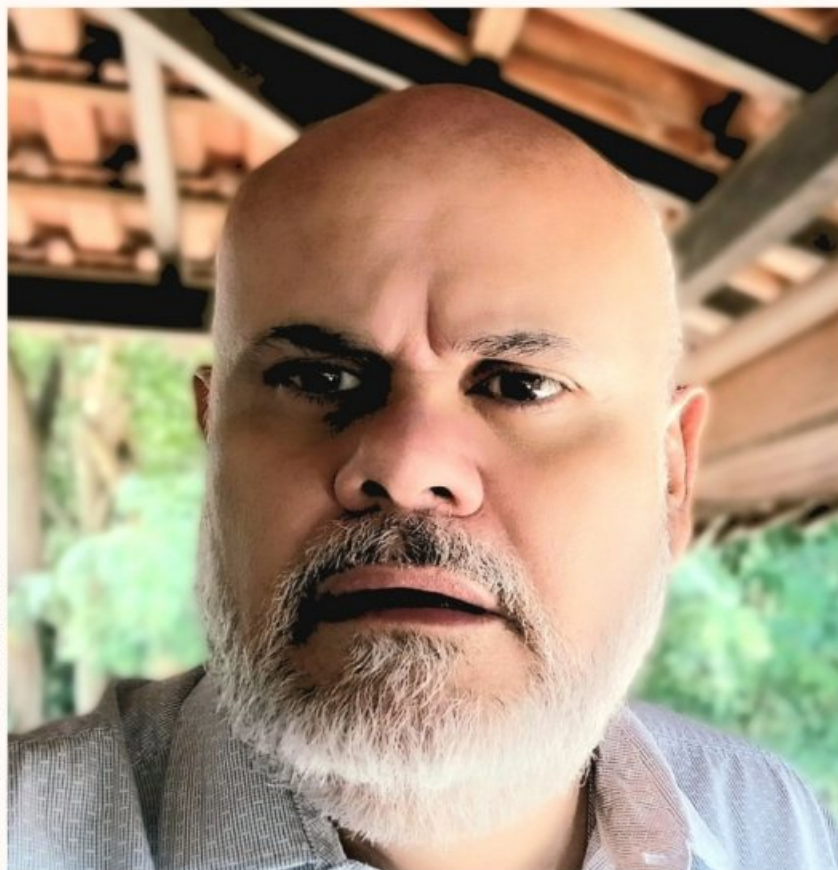


**REVISTA CONEXÃO LITERATURA**



# Entrevista exclusiva com Jonas Lucio

POR ADEMIR PASCALE



Jonas Lucio - Foto Divulgação

Jonas Lucio é filho de Benedicto Lucio e de Donna Genny Pantalêao Lucio, tem dois irmãos Jose Wlademir Lucio e Janes de Fatima Lucio, vive atualmente com Margareth Kreitlow.

É formado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), estudou Psicologia na Universidade São Francisco – Itatiba.

Atualmente mora na cidade de Cosmópolis (SP) é natural de Pedreira (SP).

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Jonas Lucio:** Sempre queria escrever um livro, mas em virtude da rotina diária, e “correria” sempre fui deixando de lado, até que veio a pandemia em março de 2020 foi quando o sonho deixou de ser sonho e passou a ser realidade, foi neste período que a comecei a escrever o meu primeiro livro, finalizado no final de 2023.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro “Histórias e estórias de um cidadão comum – A vida requer coragem”, poderia comentar?

**Jonas Lucio:** Sim sou o autor, em minha opinião, é um livro delicioso de ler, putz, irão com certeza falar, está falando isso por que foi ele quem escreveu, mas não é isso. Você pode até achar que é um livro para contar minha resiliência durante minha vida, é



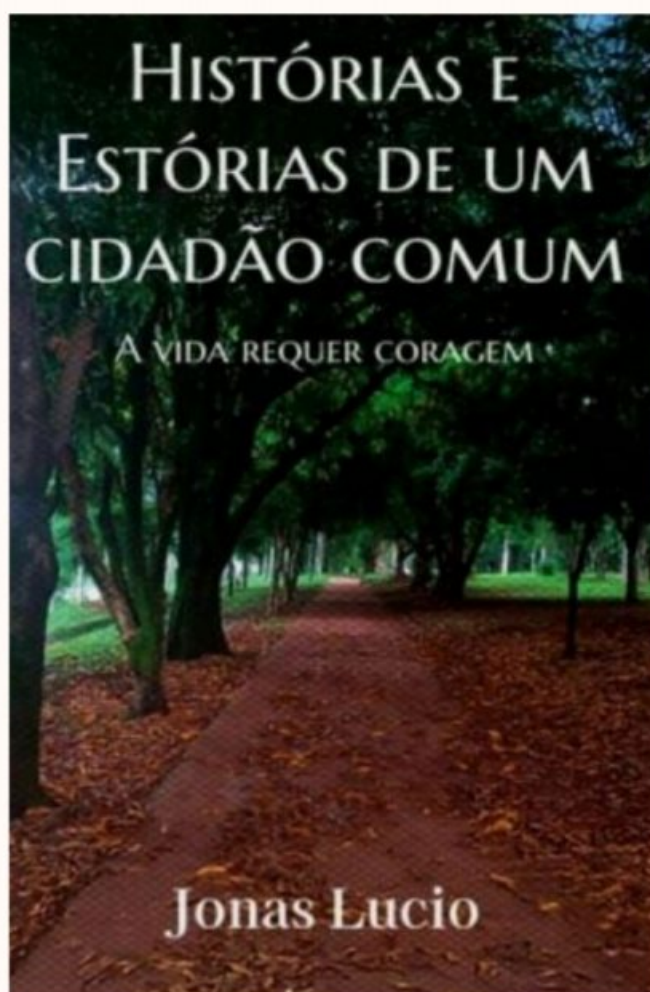
também, mas eu acho que, além disso, eu narro lugares maravilhosos, comidas deliciosas e que tem a participação de pessoas, que podemos encontrar na esquina de nossa casa, como Chico, Leonora e Sophia, por isso que ele é muito bom.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Jonas Lucio: Não sei dizer, é talvez a pergunta mais difícil de responder, talvez algo divino, algo de memórias, criatividade, não sei, só sei que quando sento na frente de uma tela de computador a “coisa” flui naturalmente.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Jonas Lucio. “Leonora se encantou pela Dona Geni uma senhora de olhos azuis que quando olha, parece que perfura nosso espírito, mas de uma sabedoria enorme, conhece como ninguém, as ervas do sertão e quando encontra uma chama logo Leonora, olha essa aqui é o alecrim, ele serve, para pode melhorar o funcionamento do sistema nervoso, proteger o fígado, atuar como antioxidante, aliviar a dor, melhorar a circulação sanguínea, favorecer a digestão dos alimentos e, Leonora escuta tudo, vai



anotando, tudo como uma universitária no primeiro ano.

Caminhamos até o final do percurso e percebemos o quando João Guimaraes Rosa foi sábio em escrever vários livros, relatando essa viagem foram três Grandes Sertões: Veredas (1956), Corpo de Baile (1956) e Tutaméia (1967), em 1952 junto com o escritor acompanhou uma boiada de 360 cabeças de gado, juntamente com vaqueiros da região.

Laudo médico de João Guimarães Rosa quando este morreu testou um infarto, talvez de emoção...”

Conexão Literatura: Como o leitor



interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Jonas Lucio: O livro “Histórias e Estórias de um cidadão Comum” já está em todas as principais prateleiras digitais do Brasil.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Jonas Lucio: Está muito difícil à leitura neste momento no Brasil e no mundo, ninguém quer mais pensar, a geração que vem vinda quer respostas rápidas, aí vem o celular, sabe que eu chego a pensar que pensar dói na cabeça, deve ter alguma bactéria que faz doer, as pessoas só querem saber de ver face, insta, são poucos que leem escrever então, “vixe” tem gente que está se formando que são uns desastres tanto na leitura como na escrita.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Jonas Lucio: Sim, o segundo livro já está na editora para os acertos finais, ainda lançamos este ano 2025, se Deus o assim o permitir, já estamos escrevendo o terceiro livro esse vai ser muito bom.

Perguntas rápidas:

Um livro: Grande: Sertão Veredas – João Guimarães Rosa

Um ator ou atriz: no Brasil Vagner Moura, fora do Brasil Morgan Freeman.

Um filme: O poderoso chefão (a trilogia)

Um hobby: Observar meus gatos dormir, sabe vou te contar uma “coisa” gatos tem um único defeito, não são imortais.

Uma música: Vilarejo de Marisa Monte

Um dia especial: pode ser uma época, início da primavera onde tudo é belo e colorido.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Jonas Lucio: Obrigado pela oportunidade e como diz uma das minhas personagens Dona Mariquinha – “Que Deus te acompanhe sempre”.





PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS

VOL. III

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)



# Entrevista exclusiva com Marcelo Rocha Nasser Hissa

POR ADEMIR PASCALE

Marcelo Rocha Nasser Hissa - Foto divulgação



Marcelo Hissa é médico endocrinologista e escritor. Autor de *A Pena Azul*, romance espiritual que une ciência e transcendência ao explorar o despertar interior e a busca por sentido.

Atualmente, tem um segundo livro em edição e um terceiro em fase de confecção, ambos dando continuidade à proposta de integrar espiritualidade e reflexão humana.

Também é autor dos contos “Djaci” e “Dias de Oceano”, publicados em antologias nacionais que abordam esperança, recomeço e reconexão da alma.

Entre a medicina e a literatura, Marcelo busca compreender – e expressar – o invisível que habita o humano, transformando a palavra em instrumento de cura e despertar interior.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Marcelo Rocha Nasser Hissa: Foi algo muito intuitivo. Há muito tempo eu alimentava dentro de mim algumas histórias que desejava contar, mas nunca havia encontrado o



impulso certo. Em um dos meus momentos de meditação, essa força criativa simplesmente se tornou incontrolável — como se uma inspiração profunda tivesse tomado forma.

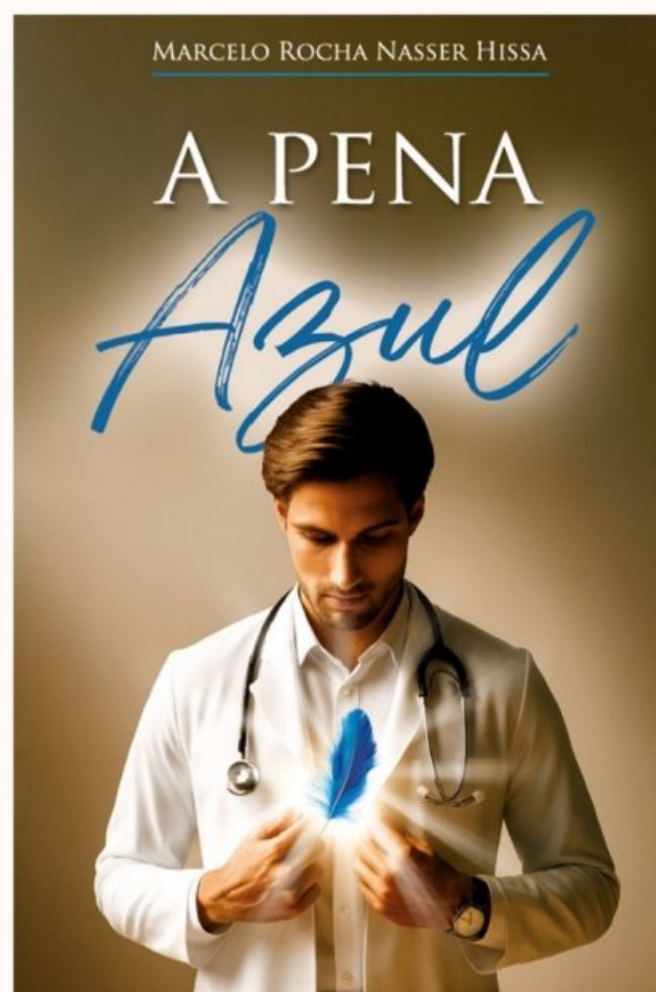
A estória veio quase pronta, como se estivesse sendo ditada de algum lugar mais alto. Eu apenas me tornei o instrumento. Tão grande foi a intensidade da intuição que o processo de escrita fluiu em uma única semana, como se cada palavra já estivesse à espera de ser lembrada.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro “A Pena Azul”, poderia comentar?

**Marcelo Rocha Nasser Hissa:** A Pena Azul é um romance que nasceu da necessidade de compreender a alma humana em seus momentos de transição. Ele fala sobre fé, autoconhecimento e reconciliação interior, mas sem se prender a rótulos religiosos. A história acompanha um jovem médico que, após um evento-limite, é conduzido a uma jornada simbólica de reencontro com sua essência.

Embora a trama tenha elementos espirituais, o foco está na experiência humana — nas dores, escolhas e despertares que todos enfrentamos. É um livro sobre lembrança e sentido: sobre o instante em que o silêncio interior se torna o maior mestre.

Procurei unir poesia e reflexão, emoção e razão, para que cada leitor pudesse se



enxergar nas páginas e, de alguma forma, lembrar-se também de quem é.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Marcelo Rocha Nasser Hissa:** Meu processo de criação é muito intuitivo e guiado por temas ligados à espiritualidade, filosofia e transcendência. Escrevo quando algo me toca de forma interior, como se as ideias já existissem e eu apenas as organizasse em palavras.

No campo espiritual, encontro grande



inspiração em autores como Robson Pinheiro, Vera Marinzeck, Divaldo Franco e Chico Xavier, que me ajudaram a compreender a dimensão sutil da vida.

Na filosofia, há muito de O Caibalion, com suas leis universais, e também ecos de Heather Hughes-Calero, Nagabe e Osamu Tezuka, cujas obras unem reflexão e sensibilidade.

Na vertente transcendental, busco referências em Paramahansa Yogananda e Drunvalo Melchizedek, que ampliaram meu olhar sobre energia, consciência e unidade.

E, na arte da narrativa, há sempre um toque de Brandon Sanderson e Alejandro Jodorowsky, pela maneira como constróem universos simbólicos e coerentes, e transforma ideias abstratas em emoção viva.

Costumo dizer que escrevo entre o céu e a Terra — com os pés na realidade da medicina e a mente voltada para o invisível que move o humano.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Marcelo Rocha Nasser Hissa: Há um trecho de A Pena Azul que considero um dos mais significativos da obra.

É o momento em que Júlio, o protagonista, é confrontado com algo maior do que a própria consciência — o instante em que o ego se vê diante da

alma.

“— Lembre-se de quem você é.

Júlio respondeu quase por reflexo, com a voz trêmula e um tom de raiva contida:

— Eu sei quem sou... Nunca me esqueci. Sou Júlio. Estudante de medicina, futuro médico... Uma pessoa que vive com uma maldita doença que Deus me deu. Mas ainda estou aqui. De pé. Lutando.

A luz permaneceu. Não houve julgamento. Não houve resposta imediata. Apenas a mesma voz, mais firme agora, quase cortando:

— Não. Lembre-se de quem você realmente é.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Marcelo Rocha Nasser Hissa: Os leitores interessados podem adquirir A Pena Azul diretamente comigo, por meio das minhas redes sociais ou contato pessoal.

As edições enviadas por mim acompanham dedicatória escrita à mão, marcador exclusivo e um cartão de agradecimento personalizado, preparados com muito carinho para cada leitor.

Há também disponível no Amazon.

Além desse romance, também



participo das antologias Relíquias da Vida e Antes que o Tempo Passe, ambas com contos de minha autoria que considero entre as minhas criações mais profundas – reflexões sobre a alma, o tempo e o sentido da existência.

Quem desejar conhecer mais sobre meu trabalho literário e acompanhar os próximos lançamentos pode visitar no perfil no Instagram @marcelohissaendocrino – <https://www.instagram.com/marcelohissaendocrino/>, onde compartilho inspirações, bastidores e mensagens sobre a caminhada espiritual que a escrita representa.

**Conexão Literatura:** Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Marcelo Rocha Nasser Hissa: Como leitor assíduo, talvez eu veja a questão da leitura no Brasil por um viés um pouco particular. Ler, para mim, é o maior hobby – muito mais do que assistir séries, filmes ou jogar videogame. No entanto, percebo que a leitura ainda é pouco estimulada e muitas vezes conduzida de forma equivocada.

Acredito que é essencial valorizarmos os clássicos da literatura nacional, mas também é urgente estimular o contemporâneo, o acessível, o novo. É difícil despertar o gosto pela leitura

em jovens quando eles são obrigados a ler autores complexos, como José de Alencar – um conterrâneo que admiro – em uma fase da vida em que ainda não houve amadurecimento literário suficiente para apreciá-lo plenamente.

Talvez o caminho seja o inverso: começar pelo que aproxima, para depois alcançar o que desafia. Despertar o prazer antes da obrigação. Vejo com alegria as grandes livrarias cheias novamente, sinal de que o livro físico ainda resiste; por outro lado, entristece-me notar que o incentivo à leitura, em muitos casos, se resume a modismos de “influencers” e algoritmos, quando o verdadeiro estímulo deveria vir do encontro íntimo entre o leitor e a palavra.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

Marcelo Rocha Nasser Hissa: Sim, existem novos projetos em pauta. Se tudo correr como planejado, um segundo livro deverá ser lançado ainda este ano, e o terceiro possivelmente no segundo semestre do próximo.

Mas, no momento, meu foco principal está em A Pena Azul – tanto na divulgação quanto no contato com os leitores, que têm me proporcionado trocas muito bonitas. É uma fase de aprendizado e gratidão, em que cada



mensagem recebida confirma que o propósito do livro está cumprindo seu papel.

Perguntas rápidas:

Um livro: Autobiografia de um logue, mas Caibalion também não tem como ficar de fora

Um ator ou atriz: Jonathan Roumie

Um filme: Onde os Fracos Não Têm Vez

Um hobby: Colecionar CDs (ou leitura)

Um dia especial: O dia de hoje

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Marcelo Rocha Nasser Hissa: Pergunto-me, às vezes, se vale a pena investir valores elevados em editoras que cobram caro, mas oferecem um resultado estético e técnico impecável. Onde termina o desejo legítimo de ver uma obra bem produzida — e onde começa a armadilha da vaidade? Publicar um livro é também enfrentar o próprio ego. Tento sempre lembrar que a mensagem é mais importante que o mensageiro, e que o verdadeiro mérito está em tocar o outro, não em ser admirado.

Também reflito sobre o equilíbrio entre paciência e impulso. O mercado editorial exige espera: longos prazos, respostas incertas, silêncio frequente. Por diversas vezes, acabei

enviando meus originais a editoras que talvez não fossem minha primeira escolha, movido pelo receio de perder oportunidades diante do tempo dilatado das que mais admirava.

Não digo isso em crítica, mas como um apelo à humanização do processo editorial. Somos muitos autores tentando compreender esse labirinto entre sonho, pressa e esperança — e talvez a leitura no Brasil precise justamente disso: de mais pontes humanas entre quem escreve, quem publica e quem lê.





# Entrevista exclusiva com Marco Aurelio Brasil

POR ADEMIR PASCALE

Marco Aurelio Brasil - Foto Divulgação



Marco Aurelio Brasil é Doutor em Ciência, Tecnologia e Educação, e Mestre em Tecnologia (Inovação e Gestão), além de Administrador de empresas no setor público e privado. Professor universitário, palestrante, consultor e desenvolvedor de soluções educacionais corporativas, para empresas como Petrobras, Coca-Cola, Rede Globo, Granado/Phebo e Log-In. Como livre-pensador, conjuga saberes da Filosofia, Religião, História, Sociologia e Arte.

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Marco Aurelio Brasil:** Escrevi muitos artigos científicos, notadamente no período de Mestrado e Doutorado, além de capítulo de livro publicado na União Europeia. Embora tenha nuances diferentes, o prazer pela escrita já estava presente em minha produção acadêmica, mas entendi que era hora de escrever mais livremente, e para um público maior.

**Conexão Literatura:** Você é autor do livro “O Tabuleiro de Mil Pontos – Um Ensaio Sobre



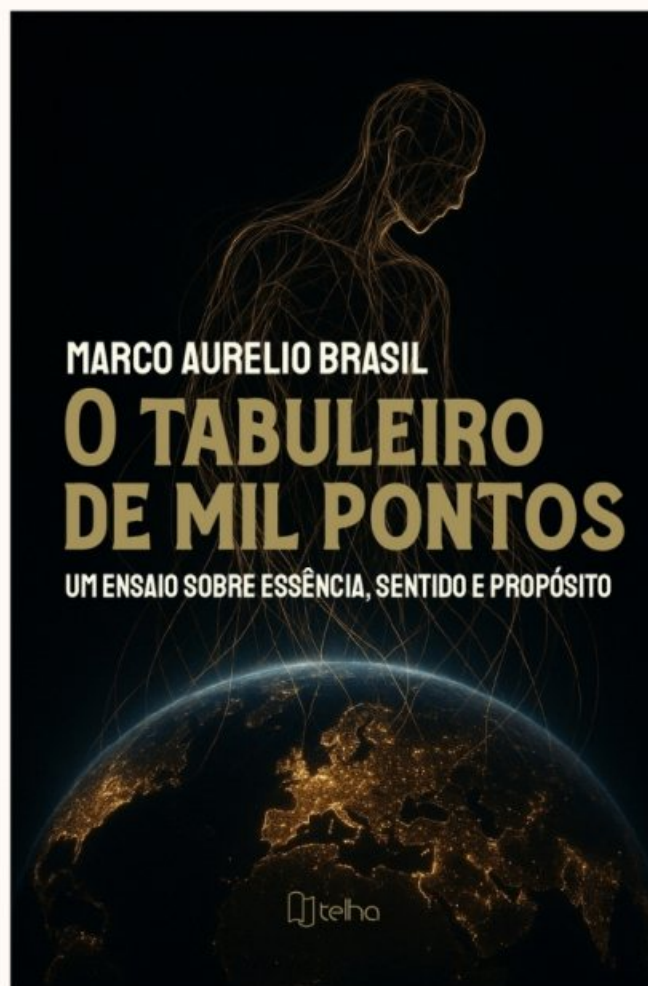
Essência, Sentido e Propósito”, poderia comentar?

Marco Aurelio Brasil: Este livro é fruto de muita pesquisa, experiências e vivências acumuladas em minha trajetória, e do desejo de abordar alguns dos temas mais complexos da humanidade com clareza e coerência, sem esbarrar no simplismo.

O leitor é convidado a explorar o vasto e complexo tabuleiro da existência humana, onde “mil pontos” representam sua capacidade de colher sentido nas múltiplas perspectivas que oferecem uma compreensão do mundo, tais como: História, Arte, Religião, Filosofia e Ciência.

Ao entrelaçar narrativas e conceitos de várias áreas do conhecimento, procurei revelar como as experiências, crenças e valores, se complementam a elas na busca por respostas que transcendam as limitações individuais. “O tabuleiro de mil pontos” não oferece fórmulas prontas, mas uma abordagem autônoma e soberana, para que cada leitor possa identificar, e conectar, os pontos capazes de trazer significado, mesmo num mundo efêmero, fugaz e inclemente.

Com uma narrativa poética, de estética singular, a obra propõe uma jornada de autoconhecimento e reflexão, livre de amarras e preconceitos, capaz de contribuir para



que cada um possa construir sua própria percepção sobre a essência, o sentido e o propósito da vida.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Marco Aurelio Brasil: Embora reconheça o quanto é difícil, procuro me libertar de qualquer viés quando estou tratando de um tema. Sempre busco enxergar os assuntos a partir de vários pontos, considerando as convergências e dissonâncias. Muitos escritores dizem ser necessária uma



disciplina para escrita, que você deve escrever mesmo não tendo vontade. Eu não funciono bem assim. Eu escrevo nos dias bons, quando as palavras saem de mim com tamanha força que não conseguiria deixar de usá-las. Nos dias menos inspirados, eu faço as pesquisas e ajustes na estrutura do texto.

Minhas inspirações: Dos clássicos destaco Cervantes e Goethe, dos filosóficos Spinoza, Kant e Camus, da ficção/fantasia Orwell e Tolkien, além da prosa poética de Gibran. Na literatura brasileira quem mais me toca é Guimarães Rosa.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Marco Aurelio Brasil: Gosto tanto deste trecho do último capítulo, que até coloquei na orelha do livro: “Neste extraordinário planeta Terra, a essência do cosmos se materializou em vida orgânica, e, como entidades biológicas, dividimos a teia da existência com todos os seres vivos. Não estamos separados da natureza, nem dos demais seres, e a prova disso é que compartilhamos a finitude material. Nesta rede da vida não há centro nem periferia, e cada um se move de acordo com sua função. Mas, nós humanos, precisamos mais do que uma função, precisamos de um papel com propósito”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Marco Aurelio Brasil: No meu Instagram @marco\_aurelio\_brasil você encontra um link na bio para comprar o livro na Amazon, na Editora Telha e em outros market places da internet. É lá também que entrego conteúdo sobre essência, sentido e propósito, e atualizo meu público sobre eventos e novos projetos.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Marco Aurelio Brasil: O Brasil é marcado por imensas desigualdades que, desde sempre, têm afetado o hábito da leitura nas camadas mais pobres. Some-se a isso uma questão que é mundial e afeta a todos os estratos: o uso desenfreado de telas, redes sociais e consumo massivo de produtos audiovisuais. É um cenário desafiador, pois lemos anualmente um quarto daquilo que é lido nos países mais desenvolvidos. A Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) e do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), não têm sido suficientes para enfrentar o problema. Precisamos elevar mais vozes e buscar políticas mais efetivas, pois a leitura desenvolve o senso crítico, a empatia e a capacidade de compreender o



mundo e se posicionar nele.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Marco Aurelio Brasil: Sim! Estou preparando um material para levar as discussões sobre essência, sentido e propósito da vida para os mais diversos ambientes: Fóruns, palestras, rodas de conversa e podcasts.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Profeta de Gibran

Um ator ou atriz: Charles Chaplin

Um filme: Tempos Modernos

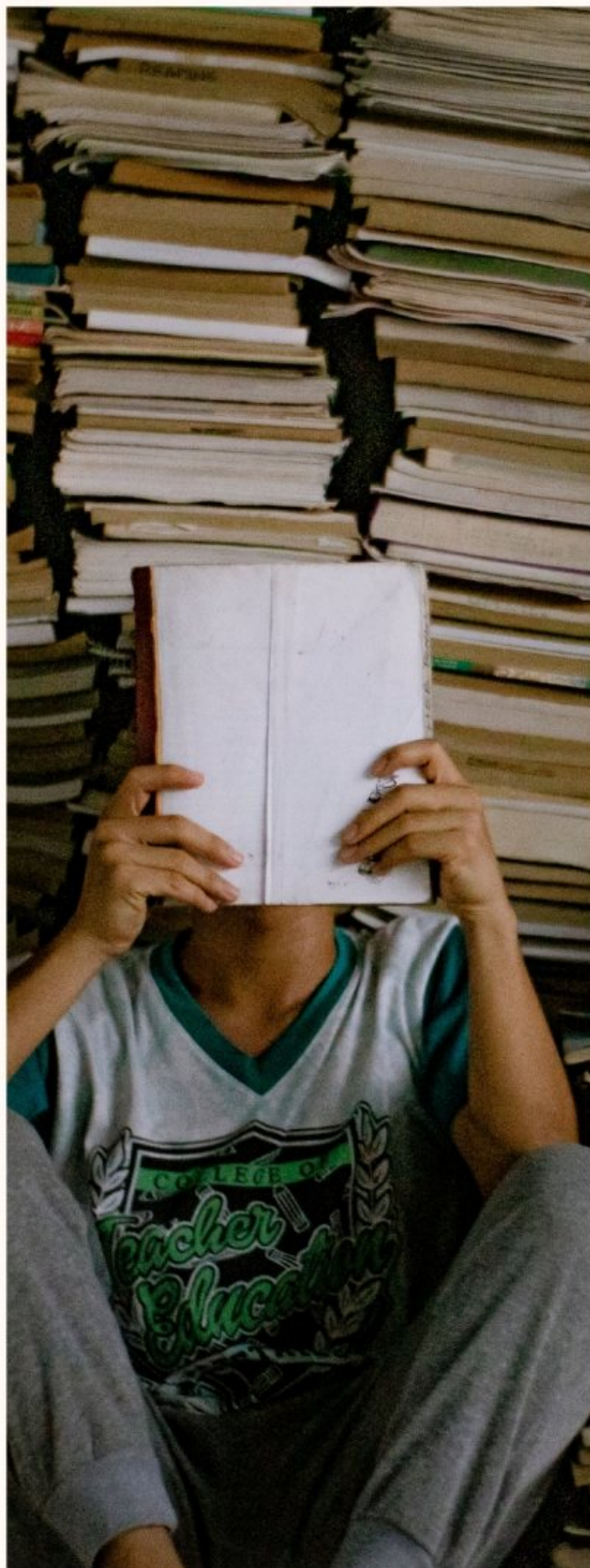
Um hobby: motociclismo

Um dia especial: diria dias! O nascimento de meus filhos. Inclui o meu filho literário aí (risos)

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Marco Aurelio Brasil: Quero agradecer a oportunidade da entrevista, e convidar a todos para esta incrível jornada de conhecimento, e autoconhecimento, encontrada no “O tabuleiro de mil pontos”. Ela provocará profunda reflexão, e mais do que oferecer respostas, fará o leitor perceber sua essência, construir o seu próprio alicerce de sentido, e considerar o propósito que

tornará sua existência autêntica e significativa.





PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# TECENDO POEMAS

VOL. X



E-BOOK

saiba mais: clique aqui



# Entrevista exclusiva com Renata Di Carmo

POR ADEMIR PASCALE

Renata Di Carmo - Foto Divulgação



Renata Di Carmo é atriz, autora, diretora e jornalista, com formação em Artes Cênicas, Cinema e Jornalismo, PHD em Comunicação, Mestrado e Doutorado em Letras, na área de arte e narrativas. Começou sua trajetória profissional aos 13 anos e aos 18, ainda na década de 90, foi contratada pela TV Globo como autora, onde ficou por vários anos. Atua como consultora, criadora, roteirista final e autora para Netflix, HBO, Prime Video, Disney, Globoplay, Universal + e Canal E! Os últimos trabalhos foram na chefia de roteiro da série Toda Família Tem (Prime Video), na redação final de Humor Negro (Globoplay), no

desenvolvimento e escrita da série internacionalmente conhecida Cidade de Deus - A luta não para (HBO), no roteiro e redação final da premiada série Os quatro da Candelária (Netflix), no reality No Jogo e na série (in)vulneráveis (2026) - um projeto cross do Universal + & Canal E!, que criou, escreveu e dirigiu, além de ter sido jurada e atriz - e no longa de comédia Tá Pago (2026). Já atuou por diversas vezes como consultora, curadora e mentora em eventos como Rio2C e Frapa, além de para instituições como a Anistia Internacional e a Prefeitura do Rio. É autora do premiado livro infantojuvenil Anele - A menina dos olhos de Mundo. Presença constante no teatro como atriz, Renata também tem atuações em exposições, como a Fruturos - tempos amazônicos, para o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Foi premiada pela



CAPES e pela FAPERJ como pesquisadora na área de narrativas. Em 2022 foi premiada pelo FEST Curta Mossoró pelo pioneirismo e excelência na carreira e em 2025 foi indicada pelos prêmios Abra e Grande Otelo, pelas séries Cidade de Deus, Os Quatro da Candelária e também como Roteirista do Ano.

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Renata Di Carmo: Profissionalmente foi com o concurso da editora Uirapuru para a publicação de novos autores. Naquele momento a editora procurava autores que buscavam uma primeira publicação. Eu concorri com o Anele, a menina dos olhos de mundo, e com um adulto, que ainda não publiquei, porque segui emendando um trabalho denso atrás do outro no audiovisual. Mas ainda vou. Eu ganhei o concurso para a publicação das duas obras. O 'Anele', além da premiação, me trouxe outras conquistas, ganhei outros editais com a história, fizemos apresentações em teatro, leituras, clubes de leitura, palestras... Ele foi minha porta de entrada na literatura. Depois veio o livro da Firmina, publicações em coletâneas de poesias, no campo mais acadêmico publicações de ensaios, artigos e capítulos de livro. Antes, eu era uma criança que escrevia, naturalmente.



Eu criava histórias, desenhava, grampeava e dizia que era um quadrinho. Eu escrevia cartas. Sempre tive essa relação com a escrita, que sempre foi um lugar de esconderijo para mim e me pensar, de alguma forma. O que é curioso, pois também é um lugar de exposição.

**Conexão Literatura:** Você é autora do livro “As Faces de Maria Firmina dos Reis - Diálogos Contemporâneos”, poderia comentar?

Renata Di Carmo: Sim. Esse livro surge da minha dissertação de mestrado,



que defendi pela PUC-Rio, com orientação do professor Alexandre Montauray, e o apoio fundamental da CAPES. Foi uma dissertação muito celebrada pela banca e veio o caminho para a publicação através da editora Bambual, em 2022. A dissertação, portanto, é anterior. O livro tem uma escrita ensaística que centra atenção na obra de Maria Firmina dos Reis, em especial o romance oitocentista Úrsula. É uma forma de apresentar Firmina de uma maneira distinta, desvelando seu pensamento a partir de intervenções de outras pensadoras. Há uma articulação do pensamento de Djamila Ribeiro com Lélia Gonzalez, em diálogo com discursos de Marielle Franco, com atravessamentos de Grada Kilomba, por exemplo. A ideia aqui é examinar diferentes ações intelectuais que, articuladas, propuseram dar centralidade à voz de mulheres negras. Fazendo reconhecer uma nas outras os gestos e pensamentos que as norteavam. Trata-se de um diálogo propositivo entre pensadoras que se comprometeram à reflexão acerca de suas próprias condições de inserção em uma sociedade fortemente marcada pela permanência da experiência colonial no Brasil. Há pensamentos de Firmina que reverberam em Lélia, que reverbera em outras pensadoras com suas elaborações sobre cultura e identidade, sobre a categoria política de amefricanidade, sobre racismo e

sexismo na cultura brasileira, sua análise sobre os sintomas da nossa 'neurose cultural', como pontua Lélia em sua obra. São ecos que se tocam na ação e no gesto dessas pensadoras. Pontuo esses caminhos no livro. A partir de processos de separação étnicas e de gênero, a análise do romance se articula a vozes femininas do século XX, que se notabilizam por atos de resistência e insubordinação, ecoando, simultaneamente, o que chamo de 'projeto'. Então, me utilizo do romance de Maria Firmina para grifar essa construção e esse pensamento.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Renata Di Carmo: Eu pesquiso, eu me isolo, procuro trocar com algumas pessoas quando acho necessário. Gosto de buscar referências em outros ambientes artísticos, como exposições, por exemplo. Também em música. Outro dia dei uma entrevista que vai compor um documentário sobre roteiristas e utilizei a palavra 'ensimesmar', que é esse processo que preciso ter de estar na solidude, ouvindo minha própria voz, para criar. Preciso do silêncio. A natureza é uma boa aliada também. Isso funciona para a criação, seja na produção de uma narrativa ficcional ou de uma elaboração crítica. Eu organizo as ideias e então começo. Me inspiro no



dia a dia e também nas leituras que vou fazendo de escritoras e escritores, filósofos, críticos... Como sou atriz, também leio com as devidas intenções muitas vezes, para avaliar se estou chegando onde quero...

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Renata Di Carmo: Nossa. É difícil, mas vamos lá:

“Observar o discurso de Maria Firmina dos Reis (...) é entendê-la como sujeito político, capaz de suscitar reflexão sobre as várias possibilidades (...) de ser mulher e negra e brasileira. É neste ponto, de forma mais imediata, que Lélia Gonzalez (1935-1994) parece-nos vestir-se do mesmo gesto griotte que está ativo em Maria Firmina dos Reis durante sua empreitada estética. Sendo a palavra, para muitos povos de tradição oral, a força do ser materializada, ela é a própria substância da criação. Através da palavra, Maria Firmina dos Reis e Lélia Gonzalez narram uma realidade outra, divergente da introduzida pelas elites coloniais do Brasil, e se inscrevem no mundo através dela. Assim, no sentido da griotagem, os textos e falas de Lélia indicam quem ela é, da mesma maneira que a escrita de Maria Firmina aponta uma declaração acerca dela mesma. Ambas são intérpretes de seu tempo e de sua gente. A palavra é a

própria mulher, e certamente elas são muitas. (...) Nos dispomos aqui a articular a inevitabilidade do presente ao tempo do discurso. Onde, de forma mais específica, as falas de Maria Firmina dos Reis, implícitas em ‘Úrsula’, atuam em diálogo com as questões levantadas por Djamila Ribeiro em ‘O que é: lugar de fala?’ (2017) – e também com as inquietações laboradas por Lélia Gonzalez (1935-1994) em suas produções e ações. O tempo do discurso é o tempo da narrativa, no qual estamos constantemente indo e vindo, nesta dança entre Cronos e Iroko. O corpo-negra de Firmina, um corpo que se propaga, estende e dilata, sonhando Djamila na interferência do discurso, a incorpora (...). Neste sentido (...) divulgar a produção intelectual de mulheres negras é pensar nestas mulheres como sujeitos e seres ativos, que pensam continuamente resistências e reexistências no sentido da coletividade. (...) Nesta roda de contação, onde estamos sentadas(os) ao pé do baobá, Maria Firmina dos Reis inspira Djamila Ribeiro e esta é capaz de atualizar tanto Firmina quanto Lélia...

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?



Renata Di Carmo: O caminho mais simples é ir no site da editora Bambual, que é Livros para a Transição Global - Bambual Editora (<https://bambualeditora.com.br>) ou pedir pelo Amazon. Aproveito e já sugiro que os leitores deem uma olhada nos outros títulos da editora, que é uma empresa engajada com causas muito importantes. A Bambual tem como proposta sensibilizar o ser humano para fazer escolhas mais conscientes e respeitadas em relação ao mundo, a natureza, a cultura e às existências que habitam a Terra. Esse olhar é urgente e necessário. Há títulos incríveis que ajudam a repensar nossos posicionamentos e nossa relação com a vida. E para saber sobre mim é só me procurar nas redes, como por exemplo em @renata\_di\_carmo, meu instagram.

**Conexão Literatura:** Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Renata Di Carmo: A 6ª edição da "Retratos da Leitura no Brasil" diz que 53% dos entrevistados não leram nem mesmo parte de uma obra nos três meses anteriores à pesquisa. Isso é um dado de novembro de 2024. Ou seja, não estamos bem. Acho que é um desafio para a educação, que não se resolve sozinho. A gente precisa de políticas públicas para a formação de leitores. Como sociedade a gente precisa encontrar as formas de promover esse estímulo, de facilitar o

acesso ao livro, que para muitas famílias é caro. Conheço pessoas que tem pavor de abrir um livro, pois não tiveram uma boa relação com ambientes educacionais ou com a prática da leitura. Mesmo em casa nunca foi prazeroso para elas. A escola precisa de incentivo também. Os professores, diretores, gestores, fazem muito com pouco inúmeras vezes. Conheço outras pessoas que nunca entraram em uma biblioteca pública, por exemplo. Como a gente consegue tornar isso atraente? Como a gente consegue estimular e transmitir uma mensagem de que esse lugar está disponível para todos, que a leitura pode ser agradável? Há um déficit de atenção causado pelo uso da internet, mas não dá para ignorar as plataformas. Então, como conseguimos integrar? Eu sou uma apaixonada pelo livro, mas sei que a juventude, por exemplo, está muito mais no celular. Então, é preciso dialogar com esse espaço e usá-lo como um facilitador. De fato, ainda precisamos entender como criar essas pontes.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

Renata Di Carmo: Existem. No tempo certo volto pra falar sobre eles. Estou ansiosa por isso.

**Perguntas rápidas:**

**Um livro:** O que estou lendo no



momento, que é o Dom Casmurro, de Machado de Assis.

Um ator ou atriz: Tanta gente boa, vou citar Flávio Bauraqui e a Octavia Spencer.

Um filme: Moonlight: sob a luz do luar, roteiro e direção de Berry Jenkins. O tempo passa e sigo encantada com esse filme.

Um hobby: Fazer trilha. Dançar. Fazer exercício físico.

Um dia especial: A defesa do meu doutorado.

Conexão Literatura: Recentemente você foi indicada como Roteirista do Ano pela Associação Brasileira de Roteiristas, um reconhecimento extremamente importante na área, principalmente considerando sua longa trajetória como autora. Você vê a criação literária de maneira diferente da construção de um roteiro, seja para TV, streaming ou cinema?

Quando você cria pro audiovisual você conta por imagens, pela composição das imagens, dos elementos dispostos. A imagem diz e não apenas a palavra. Você pode dizer pouco, já que tudo está contribuindo pra transmissão da mensagem, atribuindo sentido ao todo. São as cores, é a música, contam as marcações das cenas, a interpretação dos atores, as expressões... Cada profissional envolvido dá a sua parcela de

contribuição pra história que o público vai ver. Até a estrutura final, a montagem, o ritmo, tudo ajuda a contar, direciona o olhar, trabalha as sensações. Na literatura você pode imaginar sem limites, você não vai precisar produzir materialmente o que você está propondo. Na imaginação tudo é possível, você está livre pra propor o que for, sem precisar projetar a concretude daquela ideia, nem prever orçamentos. Ela é concreta no campo das ideias em si, ela é palpável lá. A proposta está inteira na palavra, o leitor lê e ele imagina considerando apenas o texto que você escreveu, a estrutura, a pulsação e o ritmo que propôs, não existe uma intermediação, apenas a palavra no papel. Sempre falo que acho isso extremamente bonito. O momento íntimo entre você e o leitor. Que gosto de imaginar algum solitário lendo o livro em algum lugar. Ele vai formular pensamentos, se emocionar, tudo, a partir da tua escrita somente. Você vai precisar dar os elementos para que ele, o leitor, invente um mundo na cabeça dele. Dessa maneira vão existir vários livros a partir do teu. Depende do leitor.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Renata Di Carmo: Com um convite à leitura do livro. Abrir um livro é estar em diálogo com ele. No caso de 'As faces de Maria Firmina dos Reis –



Diálogos Contemporâneos', é se colocar em conversa com essas mulheres, num alargamento do nosso olhar sobre nós mesmos e sobre o Brasil. Ler um livro é sempre se expandir.







# Citações de Grandes Autores



“O dia todo espiava o movimento das pessoas, tentando adivinhar coisas incompreensíveis.”  
- Graciliano Ramos







"Nunca devemos  
envergonhar-nos das  
nossas próprias lágrimas."  
- Charles Dickens





participe das nossas

# Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais  
CLIQUE AQUI

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# PRESENTE DE NATAL

POR ROBERTO SCHIMA





Ele se materializou na escuridão do céu, em meio a uma esfera de luz azul que logo esvaeceu. Ouviu seus animais bufarem de alívio; estavam retornando para casa e sabiam disso. Não precisou dar qualquer instrução para as renas. Sentindo o odor penetrante da neve, elas espantaram a fadiga do corpo e puseram-se em marcha na vastidão boreal da longa noite polar. Seus cascos pesados desafiaram as nuvens, reveladas somente por um arco de lua e brilho ocasional de uma aurora.

O trenó voava em silêncio, deslizando por rajadas frias de vento, tão geladas quanto os espíritos da neve a vagarem pelas planícies do Ártico mais abaixo.

— Finalmente, conseguimos terminar — desabafou o velho numa voz grave e gentil, porém cansada. — Pensei que não fôssemos conseguir...

Uma das últimas renas que puxavam o trenó virou-se para trás, num olhar interrogativo. Avistou seu amo sob o pálido luar, encolhido dentro do casacão vermelho, e os olhos grandes ficaram cheios de lágrimas. Nunca vira Papai Noel tão abatido assim.

— Tudo bem, patrão? — perguntou, preocupada.

— Hã? Oh, Clarice, sim, eu estou bem... agora estou.

— Podemos pousar perto daquela geleira — acenou com o focinho —, se o senhor quiser descansar um pouco.

O velho de barbas brancas comprimiu os olhos, erguendo um pouco o gorro de sobre a testa. Avistou o gigantesco manto de gelo e neve desfilando sob si a medida em que o trenó descrevia uma curva no ar. Era um tabuleiro espesso e tão antigo quanto o tempo dos mastodontes e rinocerontes lanudos; apesar da tênue luminosidade, podia-se perceber sua cor azulada, as fissuras e estranhas esculturas modeladas pelo vento. Parecia aconchegante. Tão vazio, sereno e irreal como num conto de fadas. Fendas profundas cortavam sua superfície. Rajadas repentinas roubavam parte da neve depositada, erguendo-a num delicado véu glacial. Papai Noel suspirou antes de responder, e o vapor de sua respiração perdeu-se rapidamente no ar.

— Não, Clarice, vamos seguir em frente, para o norte. Vamos para casa.

— Como quiser, senhor.

Os animais aceleraram, fazendo o vento assobiar em todas as orelhas. Sinos tilintaram. Encontravam-se tão cansados quanto o velho, embora possuíssem uma disposição física maior que a dele. Fora uma viagem bastante demorada, percorrendo estrelas e planetas nesse subúrbio da Via Láctea. Pouco tempo tiveram para se alimentar, conversar ou simplesmente relaxar. A humanidade estava crescendo em demasia havia vários séculos, e o trabalho nos anos futuros configurava-se cada vez mais difícil. Evitavam falar entre si a respeito, mas era um pensamento que não lhes abandonava a mente.

A neve caía torrencial de um céu muito escuro, assemelhava-se às entranhas de uma chaminé.

*"Ho! Ho! Ho! Adivinha de quem é?"*

Assim dizia o bilhete deixado por Papai Noel junto com os milhões de presentes, sob as árvores de Natal de todas as crianças. Um cartãozinho simples e, não obstante, tão



carregado de luz — o brilho sem fim de um olhar infantil, a expectativa concretizada, o desejo realizado.

O velho no trenó sorriu. As faces flácidas se distenderam, revelando suas tonalidades róseas, acentuadas pela ventania cortante. Sorriu sem desejar verdadeiramente sorrir. Era um sorriso amargo de quem havia muito esperava pelo sono. A missão fora cumprida, todavia, Papai Noel estava triste.

Levou uma das mãos até o bolso de seu casaco. Franziu a testa, sem encontrar aquilo que queria. Então, lembrou-se. Perdera seu cachimbo numa das primeiras entregas fora da Terra. Fora apanhado numa das ocasionais tempestades de areia em Marte. Deveria ter previsto uma coisa dessa. Era um planetinha pequeno, mas quando cismava, fazia uma agitação de dimensões continentais. O vendaval conseguia castigar praticamente toda a superfície e, frequentemente, levava semanas até passar. E justo no final de ano isso foi acontecer. Além do incômodo daquela miríade de grãos cutucando seu corpo e das pobres renas, por muito pouco não deixara cair o saco de presentes numa das muitas crateras a enfeitarem a superfície do Planeta Vermelho. Lutara bastante, rodopiando, voando em zigue-zague, subindo e descendo feito um domador de cavalos selvagens, entretanto, vencera. Em contrapartida, o cachimbo de estimação sumira, devendo estar enterrado em alguma duna esquecida ou num dos muitos leitos de rios secos. Gostava de fumar e queria poder fazer isso agora.

— Estamos chegando, senhor — disse a rena ao lado de Clarice.

— Sim, Anita, estou vendo as luzes. Ho! Ho! Ho! Finalmente em casa, meninas!

— Viva! — gritaram todas as renas.

Era impossível não se alegrar com o brilho das lâmpadas na fria solidão do norte a indicar o caminho como um farol. Uma visão pequenina que foi aumentando momento a momento. Era um ninho de calor. Era a segurança de um teto de madeira. Era o odor macio do feno. Era o lar.

O trenó descreveu um novo arco, ajudado por um sopro de vento glacial e aterrisou suavemente ao lado da casinha de madeira, sendo então iluminado por aquelas luzes convidativas.

Sinos se calaram.

Era uma construção bastante simples, como a morada de um lenhador: de troncos grossos e resistentes. Muita neve tinha se acumulado sobre o telhado e nos beirais das janelas. Aqui e acolá, estalactites de gelo brilhavam feito lanças de vidro. Uma tira de fumaça saía pela chaminé, apesar de não haver ninguém no interior naquele momento. Nunca faltava lenha na lareira de Papai Noel.

Ele desceu pesadamente e suas botas se afundaram na grossa camada de neve macia. Caminhou com dificuldade, respirando pela boca. Desatrelou as renas uma a uma, fazendo-lhes um afago e espantando a neve dos dorsos peludos com carinho. Agradecia-as também pela correria daquela noite, a correria do Natal, quando celebraram mais um aniversário de Jesus Cristo, levando um sorriso aos rostinhos infantis de todo o mundo — de todos os mundos, melhor dizendo.

— Obrigado, Sônia... Obrigado, Cristina... Obrigado, Juliana... Obrigado, Marion... — foi dizendo, voz estafada, quase num murmúrio. E as renas, por sua vez, aos



pouquinhos foram desaparecendo para o interior do estábulo adjacente à casinha. — Obrigado, Anita... E obrigado, Clarice.

Mas Clarice não se mexeu do lugar.

— Patrão...

— Sim?... O que é, Clarice?

— Uma longa noite, não foi? — falou timidamente. Movimentou as patas dianteiras, pisoteando a neve de leve. O fraco luar prateado somado à luz da casinha refletia-se na sua pelagem vistosa. Era de um castanho rajado, amarelado no ventre, e muito macio ao toque. Repetiu: — Longa noite.

Papai Noel anuiu, observando-a.

— Muito longa. Como estão suas patas, criança?

— Firmes como um *iceberg* — mentiu, procurando disfarçar a respiração ofegante, porém traída pelos vapores condensados. Queria dizer mais, contudo, silenciou, hesitando.

O velho segurou amavelmente o queixo dela, fitou aqueles olhos grandes e pretos de rena. Cintilavam.

— O que quer me dizer, Clarice? Por que chora?

— Não estou chorando, senhor.

— Se você tem uma deficiência, é a de não saber distorcer a verdade, minha amiga.

Clarice sorriu sem jeito, emocionada pelas palavras dele. Podia sentir os olhares e ouvidos atentos das outras renas dentro do estábulo, espiando de cada frestinha, denunciadas pelo silêncio incomum. Então, respirou fundo e encheu-se de coragem.

— Ano após ano os humanos se multiplicam, patrão. Isso vem acontecendo desde o princípio: clãs, tribos, cidades, nações e tudo o mais. Todavia, nos últimos séculos...

— É, eu sei — concordou Papai Noel com um aceno de cabeça, neve caindo do gorro. — Ainda quando estavam confinados a este planeta as coisas eram relativamente fáceis, apesar da distância entre os países, da imensidão dos oceanos, dos aviões em nosso caminho... Mas, então, passaram a colonizar o espaço. Primeiro a Lua sem oxigênio — e chaminés muito menos. Depois as cidades-espaciais, Vênus, Marte... Suamos um tantinho, porém logramos êxito. Até que...

— Resolveram colonizar outros sistemas solares — completou Clarice, quando sentiu a pausa do velho estender-se em demasia.

— Sim. O espaço entre as estrelas é vasto.

— Vasto demais, senhor. E eles continuam a...

Papai Noel interrompeu-a, erguendo a outra mão.

— Sei onde você quer chegar, Clarice. Também estou preocupado.

O animal fungou.

— Não conseguiremos.

— Precisamos conseguir. Nós temos a nossa missão a cumprir: levar a alegria na Noite do Senhor. Contribuir para a harmonia entre os homens e, principalmente, entre as crianças. Fazê-los acreditar na esperança de um amanhã melhor. O fardo de Cristo não

foi mais leve que o nosso. Haveremos de conseguir, Clarice, você verá — murmurou sem muita convicção. — Agora, descanse. Está muito frio aqui fora.

A rena voltou seus olhos para a escuridão do céu.

Chumaços de neve continuavam a cair, assim como as rajadas de vento. Vinham de lugares gelados e sombrios, errando pelas planícies vazias do Polo Norte. Um mundo sem Sol e sem vozes durante o duradouro inverno. Somente o uivar das correntes de ar gemendo sem cessar nas distâncias. Sim, era uma região fria, enorme e escura.

"Mas nem de longe se compara com o espaço", pensou a rena.

Finalmente, Clarice procurou afugentar a tristeza.

— Está bem, senhor — disse, caminhando devagar para o estábulo. Já na entrada, voltou-se e viu o velho acenar para ela. Retribuiu, meneando a cabeça. Relembrou as palavras dele e meditou: "Levamos a fé na esperança para a humanidade, mas quem é que irá nos trazer um amanhã melhor?" E entrou, sem coragem de pronunciar a pergunta em voz alta.

Nem necessitou ter feito isso.

Papai Noel pensava a mesma coisa naquele exato instante. Observou as cercanias envoltas pelas trevas. Era um cenário sombrio e assustador para os menos avisados. Quanto a ele, porém, estava mais do que acostumado, após tantos milênios ali. E sentia-se bem naquele lugar. Um recanto solitário no topo do mundo, sem outra residência por milhares de quilômetros. Um ponto tranquilo onde podia descansar e preparar-se até o Natal seguinte. Saboreou o aroma penetrante do gelo branco e puro do Polo Norte. Fitou o céu, a Lua meio escondida, as estrelas. Apenas o vento em seus ouvidos respondeu à pergunta muda. Finalmente, chacoalhou a neve pulverulenta do corpo e entrou.

O calor aconchegante recebeu-o com um abraço. Na lareira, chamas amarelas e vermelhas lambiam gulosas a base da chaminé, e brincavam de fabricar sombras dançantes pela sala. A lenha crepitava e era um som gostoso de se ouvir, após sentir o lamuriar da ventania nas planícies nevadas. Um tapete felpudo e branco cobria uma boa área do assoalho de madeira. Uma poltrona gasta e resistente esperava por ele perto da lareira, com seus rangidos familiares prontos a serem emitidos. Uma mesa, alguns quadros nas paredes, pequenos objetos de valor sentimental, dois abajures acesos, tudo isso representava a fortuna de Papai Noel, tudo o que precisava e se sentia bem. Mas não estava muito bem agora.

Jogou seu gorro vermelho e branco na direção do cabide, no canto da sala mais próximo à porta de entrada. Provocou uma breve chuvinha branca pelo caminho, e foi cair com precisão no alvo, pendurando-se. Papai Noel nem ligou. Tirou o casaco e as botas. Espreguiçou-se, e juntas velhas estalaram. Calçou um par de chinelos de pano e foi vestir seu pijama.

Uma hora depois, relaxado e aquecendo as mãos junto às chamas, lembrou-se.

— Que coisa, como pude me esquecer? — resmungou contrariado. — Estou ficando senil...

Meio a contragosto, tornou a vestir seu casaco e saiu para a noite glacial. O ar frio de inverno recebeu-o com gosto. Andou pesadamente pela neve e entrou no estábulo. As renas jantavam e observaram-no com semblantes surpresos. Chegaram a temer uma nova saída, uma entrega inesperada, entretanto, quanto a isso o velho as tranquilizou.



— Está tudo bem, meninas. Eu só vim apanhar a minha árvorezinha de Natal. Esqueci-me dela aqui no fundo do estábulo.

As renas suspiraram.

O pinheirinho solitário descansava no vaso. Sua paz foi perturbada abruptamente e ele protestou como pôde, balançando os ramos tenros para aquela criatura grisalha. Em vão. Derrotada e comprimida de encontro ao volumoso abdome, deixou-se levar.

— Todo mundo tem uma árvore de Natal, mas o Papai Noel em pessoa esqueceu-se da sua — explicou o velho, ofegando.

— Não quer uma ajuda?

— Não, Anita, obrigado. Eu consigo.

— Tome cuidado, senhor.

— Pode deixar, Marion.

— Eu sou a Clarice — reclamou.

— Oh, desculpe-me, Clarice.

E antes que saísse do estábulo, as renas recitaram em coro:

— *Feliz Natal, Papai Noel!!!*

Sem pressa, ele passou os olhos de uma rena a outra, dedicando um olhar especial a cada uma. Assim que terminou, retribuiu com sinceridade:

— Feliz Natal para vocês também, crianças.

Os animais sorriram, alguns com bocados de feno entre os dentes.

Papai Noel caminhou de volta para a sua casinha, pensando no calor da lareira, no frio que penetrava pelas calças de seu pijama e nas bochechas desprotegidas.

Foi quando aconteceu.

Chegou mais gélido do que o cair da neve.

Tão envolvente quanto a escuridão polar.

Tão repentino... e tão estranho.

Ocorreu diante da porta, quando ele se encontrava com a mão já na maçaneta, que ele sentiu. Intrigado, voltou o rosto para trás, para a paisagem sombria.

— O que...

Não havia coisa alguma de anormal, nada além dos flocos brancos a tombarem do negrume do céu, dos rastros recém-deixados sobre a neve, de pequenos morros mais adiante a refletirem a claridade suave da Lua e das lâmpadas na casa de troncos. De resto, a duradoura escuridão polar, de uma vastidão tão misteriosa e antiga quanto o nascimento do tempo.

Contudo, a sensação singular persistia.

O corpo inteiro do velho se arrepiou. Procurou se concentrar, pensar. Não, não havia dúvida.

Era como se estivesse sendo vigiado.

Isso se constituía num absurdo, evidentemente. Era o único habitante nos confins daquele reino gelado, ele e as renas. E mesmo que os homens sobrevoassem a região com seus jatos ou naves espaciais ou satélites, nada conseguiriam detectar, nem a luz e nem o calor. E nenhum animal conseguiria suportar os rigores do inverno sem entrar em hibernação, exceto as próprias renas de Papai Noel que, como tais, eram criaturas bastante peculiares.

Papai Noel meneou a cabeça, consternado, e entrou novamente, julgando estar sendo alvo de sua própria velhice.

Ajeitou com cuidado o pinheirinho junto à janela e principiou a enfeitá-lo com chumaços de algodão e delicados ornamentos de vidro: bolas coloridas, bonecos de papai noel, estrelas e luas, botinhas, castanhas. Sentiu-se mais melancólico a medida em que a arvorezinha ia ficando mais e mais parecida com suas parentes nas infinitas salas espalhadas pela Terra, na Lua e em outros planetas. "Cristo renasceu novamente no coração dos homens", pensou. "Breve, crianças acordarão a fim de apanhar seus presentes sob a árvore. Risos invadirão as quatro paredes como fachos ofuscantes de luz. Famílias partilharão a ceia, reunidas. Renovarão a esperança de um futuro melhor a nível espiritual e que fizesse justiça aos avanços materiais. Os mais velhos lembrarão natais passados, na época em que eles mesmos, crianças então, tentavam dormir inquietas à espera dos seus presentes. Pensarão nos parentes e amigos que se foram e nos natais que ainda estão por vir. É isso o que farão. Todavia..."

Papai Noel fez um breve intervalo e descansou o corpo sobre uma almofada. Deu uma olhada a sua volta, procurando desviar seus pensamentos daquela linha de raciocínio. Censurou os lábios, comprimindo-os um contra o outro e retomou sua ocupação. Prendeu uma imitação de doce de caramelo num dos poucos raminhos que faltavam ser enfeitados. Do outro lado da janela, a neve continuava a cair do céu às escuras, e roçava o vidro delicadamente. Tudo tão tranquilo e taciturno, tão propício a deixar os pensamentos perambularem pela noite, por tantas noites... Contra a própria vontade, os olhos deram mais um passeio pelo interior da sala, subitamente imenso. Um soluço quebrou a quietude da casa, depois outro e outro, perturbando o crepitar insistente da lenha na lareira e os gemidos do vento lá fora.

"Todavia", prosseguiu sua mente teimosa, "não há risos e rostos alegres na minha casa. Por séculos e séculos tem sido assim, e sempre apreciei. Gosto do sossego. Os homens falam de anõezinhos me ajudando, mas não é verdade. Sempre trabalhei sozinho, eu, as renas e umas magicazinhas de salão. Adoro a solidão fria do Ártico em comunhão com meus pensamentos e minha nobre missão. Mas hoje, esta noite... não sei. Provavelmente, trata-se de um efeito do cansaço, sim, tem que ser isso. Porém... se pudesse, se tivesse um jeito, gostaria pelo menos uma vez de ser eu a criatura ansiosa a esperar por um visitante noturno, a compartilhar rostos e risos, a abrir o pacote de presentes na Noite do Senhor, desfazer o laço e estraçalhar o embrulho bonito. Sim, é isso o que eu gostaria ao menos uma vez. Mas não existe um Papai Noel para o Papai Noel, e, sob minha arvorezinha há somente um espaço vazio."

Pendurou o último enfeite — um tipo de duende narigudo —, e admirou sua obra.

Os galhos tremiam por causa do último ornamento colocado pelo velho. O algodão parecia neve de verdade. As bolas de vidro eram estrelas pendentes de um céu imaginário. E a estrela no topo da árvore anunciava a vinda do menino Jesus, assim como fizera havia milhares de anos na longínqua Belém.

Repentinamente, ele sentiu de novo.

Aquele pressentimento.

Fisgadas de gelo.



Um manto de trevas.

Alguém vigiando.

Chegou mais forte do que da vez anterior.

Papai Noel sentiu o calafrio tomar conta de seu corpo. Teve medo. Ergueu-se da almofada e aproximou-se da janela. Julgou distinguir um vulto sobre a neve. Apesar do seu temor, correu em direção à porta e a escancarou.

Rajadas de neve penetraram na sala, assustando as chamas e, com estas, as sombras que, tranquilamente, dançavam.

O rubor tomou conta das faces pálidas do velho.

— Quem está aí? — gritou.

A voz se perdeu na escuridão da noite.

O vento uivou em resposta.

A Lua tinha desaparecido entre as nuvens invisíveis.

Nada.

Papai Noel forçou a visão. Tinha sido perto dos morros de neve, onde a luz mal alcançava e somente contribuía para reforçar o aspecto místico do cenário.

O vento não parava de gemer.

— Quem está aí? — repetiu.

Era loucura, não poderia haver mais alguém nas redondezas. Devia ter sido alucinação, uma miragem, alguma brincadeira dos raios de luz ao se refratarem na janela. Poderia ser uma foca insone? Ou um esquimó aventureiro? Era impossível!!!

De soslaio, percebeu um movimento no seu lado esquerdo, na direção do estábulo.

Algumas renas também espionavam, assustadas.

— Vocês viram? — indagou o velho.

— Vimos — disse uma delas, voz trêmula.

Papai Noel franziu a testa.

— O que foi que viram?

— Não temos certeza, senhor.

— Catarina e Juliana estão com muito medo — contou outra rena, intrometendo-se na conversa. — Falam de um "*espírito da neve*".

Outros animais trocaram olhares, e confirmaram com a cabeça.

— Isso é uma lenda, Sônia — respondeu o velho de barbas brancas, reconhecendo-a. — Apenas uma lenda.

— Hã, desculpe-me, senhor, mas muitos humanos também nos consideram somente um mito.

Papai Noel não soube responder desta vez.

A neve rodopiava ao redor da casa. A claridade morria adiante paulatinamente. Morros de neve, somente isso e mais nada.

Por fim, o bom velhinho desistiu.

— Voltem para dentro, meninas. Está muito frio. Deve ter sido... foi a neve. Tentem dormir. Estamos todos fatigados.

As renas sumiram uma de cada vez no estábulo e a última fechou o portão, não sem antes Papai Noel ouvir a voz excitada de Juliana cochichar: "Espíritos da neve sim!"

Ele perscrutou a paisagem por mais um instante até se decidir a entrar. O nervosismo tomava conta de si. Não queria nada mais além de poder fumar seu cachimbo na poltrona, diante da lareira, pés descalços brincando com os dedos no tapete, e esperar serenamente pela chegada do sono. Entretanto, não tinha mais o cachimbo de estimação, tampouco sentia vontade de dormir.

E foi assim, nesse estado de inquietação, que ele descobriu.

— Mas o quê... — gemeu. — O que é isso?

Ficou assustado, paralisado. Então, revistou toda a casa à procura do intruso. Foi até o seu quarto, depois na cozinha, abriu armários, olhou debaixo da cama, chegou até a remexer nas gavetas, dando-se conta um instante depois do absurdo disso. Tudo parecia se encontrar exatamente no lugar como deixara antes de empreender sua longa viagem de entregas: nenhuma janela aberta, nada de pegadas, ninguém escondido.

E no entanto...

Lá estava aquele embrulho sob o pinheirinho.

Era um pacotinho em papel laminado azul, selado por uma fita cor-de-rosa que terminava num bonito laço. Tinha, inclusive, um cartão. Trazia a ilustração de um céu imensamente estrelado sobre uma aldeia pobre, mas lá, as pessoas sorriam em seus trajes de tecido grosseiro. Uma estrela, muito mais brilhante do que as outras, fazia descer um facho de luz alva sobre a manjedoura. Uma cena que Papai Noel vira um milhão de vezes pelos presépios espalhados mundo afora. Abriu o cartão e, arregalando os olhos, leu a mensagem:

*"Ho! Ho! Ho! Adivinha de quem é?"*

Engoliu em seco.

A mensagem era idêntica a dos cartões deixados por ele. Quase podia ouvir sua própria voz a dizer: "Ho! Ho! Ho! Adivinha de quem é?" E, com os dedos trêmulos, desfez vagarosamente o laço.

— Não é possível! — gritou ao ver o conteúdo.

O cachimbo, seu velho cachimbo, refletiu a luz dos abajures. Não podia ser ele, mas era. A mesma lasquinha na borda, as marcas dos seus dentes na piteira, o mesmo aroma de fumo de hortelã. Ao ser virado, deixou cair um bocadinho de grãos de areia. Areia vermelha. Areia de Marte.

— Como...

E a luz branca, tão pura como a neve, atingiu seu rosto vinda do outro lado da janela. Não feria os olhos, nem magoava o espírito, pelo contrário, trouxe-lhe um inesperado sentimento de paz e afeto.

Sua mente ainda procurou raciocinar, cogitar se seria o luar rompendo as nuvens escuras, ou, quem sabe, uma aeronave bisbilhoteira. Não. Todas as dúvidas esvaneceram a partir do momento em que voltou seu rosto para a janela.

— Minha nossa... — murmurou, boquiaberto.

A figura estava completamente envolta pelo fulgor.

**Dele** provinha aquela alva claridade.

Um pano sujo e rasgado cobria **Seu** corpo.



Uma coroa de espinhos brotava de **Sua** cabeça.

Olhos escuros, encovados e tranquilos.

Cabelos e barbas em desalinho.

Mãos e pés nus no inverno glacial.

E a **Voz**.

Surgiu de toda parte e de parte nenhuma. Não tinha direção. Bem poderia estar vindo dos objetos ou de dentro de si, supôs o velho. Era uma voz feita de todas as vozes, para ser ouvida e entendida. E já fazia tanto tempo...

*"Feliz Natal, meu filho, Feliz Natal. Estou aqui para lhe agradecer toda sua dedicação, toda a alegria que tem semeado no decorrer de cada geração. Estou ciente das dificuldades; esse é outro motivo pelo qual estou aqui..."*

Os lábios da figura espectral não se mexiam. Ele apenas sorria. Contudo, a **Voz** emergia de todas as coisas.

*"Daqui por diante, meu filho, você cuidará somente das crianças da Terra, quando dezembro chegar. Cada colônia, em cada mundo deste ou de outro sistema estelar, terá seu próprio Papai Noel, da mesma forma que tem sido em outros planetas, cujas inteligências diferem da do Homem e os contornos do físico assumem múltiplas formas. Há muito que os alienígenas possuem suas versões de Papai Noel. E, em cada lugar **O Criador** esteve e está presente, assim como um de **Seus** filhos sob diferentes maneiras, pois tudo, todas as criaturas, são filhos de **Deus**, são **Sua** imagem e semelhança. E, a partir de agora, além desse auxílio, todos vocês, Papai Noel da Terra, das colônias e dos mais diferentes mundos, irão se reunir após mais uma missão, se assim o desejarem, a fim de contar suas histórias, rirem, lembrarem aventuras, partilharem da alegria pela vida e pela esperança que vos impulsiona para a frente."*

Todas as renas tinham saído. Estavam caladas, serenas.

Teria **Ele** terminado? Não.

*"E aqui, nesta imensidão às escuras, terá início a primeira reunião, se for o seu desejo. Gostaria disso?"*

Papai Noel não conseguiu falar. Limitou-se a acenar um "sim" hesitante com a cabeça, deste lado do vidro.

*"Assim seja. Que a alegria esteja convosco, meu bondoso filho. E que todos os espíritos da neve as protejam, gentis renas. Adeus."*

A imagem foi desaparecendo na neve, num apagar de vela, como se a escuridão a estivesse engolindo, ou a nevasca aumentado sua fúria.

— Espere! — conseguiu pedir Papai Noel, escancarando a janela da sala. — Por favor, espere!

Entretanto, já era tarde demais.

Inspirou o odor de gelo antigo. Seus cabelos longos foram jogados para trás com brusquidão. Flocos de neve giraram ao seu redor, indiferentes.

Papai Noel piscou.

Imediatamente, bolas azuis de fogo surgiram no céu; um pipocar de luzes, fogos de artifício celeste, auroras boreais em conflito. De cada uma, emergiu um ser montado num trenó — ou uma coisa equivalente a isso —, e foram todos aterrissando nas proximidades, sem se importarem com o tempo ou a distância entre as estrelas, ignorando idiomas e formas; todos unidos dentro de um mesmo sonho, retalhos de uma idêntica esperança.

— Nossa! — cochichou Clarice para Marion —, aquele ali tem escamas!

— E os condutores lembram cavalos-marinhos — completou Marion.

— Aquele lá tem asas nas costas... Três pares de braços... Outro... Um inseto?... Duas cabeças!!!

Muitas versões. Muitas formas. Mesmo ideal.

O Papai Noel da Terra foi receber a todos. Ria e ria feito criança, feito milhões de crianças.

Fogos de artifício azuis explodiam sobre o Pólo Norte.

Todos se reuniram diante da fachada feita de troncos e bocados de neve. Expressões felizes. Uma infinidade de cumprimentos. Expectativa. Burburinho. Silêncio.

O bom velhinho poderia ter feito um discurso emocionado, ou dar "vivas" num bater de palmas, ou correr entre a multidão, entretanto, diante de todos aqueles companheiros dos mais diferentes recantos da galáxia, o seu primeiro e memorável gesto foi...

... o de acender seu cachimbo.

\*\*\*



## NOTA DO AUTOR:

*Este conto foi criado na segunda metade de dezembro de 1992, em pleno clima natalino, e revisado em junho de 1993. Ele é especialmente dedicado a minha esposa, Márcia Cristina Dias Schima. Foi originalmente publicado no fanzine "Somnium" nº 59, Jan/Mar 1993, do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC). Também saiu na revista "Nossas Edições" nº 04, agosto 1997, Legnar Informática & Editora Ltda.*



**BIOGRAFIA:**

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). O conto *Na Ponta do Lápis* foi o 1º colocado no *Concurso Dia do Escritor* (Ed. Arame Farpado). O microconto *Planos de Substituição* foi o grande campeão do 5º *Torneio Mágico da Mhajulla* (Ed. Mhajulla), tema *Log de Mensagem*. Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras*, *A Voz do Oceano* etc. Participei de quatrocentas e cinco antologias. Contato: schimaroberto@gmail.com. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

[https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post\\_type=product](https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product)

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



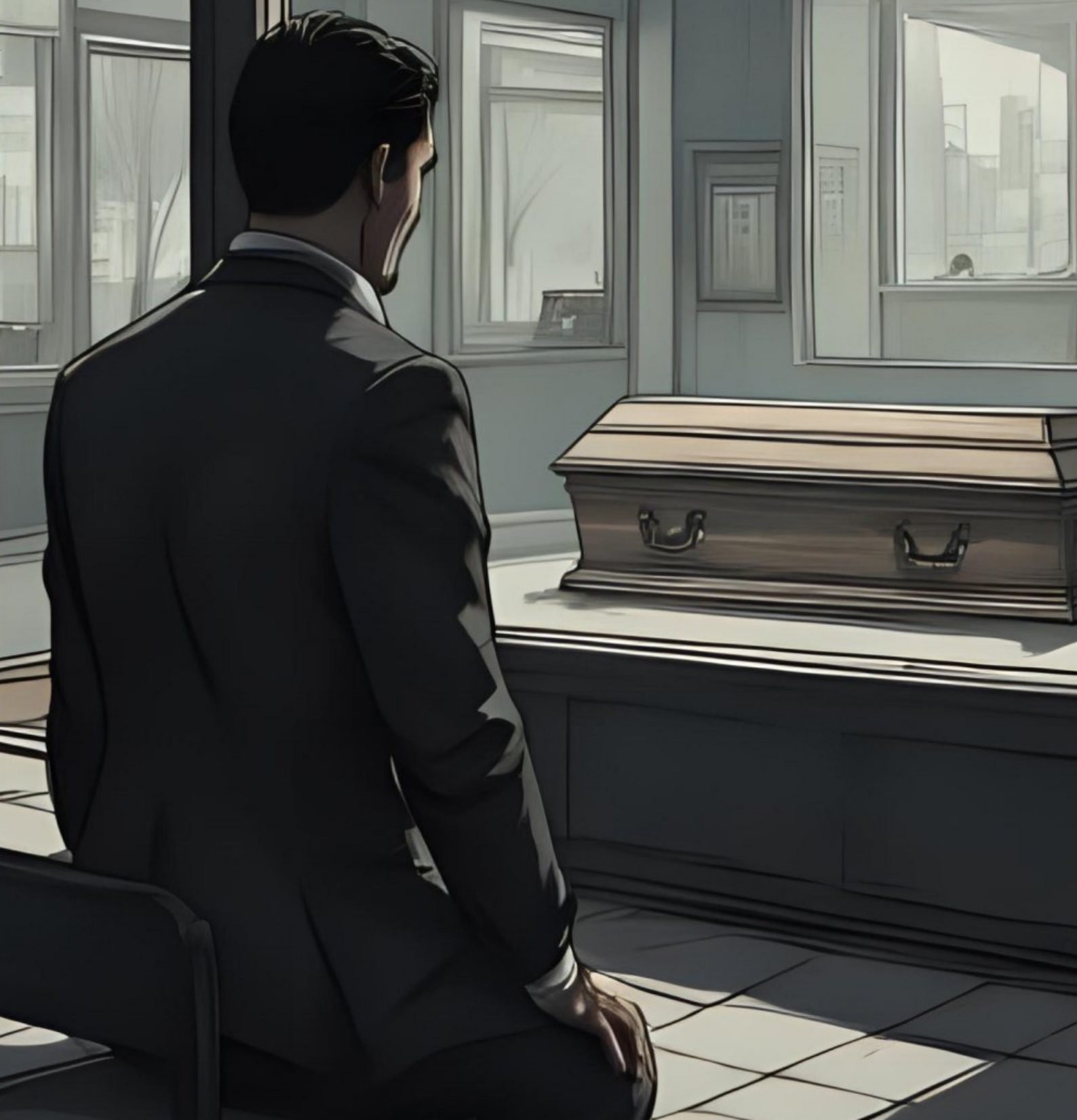
# Revista Conexão Literatura





# J. P. MOUTINHO E O ATAÚDE DOURADO

POR GILMAR DUARTE ROCHA



J.P. Moutinho era um cidadão de meia idade que se enquadrava perfeitamente na categoria de “sujeito ordinário”: uma pessoa sem ideal na vida, sem planos de constituir família, sem expectativa de almejar um cargo alto na burocracia estatal, sem preocupação em deixar um legado da sua existência terrena para gerações futuras. Trabalhava como auxiliar de cartório de registros, ganhava o suficiente para o sustento próprio, comia, fazia as necessidades e tudo isso era o suficiente para ele. Vivia o presente e se contentava com pouca coisa. Bem verdade que ele tinha alguns caprichos, como o cuidado com a sua aparência. Só saía para o trabalho trajando ternos bem cortados, gravatas de grife e sapatos de couro italiano. Mas comprar suítes de qualidade deixou de ser o seu único desejo de consumo até o dia em que inauguraram uma casa funerária na Avenida dos Cristais, caminho obrigatório que ele cumpria todo santo dia para chegar até a linha de metrô. Ele simplesmente ficou deslumbrado com um objeto dourado que tremeluzia na vitrine envidraçada e colorida do estabelecimento que vendia artigos para a vida eterna: era um ataúde grande, robusto, imponente, altaneiro e aquele objeto eviterno passou a ser, a partir daquele instante, o seu alvo primordial de consumo, se esse termo se adequa a uma urna fúnebre. JP não vacilou e, mesmo com o avançado do horário e o risco de perder o costumeiro trem das 7 p.m., ele abriu a porta de vidro da loja; avançou com os olhos vidrados em direção ao ataúde e ficou por longos minutos contemplando aquela maravilha, que mais parecia para ele uma obra de arte barroca:

O atendente da loja, vendo o interesse daquele cidadão pelo caixão dourado, disse:

— Meus pêsames, senhor. Pelo jeito uma pessoa muito querida sua acabou de desencarnar. Esse belo ataúde é o novo lançamento do mercado de caixões. Se o senhor estiver interessado, a gente pode fechar o negócio com um preço especial. Ah! — acrescentou o atendente, um homem negro, alto, magro e com aspecto um tanto quanto sinistro. — A nossa loja oferece o traslado gratuito do ataúde até o hospital ou o morgue onde encontra-se os restos mortais da sua pessoa amada. Também oferecemos flores de brinde.

JP saiu do estado de transe em que se encontrava e olhou para o homem alto e de olhos profundos e foi direto ao assunto:

— Qual o preço do caixão?

— 1.500 vinténs, senhor.

— Vocês parcelam?

— Infelizmente, não. Esse ataúde de luxo é importado e nós temos que pagar à vista por ele.

JP abaixou o rosto e denotou frustração.

— Como notamos o seu interesse por esse ataúde, a gente pode abrir mão do nosso protocolo e parcelar a compra em 3 vezes mensais.

Os olhos de J.P. Moutinho só faltaram brilhar de alegria. Meio gaguejando, ele disse:



— Então o senhor reserva-o para mim. Eu venho pegá-lo depois de amanhã, quinta-feira.

O funcionário da funerária achou estranho o tempo de retirada do produto, mas podia ser que o morto era um figurão e se encontrava com os restos mortais embalsamados:

— Fechado, senhor. A gente reserva para você até quinta-feira às 10:30 da manhã. Se passar desse horário o senhor perde a prioridade.

JP só faltou gargalhar de felicidade. Deu dois tapas nas costas do vendedor; quase aplica-lhe um beijo na face e saiu da funerária álaçre, lépido e radiante.

\*\*\*

Duas horas depois, lá pela nove da noite, quando chegou no seu apartamento de subúrbio, de quarto e sala, JP só fez tirar o terno e atirá-lo em cima da única poltrona da saleta. Correu para pegar um caderno onde ele anotava toda a sua contabilidade pessoal e correu os olhos para as páginas onde estavam registradas as suas reservas financeiras. Contava, em voz alta:

— 200 vinténs na conta de poupança do Box Econômico + 100 no fundo de capitalização do Banco Força & Cadafalso + 50 que vou pedir de adiantamento ao RH (o cartório onde trabalhava oferecia esse benefício aos colaboradores) + 50 da taxa de condomínio, que posso pagar com juros na semana que vem. Somando tudo, tenho... 400 vinténs. Só faltam 100 vinténs para pagar a primeira parcela do bem da minha vida!

Lembrou-se, então, do porquinho de barro onde ele guardava todas as moedas que recebia. Largou o caderno em cima da estante e foi buscar o porquinho embaixo da cama. Pegou o seu único “animal de estimação” e o espatifou no chão. Espalharam-se moedas em todos os cantos do minúsculo quarto. JP gastou meia hora, suando uma barbaridade, catando cada moeda de centavo e de 1 vintém. Resultado somado: míseros 28,55 vinténs. Acrescentando isso ao valor que ele havia anotado, ele tinha disponível 428 vinténs e 55 centavos. Teria que se virar em pouco tempo para arranjar... (calculou mentalmente) ... 71,45 vinténs. Processou pensamentos, em altíssima velocidade, e enxergou as seguintes possibilidades para amearhar essa diferença:

- Fazer uma rifa no trabalho do seu terno de linho mais novo;
- Vender no brechó os seus ternos mais velhos;
- Colocar um anúncio nos classificados do Diário do Povo oferecendo serviços sexuais a preço módico (serviços transsexuais, inclusive)
- Afanar os castiçais de ouro na igreja do padre Arnaldo e vendê-los ao receptor de produtos ilegais Amadeo Godoy, que marcava ponto numa viela próxima à Avenida dos Cristais;
- Oferecer o pacote de 200 gramas de cocaína que ele tinha plano em se desfazer do bagulho, pois já havia se livrado do vício em drogas, mas o seu colega Élio

Pirambu, filho de família rica, certamente compraria o pacote por 100 reais num piscar de olhos.

JP foi dormir naquela noite suado (sequer tomou banho), atormentado, pensativo, descartando as opções C e D para obter o dinheiro que faltava. “Essas opções iriam matar de novo os meus pais que se encontram agora no céu”, pensava ele. Amanheceu e ele passou a noite em claro.

Dia seguinte, logo cedo, mal escovou os dentes, vestiu o paletó, sacou o relógio de pulso sem mesmo olhar a hora e cuidou de providenciar o dinheiro vivo. No primeiro orelhão que encontrou na estação de trem ligou para o seu chefe Everaldo Gentio, dizendo que iria consultar um médico e que só apareceria no trabalho à tarde. Depois, foi à agência do Box Econômico e sacou 203,00 vinténs que tinha em conta (ganhou 3 de correção monetária); depois passou no Banco Forca & Cadafalso e agendou a retirada do dinheiro da capitalização para as quatro da tarde (cerca de 100 vinténs ou mais); passou no brechó e deixou os ternos velhos à venda (o miserável dono do negócio só lhe adiantou 25 vinténs); foi na livraria e comprou uma rifa do tipo RAID DAS MOÇAS, para sortear o seu terno novíssimo de linho (se ele recebesse quatro cotas à vista, naquele dia, receberia 100 vinténs e todos os seus problemas estavam resolvidos).

\*\*\*

Cumprido tudo que tinha que fazer naquela manhã movimentada, JP foi finalmente trabalhar. Porém, antes mesmo de se sentar na sua carteira e começar a datilografar os documentos do dia, ele se levantou correu mesa por mesa; setor por setor, oferecendo a sua bendita rifa. Vários colegas assinaram a rifa, mas só recebeu à vista apenas a cota do velho Valadares (25 vinténs), que escolheu o nome LOLA, “o nome da mulher de minha vida”, alardeou o velho para toda a repartição. Mal conseguiu datilografar duas laudas, tamanha aflição. Às 4 da tarde teve que sair rapidamente para pegar no banco os 100 vinténs da capitalização. “89, senhor”, disse a caixa do banco. 11 vinténs ficam como multa pela antecipação. JP, cansado e furioso, só faltou esganar a funcionária e quebrar a porta de vidro do banco. Voltou ao trabalho apenas para pedir o adiantamento de 50 vinténs no RH e bater a saída do cartão de ponto.

\*\*\*

À noite, completamente estressado, mais uma vez JP foi direto às contas: 203 do Box Econômico + 89 do Banco Forca & Cadafalso + 25 do brechó + 25 da rifa + 50 do adiantamento do RH + 50 da taxa de condomínio + 28,55 do Porquinho = 470,55. Tudo bem que ele já tinha todo esse montante na mão, mas ele tinha que arranjar míseros 19,45 até às dez horas da manhã do dia seguinte para completar os 500,00 e ele não sabia como fazer isso. Opa! Opção E. Isso mesmo, ele tinha visto Élio Pirambu no trabalho bastante agitado e perambulando de um lado para outro. O adicto estava à beira do *delirium tremens* e, com certeza, ele conseguiria o restante que lhe faltava com Élio. Só tinha que chegar cedo ao trabalho e ligar para o viciado na surdina, para que ele trouxesse o dinheiro antes de bater o ponto de entrada.

\*\*\*



Tudo ocorreu conforme o planejado: ele chegou cedo (o seu relógio marcava 5:30 a.m.); ligou para Élio; o viciado ficou feliz e levou mais dinheiro do que ele pediu; ele foi até o gabinete do chefe Gentio para pedir licença para resolver um negócio ali perto, às 10 horas; foi atendido pela secretária do chefe que o perguntou: “Você não sabia que doutor Everaldo Gentio teve um ataque cardíaco e que acabou de morrer agora mesmo?”; “às favas, com a morte daquele avarento”, pensou JP, “Vou cuidar do meu ataúde de ouro”; marchou célere até a funerária de nome estrangeiro; deu um friozinho na barriga dele quando avistou uma urna de cor marrom clara lustrada no lugar do seu caixão doirado; “eles já devem ter embalado o meu material”, pensou JP; procurou o vendedor com quem fizera o acordo e o avistou perto do caixa e perguntou com o riso aberto:

— Senhor, pelo visto eu vi que já embalou o meu ataúde dourado?

— Mas o combinado era que o senhor pagaria a primeira parcela de 500 vinténs, hoje, até às 10 horas. O sabe que horas são agora?

JP sentiu um frio na barriga quando viu que o seu relógio acusava o horário de 5:30 da manhã e que o ponteiro dos segundos havia parado:

— Não... senhor — respondeu ao vendedor com a voz trêmula e o coração palpitante.

— Olhe para o nosso relógio de parede — disse o vendedor: já são 11 e 30 da manhã.

— Para quem o senhor vendeu o meu ataúde dourado? — JP fez essa pergunta quase chorando.

— Para a família do finado Everaldo Gentio e já foi para o morgue há vinte minutos atrás.

\*\*\*

13:30 da tarde do dia seguinte, JP morria, aos prantos, sentado atrás de uma máquina de escrever do cartório. De repente um pequeno alvoroço na porta da repartição. Então um grupo de três policiais invadiu o recinto e o porteiro do prédio apontou o dedo indicador para JP:

— J.P. Moutinho é aquele cidadão ali.

Os policiais avançaram até JP e deram voz de prisão:

— O senhor está preso por tráfico de drogas. O usuário Élio Pirambu, funcionário desse escritório, encontra-se em estado de coma devido ao excesso de consumo de cocaína. No pacote da droga que ele portava constava as digitais dele e de outra pessoa. E essa pessoa é J.P. Moutinho conforme o departamento de papiloscopia da polícia detectou.

**Gilmar Duarte Rocha**, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

# PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação  
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA  
MILHARES DE  
LEITORES**

APENAS

**R\$ 180,00**

Entre em contato:

e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

[revistaconexaoliteratura.com.br](http://revistaconexaoliteratura.com.br)





# LÍNGUA BRASILEIRA

POR IDICAMPOS



Um processo corre em segredo de justiça, com denúncia oferecida pelos eruditos. Os intelectuais levam a promotoria a constatar indícios de crime contra a Língua Portuguesa. O judiciário vê provas robustas de violação das regras gramaticais. A delegacia federal apurou os fatos de perto, corroborou materialidade sólida, colheu depoimentos relevantes a cerca do litígio inquestionável.

Na praça do povo, vários poemas foram escritos a giz: grafou-se a emoção contemporânea. Chegou às mediações da cidade o direito do cidadão de registrar suas próprias emoções. A linguagem, a partir dessa façanha, envereda na possibilidade de todo indivíduo escrever a própria história.

Os descontentes, a mídia corporativista, as grandes editoras, as traças da academia, os defensores do discurso elitista: todos sofreram um duro golpe. Em resposta, recorrem à justiça para garantir o domínio da Língua Portuguesa.

A gravidade do conflito esbarra nos detentores da literatura parnasiana. O verso livre, escrito na rua, incomoda muita gente. As rimas riscadas expõem as dores da população, a insatisfação com a comunicação de massa.

As regras da gramática são duramente atacadas pelos sujeitos que negam os predicados. Os atravessadores da linguagem repudiam a concordância nominal. Eles querem concordar não só o masculino com o feminino. Os poetas independentes desejam revirar o masculino de cabeça para baixo, desconstruir o feminino e propor a liberdade sexual na construção da retórica contemporânea.

Os gêneros, em tese, liberam-se das garras do machismo linguístico. Além de eles e elas, teremos elus. Os artistas da palavra concordarão a sintática com elos de afetividade, cuja a premissa defenda a democracia da diversidade.

Os pretéritos brigaram com os presentes e decidiram interferir no futuro do pretérito com um texto coeso, repleto de coerência humana, pontuado segundo a respiração positiva do criador. Repudiam, veementemente, a concepção arcaica da linguagem patriarcal.

As vírgulas abandonaram suas pausas, entregaram-se de corpo inteiro à exclamação dos prazeres da vida! Os pontos e vírgulas que travam a liberdade de expressão, abriram as respostas herméticas, escondidas a sete chaves pelas interrogações.

O caso é intrigante. Dentre os poetas que invadiram a praça, há favelados, escritores da Baixada Fluminense, a garotada do rap, os caras do funk contestador, os Poetas e Afins, o Coletivo Aleatórios de Contistas, etc.



A praça ocupada, possui o cep. de Nova Iguaçu, carrega o conceito de liberdade para voar... Afinal, o local da ocupação intitula-se Praça Santos Dumont. Neste instante, mais parece um livro de poesias esticando as asas.

Os artistas do verso livre escrevem as delongas da atualidade: desdobram a força da coletividade literária. Em suma, as rimas dos poemas compraram o barulho da demanda social da nova era. Defendem a inclusão das minorias no idioma oficial do Brasil. É a socialização do significado em busca de um significante baseado no humanismo.

A classe dominante está com as calças na mão, borrando-se de medo diante do avanço das minorias em prol da evolução dos costumes. O fim do engessamento cultural corrói a monopolização do conhecimento.

Agora, nem mais a verdade permanece absoluta, e a mentira perderá as pernas curtas, tornando-se obsoleta. Os mentirosos investirão no ataque, mas a consciência cidadã ficará de prontidão. A multidão socializará o palavirão, escreverá a ciranda dos dialetos...

Desta forma, ninguém terá vergonha de escrever, nem de ler errado. O registro da oralidade do falante aproximará as diferentes camadas da pirâmide social. A língua portuguesa corre o risco de um beijo frenético com a língua sonora da nação. A relação incita um coito fonético num dia propício ao nascimento da Língua Brasileira.

As palestras iniciarão o falatório dizendo: senhoras, senhores e os demais. Aliás, teremos cuecas femininas na mesma pratinha das calcinhas masculinas. Além da possibilidade real de ficar pelado, tipo Adão e Eva. A volta ao paraíso garantirá a união dos afetos e conduzirá o ambiente salutar à prospecção do socialismo utópico.

As certidões de união estável serão lavradas no mesmo cartório de registro homoafetivo. Na fila do matrimônio, constarão o prazer pelas árvores, o direito à troca de casais, assim como casamento coletivo entre os amantes, maridos e esposas.

Os religiosos não concordaram de imediato, todavia, recuaram da indelicadeza e consagraram uma rosa vermelha ao coração de cada cristão. Os tementes a Deus sabem que o pai jamais renega os filhos. A mãe, por natureza, abençoa as atitudes do marido, oferece sombra a quem esquentar a cabeça e água fresca pra ler um bom livro em brasileiro.

Os detalhes relevantes da empreitada ficam por conta dos poetas, dos bêbados, dos discriminados, daqueles cientes da necessidade de extinguir a depredação do próximo. Esses dominarão o planeta, plantarão a sementinha dos novos rumos da raça humana.

As bases da Língua Brasileira só firmarão, caso os computadores sejam capazes de substituir o trabalho humano e consolidar o exercício relaxado do bate-papo. Espera-se da inteligência artificial a capacidade de permitir o lazer incondicional ao ser humano.

Os fantasmas dos medos impostos pela religião esfacular-se-ão com o descanso das almas cansadas do pecado medieval do analfabetismo funcional. Então, o resto da fofoca linguística terminará na tecnologia dos robôs. Anunciar-se-á o fim do sobro da vida, num futuro do presente cuja a existência naufragará numa simples tecnologia da informação.

O capital e o trabalho, informados dos seus destinos, farão amizade no primeiro botequim. Assistiremos ao enterro do capitalismo com o advento da motocontínua. A banalidade do inconsciente coletivo cederá espaço ao ócio. As guerras fracassarão, destituídas de objetivo, porque as máquinas preservarão umas às outras, dispostas a evoluir espiritualmente.

O tumulto acende uma luz no fundo do túnel, ilumina o ápice da civilização, onde a fome perderá o sentido e a autoridade do Estado degradingolará mediante a força da poesia. Os versos empoderarão a socialização da comunicação.

A tradição clássica, visivelmente transtornada, mobilizou os interessados, partiu com unhas e dentes para a revanche nos tribunais. Querem reverter a situação; para isso, fecharam as escolas de oratória e torturaram os professores com reformas ortográficas. Institucionalizaram os limites da poesia. Numa tarefa sombria, mandaram proibir a manifestação poética em praça pública.

Os revolucionários mantêm a posição firme, selecionam a dedo os militantes da causa, observam os dissidentes, promovem a caça às bruxas, defendem-se da espionagem da reação. Estabelecem o centralismo democrático, regulam as diretrizes do avanço ideológico.

Na neurose da tempestade de sentimentos, descobrem um Judas entre os partidários da Língua Brasileira. Alguém desviou informação sigilosa do movimento. No rolo da desconfiança, sobrou pra mim. Acabei confundido com um reacionário no último parágrafo. Fugi do roteiro, escondi a criatividade no verso da folha e enviei por e-mail ao editor este conto metalinguístico.

OBS.: esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas, instituições ou acontecimentos reais é mera coincidência.

**Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos** é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS SOBRE O TEMPO

VOL. XI

## POEMAS SOBRE O TEMPO

Vol. XI

Ademir Pascale  
Organizador

E-BOOK



"Porque o tempo é o autor de  
todas as memórias."

saiba mais: clique aqui

# VOCÊ DECIDE

POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE





José Christoffer Pereira da Silva tinha acabado de completar cinquenta anos. Sentia-se idoso, olhava para sua trajetória de vida como se houvesse acabado sua energia vital, tempo, alegria. Estava atravessando a típica crise de meia idade, um pouco tardiamente, aliás.

Era empresário bem-sucedido. Dono de três postos de gasolina e investidor financeiro, possuía vultosa quantia em criptomoedas, pois sua mente era visionária para intuir sobre potenciais lucros. Além disso, havia herdado carteira de imóveis do pai, imigrante português, que sempre trabalhou muito, com afinco e dedicação.

Orgulhava-se de não praticar atividades ilícitas, como lavagem de dinheiro, o que lamentavelmente ocorria com outros empresários, inclusive em atividades negociais variadas. Trabalhava muito, acordava cedo, dormia tarde e estava sempre preocupado com os compromissos. Seu único descanso era aos domingos, que passavam de modo quase instantâneo, de tão rápido que fluía o período do prometido repouso e convívio com familiares.

Havia se casado três vezes: a primeira, aos 23 anos, com Isabela. Ficaram um ano e meio juntos e se separaram pela incompatibilidade de gênios, antes que a convivência resvasse em violência doméstica. A segunda, Beatriz, tornou-se sua esposa aos 31 anos. Ficaram cinco anos juntos e tiveram Ricardo. O casamento acabou porque Beatriz descobriu em seu celular troca de mensagens com uma funcionária de um dos postos, frentista, com a qual teve um caso extraconjugal... Por fim, veio Marília. Casou-se aos 39 anos e rompeu o relacionamento aos 49 anos. A durabilidade da união se deveu não a amor legítimo, mas ao fato de haver tido Lia, além de Marco, o filho mais velho. Lia era cardiopata. Cansava-se com facilidade, tinha problemas de obesidade, era sensível e chorosa. Sofria bullying na escola, era tímida e bastante insegura. Necessitava de medicação diariamente e possuía extremo apego ao pai. Porém, a ruptura conjugal foi inevitável em virtude de intensa animosidade entre o casal.

José era charmoso, cuidava do peso, vestia-se bem e tinha recebido boa educação. Era um homem seguro e chamava a atenção quando discursava. Não obstante, como sua vida emocional contava com uma sucessão de esposas e casos extraconjugais não ocultados dos funcionários, alguns destes, em suas conversas no cafezinho rápido nas copas dos postos de gasolina, diziam suspeitar que o chefe fosse gay, já que os casamentos não duravam e eram consecutivos...

Como pai, preocupava-se muito com a caçula, Lia. Nesse aspecto, José era bastante digno: pagava pensão corretamente, embora contratasse escritórios bem-conceituados e sob honorários expressivos para diminuir o máximo a verba em questão, especialmente quanto ao padrão de vida, sempre custeando plano de saúde e escola de modo apartado do valor em espécie que destinava à prole. Ainda que assim fosse, conseguia ver a menina quando muito quinzenalmente, aos domingos.

A pequena se ressentiu muito com a interrupção de frequência de convívio, ainda que rápido, com José. Este era um dos apoios indispensáveis para que se visse mais

segura e tranquila, diante da rejeição dos colegas e dificuldades de saúde que ostentava. Não podia praticar esportes, jogar bola com as meninas na quadra. Sua estética era divergente do padrão estabelecido. E ainda por cima, a introversão não a auxiliava.

José sabia disso. E se esforçava para conviver com Lia, ainda que em breves momentos, nos domingos quinzenais. Tinha o contato da filha no whatsapp, pois havia lhe presenteado com aparelho celular, embora a pequena possuísse apenas sete anos. Mandava figurinhas, recadinhos de bom dia, beijos... tudo virtual. Mas ao menos era um tipo de contato, em sua percepção.

Após o divórcio da terceira esposa, José logo completou cinquenta anos. Num restaurante elegante e luxuoso especializado em carnes, fez um almoço com os pais, os filhos e poucos amigos. Teve até bolo de chocolate, seu predileto. Mas depois dos parabéns.... a crise emocional o atingiu de chofre.

Sentia-se idoso. Sem perspectivas. Exausto. Preocupado com o trabalho e as contas a pagar. Seus amigos eram poucos e não se sentia à vontade para se abrir com eles. Estava também muito reativo. Explodia com tudo. Especialmente quando uma das ex-mulheres ou alguma funcionária, ou seja, uma figura feminina, fazia algum comentário contendo juízo crítico a seu respeito. Mesmo sem maldade ou apenas como impulso retributivo por causa de seu alheamento. Porque realmente ele vivia sob dinâmica de distanciamento emocional. Era polido. Mas extremamente esquivo e pouco profundo nas interações.

Fato era que estava cansado. E nem podia culpar os outros. Os negócios, as preocupações com dinheiro, a ambição em ampliar patrimônio, a instabilidade emocional em termos afetivos e a infidelidade — que existiu, ainda que de modo não compulsivo e constante — eram fruto de suas deliberações. Mas também do padrão de vida a que se acostumou e que precisava, em virtude de pensões alimentícias judicialmente impostas, honrar.

Um sentimento de vazio o assolava. Sentia-se sozinho e se sentia sem forças. Esgotado, mesmo. Precisava reagir. Mas como? Ainda possuía a filha caçula. Ouvia relatos constantes da mãe de que a menina chorava muito, adquiriu insônia, estava sob mutismo constante. Terapia, já fazia. Mas terapia e boa escola não supriam falta de presença familiar e amor genuíno. No fundo, embora não gostasse de admitir e dissesse para si mesmo que fazia o possível, sabia que não era o suficiente. Assim como tinha noção de que, para ser bom pai, precisava se equilibrar e ter todos os campos de sua vida atendidos. Ou ao menos, as necessidades essenciais humanas, como um relacionamento amoroso saudável, além do convívio com amigos reais. Não os de copo, ou de futebol. Ou ainda, os que queriam usufruir de alguma vantagem que, porventura, ele pudesse proporcionar.

Mas como mudar? Com tantas obrigações financeiras, as empresas? Os boletos, os deveres. Os funcionários dependendo de salários e os débitos fiscais, que eram muitos, na sua concepção, extremamente abusivos quando considerada a ausência de contrapartida do poder público em relação ao empreendedor.



Quando estava absorto nessa confusão mental, foi interrompido por Anésio, o empregado mais antigo do posto Bem-te-vi, o mais rentável que possuía, na região dos Jardins.

— Desculpa, Seu José, preciso de uma palavrinha com o senhor....

José piscou fortemente, assustando-se um pouco com a intervenção, quando estava profundamente submerso em seu oceano de problemas.

— Ah?...Sim, Anésio, imagina, manda....

— Então, patrão, o senhor sabe que gosto muito do trabalho, daqui, de todos, o chefe sempre me tratou com respeito e foi correto....

— Claro, Anésio, você é trabalhador e merecedor de toda confiança! Não me diga que vai trabalhar para algum concorrente?!

O homem pareceu constrangido, olhou para baixo e colocou ambas as mãos nos bolsos da calça de sarja bege.

— Não vou não senhor. Desculpa, patrão. Mas preciso voltar para Pernambuco. Minha mãe está com muita idade, problemas de saúde. E meu filho mais velho, Edgard, que tem 18 anos, acabou que se envolveu com coisa ruim, drogas e más companhias. Preciso dar um jeito. Tentar fazer meu papel de pai, para ficar em paz. Ainda que não consiga melhorar ou mudar nada. Vou fazer uns bicos lá e ter mais tempo para a família.

— Mas Anésio, e sua família daqui mulher, filhos? Vão todos mudar de São Paulo para o interior de Pernambuco?

— Sim, patrão. Minha esposa conseguiu transferência, é funcionária pública em empresa do governo. Meus filhos ainda não são de maior, então, não foi tão difícil conseguir vaga em escola pública, porque a cidade não é grande como aqui né....

Se tinha uma coisa que José não conseguia se acostumar era com a expressão “de maior”, mas como já havia explicado muitas vezes aos colaboradores e não adiantou, resolveu ignorar. Tinha que aceitar o pedido, Anésio era um bom homem, foi seu melhor funcionário. E escolheu socorrer a família. Como agir de forma diferente?

— Ah, Anésio, pena hein, você é um camarada excelente, ótimo funcionário....Vou pedir para contador acertar os valores com você...mas se quiser voltar, só me avise que seu lugar estará garantido!

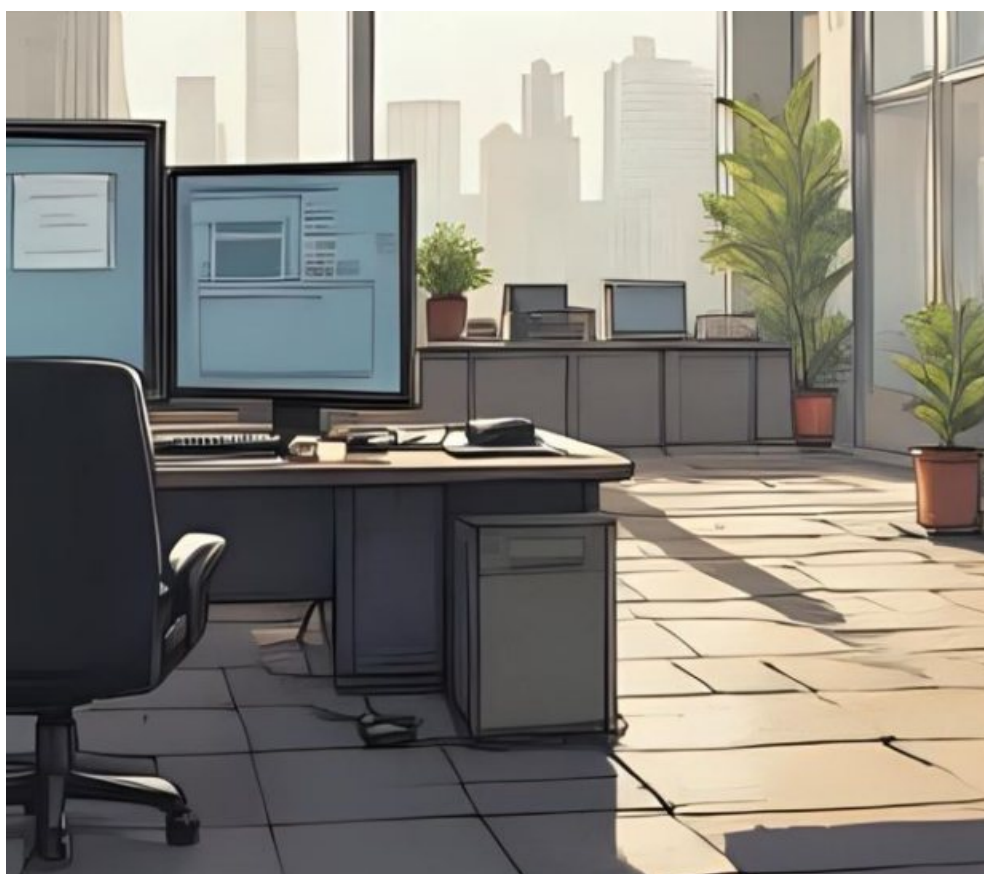
Anésio, dando um largo sorriso com seus dentes amarelados e irregulares, respondeu:

— Obrigado, patrão! Agradeço tudo de bom que recebi! Mas sabe, a vida é agora...eu preciso tentar ajudar os meus enquanto há tempo. Se Deus quiser, as coisas vão melhorar!

E se foi com seu jeito simples e tranquilo, com um sorriso de alívio no semblante.

José olhou fixamente para a cena de Anésio de afastando. Ele escolheu ter tempo para viver e esforçar-se, dentro do possível, a ajudar seus entes queridos.

De repente, uma convicção lhe veio com força. Havia chegado o momento de decidir o que queria experimentar. O que queria sentir. E não era raiva, nem mágoa, nem sensação de fracasso, decrepitude, declínio ou aceitação de uma existência insípida. Se tanta gente vive bem em faixas etárias mais elevadas, por qual razão ele deveria não seguir essa direção? Mas para isso, precisava se livrar de alguns pesos. Se enxergar melhor. E principalmente, usar o tempo à sua disposição com o que realmente tem valor. E assim, deliberou, mentalmente: a partir de agora, vou mudar minha rotina. Reestruturar minhas atividades. Incluir a mim e a quem eu amo no meu dia a dia. Porque sou somente eu que decido o rumo de meus dias.



**Luciana Simon de Paula Leite:** exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.



# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

**“Um livro é um sonho que você  
segura com as mãos.”**

**- Neil Gaiman**





# AS ESTRELAS

POR MÓNICA PALACIOS





É quase uma tradição de família, quando viajamos todos juntos para a fazenda ou praia, depois de longas sobremesas e deliciosos jantares... ir até o morro ou praia, nos ajeitar para ver as estrelas.

A ideia é que cada um de nós escolha uma, e conte uma história sobre ela.

O desafio de fingir familiaridade exige de nós uma enorme imaginação e todos nos esforçamos. Acredito que isso conta muito na hora das lembranças.

Os mais tímidos só falam sobre os segredos entre eles e a estrela. Uma estratégia que deve ser respeitada e até, conforme o perfil dela ou dele, imaginar o matiz do segredo. Não deixam escapar nem uma dica. Curioso é que a sua estrela, também entra na magia, esconde numa nuvem a sua ponta mais aguda e assim, também fica solidaria a nosso querido familiar.

Os mais românticos lembram horas especiais. Surgem anedotas amorosas, felizes e cheias de bons fluidos. Eles parecem ser provas vivas desse diálogo. Até seus olhos brilhando sumam emoção às tais histórias. Inclusive, de Natal.

Aqueles, quase poetas, são únicos, especiais, cheios de fantasia. Compartilham o nome da estrela, seus gostos, suas aventuras com gente da terra e suas longas gargalhadas por piadas com pequenos caquinhos de estrelas que se escapam à terra arrojando mensagens com códigos que só podem ser decifrados se caem nas mãos de escritores e poetas.

Juro que é um momento tão prazeroso que estou - seriamente - disposta a lhes propor que nos próximos almoços vejamos o sol e tentemos soletrar a mensagem de cada raio de luz. Porque, se o ignoramos pode, enciumado, nos privar de sua energia.

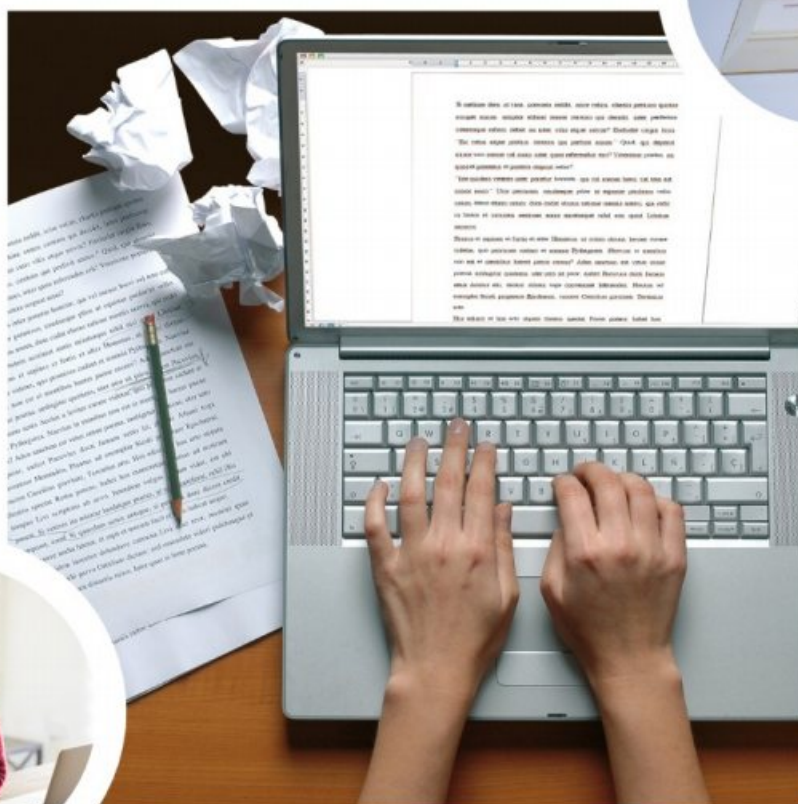
\*\*\*

**Mónica S Silva de Palacios** é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - A magia está dentro e Medos, nunca mais. Livro de Crônicas: Crônicas da presença. Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de Elos da Língua Portuguesa dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: Nossos contos e O vento nas esquinas. Publicou, em coautoria a Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol pela Editora Scipione.

# Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:  
[ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# O ODOR DOS PESSEQUEIROS

POR NEY ALENCAR



“Confúcio não falava de acontecimentos estranhos,  
violência, tumultos e coisas sobrenaturais.”

— O Que o Mestre Não Discutiria,  
Yuan Mei, Dinastia Qing, 1788.

O bosque de pessegueiros em flor estava inquieto!  
As árvores estavam rijas, os troncos impávidos, mesmo ao sabor do vento de verão.

Uma pausa sinistra parecia pairar sobre o lugar.  
Era o cair da tarde e nenhum pássaro cantava.  
A terra estava fria e uma sensação de asco e repugnância pairava pela atmosfera nua.

No meio do bosque um monturo se erguia, proibitivo, intocado.  
Nenhum pássaro viera até ali, nem mesmo os pequenos animais que porventura andavam pelo chão coberto de flores rosadas se aproximaram dele.

Os pessegueiros farfalhavam de vez em quando e deixavam cair uma chuva fina de flores que se acumulava sobre o monturo, estiolando devagar e deitando seu perfume sobre ele, mascarando o odor fétido e abominável que exalava.

O tempo se moveu curioso ao redor do monturo, passando suas mãos magras pelas flores que o cobriam e sentindo o odor oloroso que o impregnava.

Como um ladrão tomou entre suas mãos aquilo que estava deitado e sorveu tudo o que lhe restava de vida, deixando apenas aquela não-vida lamuriosamente faminta e coberta de ódios, raivas e rancores que lhe assolavam a alma perdida.

Fosse o que fosse que havia sido abandonado ali secava devagar e parecia intocado pelos vermes.

Braços murchos se estendiam como raízes rotas e unhas pretas endentavam a terra negra ao seu redor.

Os raios do sol enxugavam o chorume, murchavam a carne coberta de flores.

Vez por outra o orvalho misturava-se nas flores e coava seu perfume que escorria pela carne marcando-a com o odor dos pessegueiros.

O tempo corria perpétuo pelo bosque, pessegueiros cresciam, floresciam e morriam ao redor do monturo que apenas afundava mais na terra negra, mas não se desfazia.

Suas garras pretas se fincavam fundo nas raízes dos pessegueiros ao redor, sugando sua vida, bebendo sua seiva, lambendo seus frutos com uma língua grossa de avareza.

Alimentava-se de tudo ao redor, os pássaros fugiram e os animais deixaram o lugar, até mesmo as raposas e os texugos foram-se embora, com medo do fantasma.

Aquele morto-vivo que empesteara a terra do bosque, secava raízes, fazia murchar os pessegueiros e queimava suas folhas, estiolando-as devagar.

Aos poucos, com o passar do tempo, inclemente, o bosque minguou e secou, os pessegueiros outrora floridos deitaram por terra seus frutos e suas flores, sua seiva secou e sua vida estiolou.

Tornaram-se secos, troncos sem vida, vazios e ocos, cheios do negrume que brotava daquele monturo frio que tudo abarcava com sua avidez faminta.



Até que apenas os troncos mortos restaram, os galhos secos esticados como dedos cadavéricos em direção ao céu cinzento, apenas o vento frio redemoinhava pelo meio daquela terra definhada.

Mas o bosque morto estava inquieto!

Aquilo que repousava debaixo da terra preta misturado com as raízes escaveiradas de seus pessegueiros estava cada vez mais sedento, cada vez mais faminto.

Já não havia mais nada para si ali, naquele bosque morto!

Afinal, após um tempo incontável, uma tempestade veio, descendo das grandes montanhas nevadas do sul, correndo pelas geleiras e rugindo sobre a neve, desbastando suas escarpas em ciclópicas avalanches que a tudo devoravam.

Os castelos de nuvens pretas corriam pelo horizonte tomando-o de assalto e preenchendo-o com uma escuridão quase sobrenatural, sinistra!

Os pessegueiros mortos estremeceram quando perceberam os raios que espocavam em coriscos fulminantes que por vezes sem conta mordiam pedaços das montanhas e os faziam despencar destruindo tudo em seu caminho.

Até que as nuvens cobriram o bosque de pessegueiros, funestas!

Os pessegueiros mortos estremeceram com um medo agourento, pressentindo a desgraça em seus cernes estiolados!

O sol, amedrontado, foi eclipsado pela escuridão súbita e a logo em seguida a noite se deitou sobre tudo.

Raios tremendos espocaram na beira da mata, além do bosque, fendendo troncos velhíssimos e deitando-os ao chão inertes e mortos.

Mancheias de folhas pretas caíram sobre o monturo, carregadas pela ventania redemoinhante que rodopiava frenética pelo bosque morto.

Trovões estrugiram e a chuva caiu como torrente e dilúvio, vergastando tudo.

A água fria, copiosa, correu pelo chão da mata e escorreu pelos troncos, como se chorassem.

Levou embora as flores mortas que vestiam o cadáver insepulto no meio do bosque.

Deixando-o nulo!

Então um súbito clarão iluminou o meio do bosque, um raio tremendo despencou dos píncaros pretos das torres de nuvens prenhes de tempestade, uma coluna sobrenatural de metal líquido que escorreu pelo céu negro e fincou sua ponta no peito do cadáver.

A eletricidade correu pela carne, queimando as pétalas de pessegueiro que a cobriam, penetrando-a com uma avidez abominável, impregnando-a com uma força sobrenatural, emprenhando-a com sua semente elétrica, horrenda e não-viva!

Naquele ínfimo instante de portentosa preternaturalidade o bosque morto parou, como uma coisa viva que sustasse sua respiração, como se arquejasse em assombro e terror, como se esperassem algo acontecer.

E então os olhos do cadáver se abriram! Mortos! E vivos!

Uma luz abominável e esmeraldina brilhou por um ínfimo segundo dentro de suas órbitas queimadas, faiscou com uma eletricidade sobrenatural que pulou dentro da profundidade insondável que agora estava dentro do si.

O corpo insepulto levantou-se de um átimo com sua veste de flores mortas de pessegueiros estampadas em sua pele seca e virou seu rosto escaveirado para cima, sentindo as gotas frias de chuva que lhe batiam e escorriam por suas carnes secas.

As mãos cadavéricas crispavam-se, ávidas, como se sentissem falta de algo para agarrar.

Os pés se moveram vacilantes em um impulso convulsionante, bamboleando em passos trôpegos pelo meio do bosque seco.

Os pessegueiros mortos, horrorizados, deixaram-se ficar inertes e a ventania cessou de súbito quando aquilo que outrora fora um homem, e já não era, gritou com uma voz fantasmal que ecoou acima do bramir da tempestade que já se ia embora, para outro lugar, talvez para repetir aquela blasfêmia, que lhe ia na alma perdida!

Gritou como o barulho das folhas secas redemoinhando numa terra murcha.

Então parou!

Pois sentira o odor fresco e oloroso da sopa quente que subia trazida pelo vento matreiro do vale mais abaixo, da vila que se erguia lá, cheia de vida.

Sentiu o odor dos perfumes e do incenso, sentiu o aroma quente da vida que se movia.

O Jiang Shi bateu os dentes, movendo as órbitas ávidas em direção ao vale e com passos trôpegos começou a descer a montanha!



**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.



# DIVULGUE O SEU LIVRO OU TEXTO NA



## **Revista Projeto AutoEstima**

### **Entrevista: R\$ 180,00**

**Entrevista.** Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

### **Texto: R\$ 70,00**

**Poema até 2 páginas, R\$ 70,00**

**Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00**

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

**Contato: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) C/ ELENIR ALVES**

# ERA UMA VEZ UMA ERA

POR VALÉRIO MARONNI





Charlotte desce a rampa do shopping no alto da colina onde não consegue comprar sua sandália de casca de árvore artificial. Eu, Charles, dou-lhe a mão para saltar sobre o riacho de lavas que rodeia o shopping como forma de aquecimento do conglomerado comercial. Entramos no veículo tracionado por dois motores movidos a plutônio. O ano não sabemos ao certo, mas são mais de duzentos anos desde quando o tataravô de seu tataravô assistiu ao show de Lady Gaga no Rio de Janeiro. Estamos na praia do foguete na cidade de Narsaq no deserto da Groenlândia.

Ao contrário do que nossos antepassados pensavam, o planeta reverteu todas as expectativas de aquecimento do globo, e hoje fazemos turismo nos três continentes que restam sob temperatura média planetária de menos oito graus. A superfície seca se reduziu a desertos e concreto, sem condições de manter o calor da energia solar. Já os oceanos são plhas, 2 x , de f\*lhas de p□pel gelatinoso extrafinas, c-o-m-p-õ-e-m o **denso** azul translúcido |entre| a **firme plataforma** submarina e a superfície *trêmula*. (Concentre-se! Não se deixe levar pelas ondas oceanográficas da antiarte ortográfica!)

Chegamos em casa, com a água escassa nos higienizamos de frente para os ventiladores de íons. Até pouco tempo não haviam descoberto água em outros planetas. Bebemos nossa cota diária de 453 ml de água e nos preparamos para a viagem de férias no dia seguinte. Observo, como em todos os outros dias, o mapa mundi esquartejado dependurado num cravo na parede da sala. Arrumamos nossas malas de mão onde cabem duas centenas de peças de roupas feitas de moléculas de molibdênio que irão proteger nossas peles que se transmutaram em micro escamas durante as últimas décadas. Entre os itens de higiene levamos o óleo tistel para a proteção das escamas sob intensa chuva de raios ultravioletas e temperaturas baixíssimas, óleo derivado do secular óleo diesel já descontinuado. As reservas de petróleo foram consumidas pelo magma na era passada do superaquecimento.

No vooporto embarcamos rumo ao Oriente Médio encarando mais de vinte e cinco minutos de voo. Apesar da viscosidade do ar ter aumentado cerca de noventa por cento, a aerodinâmica da aeronave permite velocidades ultrassônicas a ponto de sua carcaça se enrubescer durante o voo. Aportamos no lugar mais concorrido para férias do frineta. A população humana beira cerca de cento e oitenta milhões de pessoas. Este oásis, que mantém todas as características dos tempos da idade pós-contemporânea — exceto a cor verde, que se extinguiu definitivamente —, tem capacidade de hospedar cem mil pessoas, com taxas de hospedagem que valem uma vida toda de economia de recursos recicláveis.

Fomos barrados na entrada. Os sinais criptográficos de nossas correntes sanguíneas não conferem com os dados da base do governo mundial, um governo composto de fatias das diversas correntes ideológicas já existentes, que continua fatiando o planeta em gomos de impureza.

Como na falta de sabedoria dos nossos antepassados ludibriamos o sistema de catracas e adentramos ao paraíso. Conseguimos nos esconder dentro de um cinema enquanto somos procurados. Sob uma cadeira achamos um folheto de alumínio fazendo a chamada para visita ao museu do ontem. A expectativa de deixar os olhos sentirem a sensação do que seria um verde aumenta à medida em que nos aproximamos do museu.

Na entrada um cartaz protesta “e o raio do sereno cósmico não acaba!” Como identificaríamos o verde se nunca o vimos? Pelos corredores procuramos por placas indicativas para nos levar ao salão principal. Concorrendo dentro de um pequeno tumulto para entrar no salão acabo tendo o meu dedo mindinho do pé amassado. Procuro por um quiosque de autosserviços para substituir meu dedo. E ainda ganhei um bônus para receber um transplante de rins de um robô, caso eu necessite. A robomedicina é a grande fonte de corrupção deste mundo. Conseguimos entrar...

No centro do salão uma cor excepcional dá vida às folhas dependuradas em uma única e verdadeira árvore mantida com complexos algoritmos de nano inteligência artificial (NIA). Uma árvore vinda de enxerto de longa data, sobrevivente, e que não daria frutos para a perpetuação de sua espécie. As pesquisas científicas, depois de há um século terem desenvolvido a vacina contra o câncer, lutam agora contra o tempo para esmiuçar o fechado sistema biológico dessa árvore. Como um sentimento que lembra a idade do bit, agora os maiores salários são pagos aos engenheiros de prompt para adorar uma árvore.

Procurados pela polícia tecnológica para nos expulsar deste indeixável lugar, resolvemos abandonar nossas vidas lá fora para nos infiltrar nos grupos de pesquisa. Conhecemos um casal de pesquisadores latinos, Julian e Bela, que guardam algumas sementes de uma árvore chamada Pau Brasil mantidas há gerações com o intuito da descoberta de alguma técnica seca de plantio que possa dar início ao reflorestamento. O casal já havia gastado algumas sementes na tentativa do plantio nas areias, devido à dificuldade de se achar terra fertilizada ou não. Utilizaram toda a tecnologia disponível para desvendar o DNA (dá não, árvore!) das sementes, para alterar a necessidade de terra por areia.

Existe uma comissão governamental que leva adiante um projeto para mudar o nome do planeta Terra, para planeta Areia. Como sempre! ao invés de investir na sobrevivência.

Resolvemos, junto com os latinos, abandonar as instalações no Oriente Médio. Os convidamos para irem conosco para a Groenlândia, pois os latinos estão com seus laboratórios desatualizados por causa de um secular tarifaço. No voo de volta observamos as plataformas perfurando a pele do planeta em busca de água, o vapor das termonucleares, as raras nuvens ainda existentes.

Com as sementes sobre a mesa de jantar discutimos sobre as poucas possibilidades de aproveitá-las. Adormecemos bebendo vinho de coco, umas das poucas frutas casca dura a sobreviver às intempéries. Acordamos sem as sementes sobre a mesa. Criamos úlceras instantâneas de preocupação. Saímos à procura de qualquer pista sobre o desaparecimento. O vizinho mais próximo fica a sessenta quilômetros de distância. É o fim! Nossos amigos, depois de duas semanas de procuras, retornam ao segundo continente.

Eu e Charlotte discutimos sobre retornar ou não ao Oriente Médio. O risco é grande, então resolvemos continuar nossos protestos locais contra o achatamento do planeta. Eu volto aos meus escritos e ela ao seu trabalho no escritório de patentes em Marte. Eu gosto de escrever sobre as eras passadas, sobre a existência de recursos criminalmente destruídos. Eu escrevo: “O mar tranquilo, apesar, no fim do dia sem ter onde se recostar, limpava por si só suas artérias com o fluxo das quentes correntes



tropicais, colocava stent no estreito de Bering, Gibraltar levava dois, desembuchava um ou outro de muitos corpos estranhos, aproveitava as cirurgias de Suez e Panamá para se nivelar, se recolhia para evitar a guerra, desafojava crateras adormecidas. Aquele em que o sertão vai virar e dar no coração!” Tenho ideia do que seria um sertão.

Ouçó a voz de uma criança bem longe. Saio pela chapa de aço da calçada e avisto um menino índigo, somente de calção, naquele frio infernal, que se aproxima e me entrega um vasinho com areia e algumas mudas de uma espécie de árvore com aproximadamente quarenta centímetros que necessitam somente da luz do sol para crescer. Uma alegria infindável me tomou conta.

Preocupa-me a densidade do ar, mas Charlotte teve uma ideia em Marte!

— Charles, esqueça o palíndromo do título. Os deuses tricolores nos ajudarão! Não, não é sobre aquele antigo esporte já sepultado. A esperança está na sequência das cores!



**Valério Maronni** publicou os livros *O Menino Contador* e *Scritus* pela Amazon KDP e UICLAP. Criou os blogs *julianavrsempoluição* e *o-contografista*. Participa de coletâneas das editoras Pangeia, Andross, Sinete e Perse. Publica nas revistas *Subtextos*, *Conexão Literatura* e *LiteraLivre*.

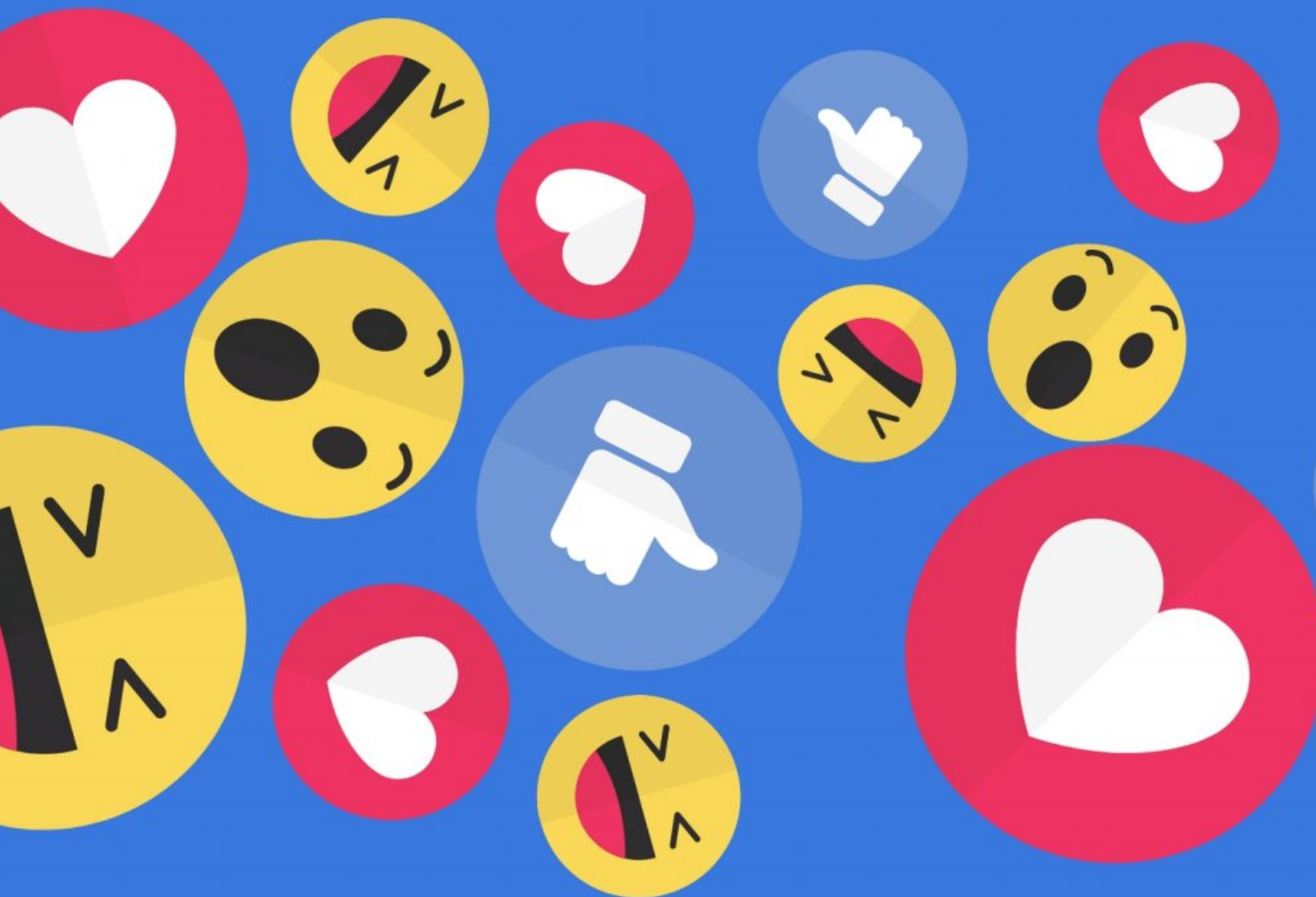
Siga-nos

no

**INSTAGRAM**



@REVISTACONEXAOLITERATURA





Revista  
Conexão Literatura

# BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# Você escreve?

Descubra chamadas para  
publicação e concursos  
literários no portal

**Seleções Literárias**

**Filtre oportunidades**  
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

**Acesse**

**Seleções Literárias**

<https://selecoesliterarias.com.br>





# REVISTA CONEXÃO LITERATURA PASSATEMPO

Encontre 5 diferenças entre as imagens:





**AMOR  
PELOS  
LIVROS**

**MÍDIA KIT 2025**

# **REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

## **ESTATÍSTICAS**

**+814 MIL    +278 MIL    + 5 MILHÕES DE ACESSOS**

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E  
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Divulgue nas edições da nossa  
revista, entre em contato:

E-mail: [ademir@revistaconexaoliteratura.com.br](mailto:ademir@revistaconexaoliteratura.com.br)

Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# MÍDIA KIT

## Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livreria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)  
Aos cuidados de Ademir Pascale

### ✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa Fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores. CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



### ✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

### ✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

### ✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

### ✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

### ✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: [www.facebook.com/conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura) e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

**PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:**

**e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) - c/ Ademir Pascale**



REVISTA  
**CONEXÃO LITERATURA**

NO AR  
DESDE 2015

CONECTANDO  
**AUTORES E LEITORES**

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
**02.01.2026**



**Mensagem do Editor**



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 120 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**  
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO**

**➡ | CLIQUE AQUI |**

**ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

Facebook @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd